



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Câmpus de São José do Rio Preto

João Vitor de Paula Souza

O canibalismo contemporâneo em *Jantar Secreto* e no jornalismo:
movimentos na palavra e na sociedade

São José do Rio Preto
2022

João Vitor de Paula Souza

O canibalismo contemporâneo em *Jantar Secreto* e no jornalismo:
movimentos na palavra e na sociedade

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Angélica Karim Garcia Simão

São José do Rio Preto
2022

S729c Souza, João Vitor de Paula
O canibalismo contemporâneo em Jantar Secreto e no jornalismo : movimentos na palavra e na sociedade / João Vitor de Paula Souza. -- São José do Rio Preto, 2022
129 p. : tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto
Orientadora: Angélica Karim Garcia Simão

1. Léxico. 2. Representação. 3. Canibalismo. 4. Literatura Brasileira Contemporânea. 5. Mídia. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

João Vitor de Paula Souza

O canibalismo contemporâneo em *Jantar Secreto* e no jornalismo:
movimentos na palavra e na sociedade

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

Comissão Examinadora

Prof^a. Dr^a. Angélica Karim Garcia Simão
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto
Orientadora

Prof^a. Dr^a. Sheila Elias de Oliveira
UNICAMP – Campinas

Prof. Dr. Lauro Maia Amorim
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

São José do Rio Preto
25 de março de 2022

Dedico este trabalho, executado em sua quase totalidade durante a pandemia de Covid-19:

Aos trabalhadores do Sistema Único de Saúde e demais trabalhadores da saúde;

Aos trabalhadores dos serviços essenciais, por continuarem trabalhando presencialmente, enquanto eu praticava o isolamento social, resguardando-me do vírus;

À equipe do CIP (Centro Integrado de Pesquisa) do Hospital de Base de Rio Preto, por me aceitarem no estudo clínico do desenvolvimento da vacina da Medicago, tendo, no dia 01 de julho de 2021, aplicado em mim a primeira dose do que, na época, eu não sabia ser vacina ou placebo, mas que representou uma primeira dose de esperança, uma centelha que me fortaleceu a continuar lutando pela sobrevivência pessoal, social e científica;

A todos que, de alguma forma, acreditaram na ciência e movimentaram-se para a minimização da pandemia vigente.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Marta e Carlos, por todo o apoio e o incentivo aos estudos, desde a infância; pela ajuda amorosa e os sacrifícios feitos para que eu pudesse me dedicar à minha formação durante a graduação e a pós-graduação. Amo muito vocês!

Ao meu irmão, Marcelo, por ser uma inspiração, ao me mostrar que é possível concluir um curso superior e continuar estudando; por ter me dado meu primeiro “Guia de Profissões da UNESP”, do qual nasceu um sonho. Gratidão profunda!

À minha orientadora, Angélica, por estar presente em minha vida desde 2017; por me entender, me complementar; acima de tudo, por ser uma excelente docente, orientadora e pessoa. Nada seria possível sem você!

Ao professor Celso, por ter sido meu orientador em dois projetos de Iniciação Científica durante meus primeiros anos de graduação; por ter me dado boas ideias, me ensinado muito sobre pesquisa e escrita acadêmica; por me incentivar a continuar.

Aos professores do IBILCE, pelos debates, os ensinamentos e os momentos ao longo dos anos de graduação e pós-graduação. Vocês são tudo o que eu precisava! Aos professores de outras instituições, onde cursei disciplinas como aluno especial durante o Mestrado, pela oportunidade de suplementação.

Ao IBILCE em si, por ser um dos meus lugares favoritos no mundo. Aos funcionários do câmpus, especialmente os servidores da Seção Técnica de Pós-Graduação, por estarem presentes e resolverem problemas.

Aos debatedores do SELin e membros das bancas do Exame Geral de Qualificação e da Defesa deste trabalho. Muito obrigado por aceitarem conhecer minha escrita e por me ajudarem a progredir cada vez mais.

Aos amigos que acreditaram em mim e comemoraram comigo cada etapa e cada conquista. Anna, Alex e Giovana, vocês são demais; especialmente à Mabi, por caminhar ao meu lado no caminho que é a pós-graduação e dividir momentos de vida.

Aos meus irmãos de orientação, Denise, Júlia e Lucas, por compartilhar muitos momentos de união genuína e de sonhos semelhantes. Amo vocês para sempre!

Ao escritor Raphael Montes, pela escrita inspiradora e instigadora; por ter criado *Jantar Secreto* e com ele o canibalismo contemporâneo que viabilizou esse projeto.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, à qual agradeço.

“Histórias sobre comida são histórias sobre nós mesmos”. Sempre achei isso tão bonito, mas nunca entendi direito. Agora entendo.
(MONTES, 2016, p. 129).

*Só a ANTROPOFAGIA nos une. Socialmente.
Economicamente. Filosoficamente.*
(ANDRADE, 2011, grifos do autor).

RESUMO

Partindo de um olhar para o “canibalismo” enquanto tema pouco investigado e considerado um tabu em diversas esferas (linguística, social, jurídica, etc.), este trabalho busca analisar uma literatura policialesca contemporânea de gênero e autor não canônicos, mas que lançam uma visão crítica acerca da sociedade vigente, e, ainda, do gênero jornalístico na web, tão presente na sociedade atual. Dessa forma, nos debruçamos sobre a palavra “canibalismo”, observando movimentos que se desdobram tanto na palavra, como na sociedade, por meio de investigação no âmbito ficcional, no romance *Jantar Secreto* (2016), de Raphael Montes, como no não ficcional (textos retirados da versão on-line da “Folha de S.Paulo”). Assim, objetivamos avaliar o que os usos contextualizados de tal palavra revelam sobre a divisão e o embate de sentidos presentes na sociedade, o que ilustra palavra e sociedade como propícias à diferença e à contradição. Os resultados apontam para a construção de efeitos de sentido diversos acerca do canibalismo no decorrer do *corpus*, associados a diferentes representações (HALL, 2016). Nessa perspectiva, o canibalismo entendido como reflexo de loucura, como crime, como ato imoral, e ainda discussões acerca da desumanização das vítimas e críticas ao sistema capitalista e/ou ao comunismo, foram alguns dos sentidos encontrados, o que anuncia à sociedade, por meio da reflexão lexical, aquilo de si que não é nobre, e, em muitos casos, comprova a alteridade típica do “ser canibal”. Isso ilustra certos conflitos e divisões presentes na sociedade. Desse modo, com uma metodologia de análise qualitativa, buscamos, por meio da leitura de textos que problematizam a temática em diversas perspectivas, entender quais relações são estabelecidas entre o léxico mobilizado no *corpus* investigado, e como tais relações se configuram em representações, ou seja, como o léxico, contextualizado nos discursos, evidencia efeitos de sentido que são (re)produzidos socialmente.

Palavras-Chave: Léxico; Representação; Canibalismo; Literatura Brasileira Contemporânea; Mídia.

ABSTRACT

Considering that there is little published data on “cannibalism” and that the topic is evaluated as a taboo in many spheres (linguistic, social, legal, etc.), this research attempts to analyze contemporary crime fiction literature of noncanonical genre and author, which have a critical perspective about the current society, and, also, the journalistic genre on the web, so present on contemporaneous society. Therefore, this work looks over the word “*canibalismo*”, observing movements that result not only in the word itself, but also in society, through the investigation of the fictional scope, the novel *Jantar Secreto* (2016), written by Raphael Montes, and of the nonfictional (texts taken from the online version of the Brazilian newspaper “Folha de S.Paulo”). Thus, the aim was to assess what the contextualized uses of that word can reveal about the meaning division and dispute that are present in society, which illustrate both the word and society as propitious to difference and contradiction. Results show the construction of diverse effects of meaning regarding cannibalism throughout the corpus, associated with different representations (HALL, 2016). In this perspective, cannibalism, understood as a reflex of craziness, as a crime, as an immoral act, and also discussions regarding the dehumanization of the victims and critics of the capitalist system and/or communism were some of the present meanings, which announce to the society, through lexical reflection, what of society is not noble, and, in many cases, proves the typical alterity from the “cannibal being”. That illustrates certain conflicts and divisions present in society. Therefore, the analysis methodology is qualitative, seeking, through the reading of texts which problematize the theme from many perspectives, to understand which relations are established between the lexicon used in the investigated corpus. And also, how these relations are configured as representations, that is, how the lexicon, contextualized on discourse, demonstrates effects of meaning which are socially (re)produced.

Keywords: Lexicon; Representation; Cannibalism; Contemporary Brazilian Literature; Media.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Excerto de <i>Jantar Secreto</i>	69
Quadro 2 – Excerto de <i>Jantar Secreto</i>	70
Quadro 3 – Excerto de <i>Jantar Secreto</i>	72
Quadro 4 – Excerto da Folha de S.Paulo	74
Quadro 5 – Excerto da Folha de S.Paulo	76
Quadro 6 – Excerto da Folha de S.Paulo	78
Quadro 7 – Excerto de <i>Jantar Secreto</i>	80
Quadro 8 – Excerto de <i>Jantar Secreto</i>	82
Quadro 9 – Excerto de <i>Jantar Secreto</i>	83
Quadro 10 – Excerto da Folha de S.Paulo	84
Quadro 11 – Excerto da Folha de S.Paulo	86
Quadro 12 – Excerto da Folha de S.Paulo	88
Quadro 13 – Excerto de <i>Jantar Secreto</i>	89
Quadro 14 – Excerto de <i>Jantar Secreto</i>	91
Quadro 15 – Excerto de <i>Jantar Secreto</i>	93
Quadro 16 – Excerto de <i>Jantar Secreto</i>	94
Quadro 17 – Excerto da Folha de S.Paulo	95
Quadro 18 – Excerto da Folha de S.Paulo	96
Quadro 19 – Excerto da Folha de S.Paulo	98
Quadro 20 – Excerto de <i>Jantar Secreto</i>	99
Quadro 21 – Excerto de <i>Jantar Secreto</i>	101
Quadro 22 – Excerto de <i>Jantar Secreto</i>	102
Quadro 23 – Excerto da Folha de S.Paulo	104
Quadro 24 – Excerto da Folha de S.Paulo	105
Quadro 25 – Excerto da Folha de S.Paulo	106
Quadro 26 – Excerto de <i>Jantar Secreto</i>	108
Quadro 27 – Excerto de <i>Jantar Secreto</i>	109
Quadro 28 – Excerto de <i>Jantar Secreto</i>	110
Quadro 29 – Excerto da Folha de S.Paulo	112

Quadro 30 – Excerto da Folha de S.Paulo	113
Quadro 31 – Excerto da Folha de S.Paulo	115

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Análise de Discurso
ADC	Análise de Discurso Crítica
DW	Deutsche Welle
LA	Linguística Aplicada
MDMA	3,4-metilenodioximetanfetamina
MDPV	metilenodioxipirovalerona
MST	Movimento Sem Terra
MTST	Movimento dos Trabalhadores Sem Teto
PUC	Pontifícia Universidade Católica
SS	<i>Schutzstaffel</i>
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviética

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. QUESTÕES TEÓRICAS EM TORNO DO LÉXICO	19
2.1 Léxico e Lexicologia	19
2.2 Palavra, lexia e vocábulo	22
2.3 Léxico e discurso	23
2.4 Sentido e noções correlatas	25
2.4.1 Por uma noção de efeito de sentido.....	26
2.5 Campos associativos, conceituais e semânticos	28
2.6 Sinonímia e Antonímia	30
3. O CONTEXTO E SUAS IMPLICAÇÕES PARA UM ESTUDO DO LÉXICO	32
3.1 A teoria do contexto de van Dijk (2012) e suas relações com o léxico e os discursos	32
3.2 O contexto inventivo da literatura policialesca	35
3.2.1 O Gênero Policial.....	35
3.2.2 Novas configurações no Gênero Policial e Romance policialesco no Brasil.....	37
3.2.3 Sobre o autor e sua obra.....	40
3.2.4 Literatura de massa <i>versus</i> alta literatura: breves comentários	43
3.3 O discurso jornalístico enquanto gênero e suporte	45
3.3.1 O contexto instantâneo do webjornalismo	46
4. CANIBALISMO E SUAS REPRESENTAÇÕES	49
4.1 O conceito de “Representação”: aspectos linguísticos e culturais.....	49
4.2 Canibalismo em diferentes perspectivas	51
4.3 Canibalismo: crime e mídia	55
4.4 Canibalismo: arte e literatura.....	59
4.5 Canibalismo em Jantar Secreto: considerações prévias.....	61
5. Metodologia de pesquisa	63
5.1 Composição do <i>corpus</i>	63
5.2 Sobre a análise dos dados	64
6. A respeito da análise dos dados	66
6.1 Contextualização <i>jantar Secreto</i> : do enredo e dos personagens centrais	66
6.1.1 Do enredo.....	66
6.1.2 Dos personagens centrais	67
6.2 Análise dos dados.....	69

6.2.1 Canibalismo e loucura.....	69
6.2.2 Canibalismo e crime.....	80
6.2.3 Canibalismo e (i)moralidade	89
6.2.4 Canibalismo como crítica social ou como crítica ao Outro	99
6.2.5 Canibalismo e desantropomorfização	108
7. Considerações Finais.....	118
Referências.....	123

1. INTRODUÇÃO

Consideramos que a literatura é universalmente compreendida como expressão artística e cultural que se materializa por meio da linguagem. Assim, o léxico literário é um campo fértil para pesquisas nos Estudos Linguísticos e em Lexicologia. Compreendemos, nesse sentido, que o léxico se torna bastante expressivo na literatura policalesca contemporânea e nos textos de Raphael Montes, no sentido de lançar um olhar crítico sobre a sociedade vigente. O canibalismo, temática de *Jantar Secreto* (2016), enquanto tabu, gera, no imaginário social brasileiro, uma associação à antropofagia dos povos originários; já na ficção, de modo geral, o que se vislumbra é a figura do psicopata, ou seja, de alguém em um desvio social/psicológico, sendo Hannibal Lecter o canibal por excelência; em contrapartida, no livro de Raphael Montes, o tema é mobilizado de modo a expor uma desordem social vigente que naturaliza e, por vezes, banaliza violências, explorações e desigualdades extremas e, deste modo, neste trabalho, selecionamos como objeto de análise o léxico do romance *Jantar Secreto*, a fim de investigar, no texto literário e tomando o léxico como ponto de reflexão inicial, como o tema central da obra se manifesta por meio da palavra “canibalismo” e itens análogos, bem como quais relações podem ser estabelecidas entre essa unidade lexical no texto literário e em textos jornalísticos retirados do jornal “Folha de S.Paulo”.

Dessa forma, este trabalho se justifica tanto pela exploração de tema social e linguisticamente tabuizado e, por isso, pouco explorado, como pela busca por evidenciar como alguns sentidos da lexia “canibalismo” estão cristalizados em decorrência da aquisição social do léxico (reproduzido nos discursos diversos), ou seja, que tem significações mais estáveis e como, por outro lado, outros usos do vocábulo evidenciam inovações de sentido decorrentes de fatores majoritariamente contextuais e estilísticos, ou seja, exploramos certos movimentos na palavra e na sociedade. Nesse sentido, entendemos que uma temática, sobretudo quando é tabuizada e se mantém renegada pela convivência social, pode revelar interessantes questões acerca dessa sociedade, por exemplo sua ordem social. Em nosso caso, o estudo do canibalismo indica importantes reflexões relacionadas a questões de natureza ideológica do que se deve ou não dizer/fazer e como dizer/fazer.

Também nos inspira o estudo de obra literária brasileira contemporânea de autor não canônico já que, em muitos casos, esses escritores são estigmatizados e excluídos dos trabalhos científicos, especialmente quando se trata de obra do gênero policial(esco), visto, por muitos pesquisadores e críticos, como tipo menor de literatura. O caráter ficcional parece dar abertura

criativa para usos e ressignificações de unidades lexicais e de temas de interesse geral, uma vez que, por afastar-se da realidade objetiva, ao mesmo tempo em que reflete criticamente sobre a ordem social, pode criar e discutir temas que, por vezes, não encontram espaço em outros contextos. No caso do gênero policialesco, o uso da violência, do medo e do crime para desenvolver histórias complexas (inclusive da perspectiva de críticas sociais), parece encontrar um terreno fecundo.

No caso dos textos retirados do jornal “Folha de S.Paulo”, a grande quantidade de páginas com menções à lexia canibalismo, no período entre 2001 e 2020, indica que o tema, embora tabu, não deixa de interessar à imprensa e ao público leitor, o que implica considerarmos a relevância social e linguística do vocábulo e de sua discussão temática, que permanece atual. Entendemos, portanto, que a partir do estudo da palavra “canibalismo”, tanto no âmbito “ficcional-literário”, como no “não ficcional-jornalístico”, podemos compreender os sentidos socialmente acumulados de tal lexia e a desestabilização de sentidos em contextos concretos. Essa análise que parte da palavra pode revelar, para os Estudos Linguísticos e as Ciências do Léxico, mais sobre a ordem social vigente e a produção de sentidos na linguagem (tabuizada) em uso. Também pode ser substancial para análises nos Estudos Literários, tanto com base em nosso referencial teórico, como nas análises *transdisciplinares* do texto literário em uma perspectiva linguística e, de modo análogo, para trabalhos que se debruçam sobre o texto jornalístico.

Para a sociedade, fica a reflexão sobre os usos de sua própria língua, da organização social compreendida por meio dos usos contextualizados do léxico, e também da análise de gênero literário definido enquanto literatura de massa, o que representa parte da própria cultura de massa de um povo e uma época e, ainda, resiste à margem do sistema canônico tradicional. Além disso, o fazer linguístico e lexicológico se mostram fundamentais para que a sociedade se veja, encarando, em si, o que não é nobre, a exemplo dos conflitos e divisões presentes na contemporaneidade.

A questão do canibalismo e da antropofagia tem sido abordada em estudos científicos, em diferentes áreas, o que contribui para a transdisciplinaridade empregada em nossa pesquisa. No estado da arte atual, podemos citar algumas obras que nos serviram de base teórica e/ou fomentaram nossas análises. Cabral e Nick (1979) em seu *Dicionário técnico de psicologia* dedicam pequeno verbete ao termo “canibal”, entendido como forma de psicose na perspectiva da Psicologia.

Por sua vez, Diehl e Donnelly (2007) apresentam o livro *Devorando o vizinho: uma história do canibalismo*, obra que discute o tema em uma perspectiva majoritariamente histórica

(mas que recorre à Antropologia e aos Estudos Culturais, por exemplo). Os autores apresentam um panorama de casos reais de canibalismo da pré-história da humanidade ao início dos anos 2000, tecendo comentários e, inclusive, apresentando projeções futuras para essa prática.

Fuller (2008), em seu livro *O caso dos exploradores de cavernas*, discute evento jurídico ficcional baseado em crime real em que o canibalismo é debatido na perspectiva da Filosofia do Direito. O pensamento jurídico e o funcionamento do aparato legal sobressaem às discussões do canibalismo em si, mas a obra é interessante tanto sobre a perspectiva legal, como moral, acerca do tema, já que o caso analisado remete à noção de canibalismo por necessidade.

Já Gund (2018), em sua Tese de Doutorado *À mesa com escritores canibais: devoração e literatura*, ilustra como o canibalismo é tematizado em textos da literatura brasileira e universal, percorrendo do período das Grandes Navegações, até a literatura mais recente, com foco em João Ubaldo Ribeiro e Antônio Torres, os “escritores canibais”.

Nos estudos da Antropologia, temos o livro *O canibal: grandeza e decadência*, de Lestringant (1997), que percorre a história do canibalismo, focando em questões como a organização de sociedades antropófagas, o modo como os ritos eram/são conduzidos e os impactos socioculturais dessa prática tão antiga em diferentes grupos humanos. Nos Estudos Linguísticos e Lexicais, por outro lado, o tema não parece ser muito abordado, especialmente do modo como o conduzimos na presente investigação.

Nessa perspectiva, levando em conta conceitos encontrados na Lexicologia, propomos analisar, qualitativamente, os empregos da palavra “canibalismo” e unidades correlatas, isto é, relacionadas ideologicamente no texto analisado (“canibais”; “carne (humana)”; “antropofagia”; “jantar”, dentre outras), tema central da obra literária selecionada, *Jantar Secreto*, e em textos midiáticos, de modo a investigar aspectos relacionados aos diferentes usos de tais lexias, quando em contextos discursivos diferentes (literário, jornalístico), considerando os efeitos de sentido nos discursos em que são tradicionalmente anunciadas, bem como da sua retextualização na ficção literária. Buscamos investigar: em quais discursos a palavra se insere e quais representações e estereótipos moldam a construção de sentidos dessa unidade do léxico, em uso; quais sentidos da lexia se cristalizaram em português brasileiro devido à aquisição social do léxico e seus usos históricos e como esses sentidos são desestabilizados/retextualizados nos contextos analisados; como os efeitos de sentido da lexia “canibalismo” são reconstruídos nas diferentes leituras/interpretações possíveis.

Para tal fito, nossa metodologia de análise é qualitativa, buscando por meio da leitura de textos sobre a temática em perspectivas diversas, analisar, com base em princípios da

semasiologia (Baldinger, 1966), o campo das significações da lexia “canibalismo”, ou seja, os diferentes sentidos atribuídos a essa unidade, avaliando os efeitos de sentido que essa atribuição social desencadeia em contextos efetivos de uso, com suas particularidades discursivas, contextuais e estilísticas, por exemplo.

Assim, a organização da presente Dissertação será a seguinte: O primeiro capítulo, intitulado “QUESTÕES TEÓRICAS EM TORNO DO LÉXICO”, destaca a inserção da presente pesquisa nos Estudos Linguísticos, especialmente na Linguística Aplicada e na linha de pesquisa Lexicologia e Lexicografia, sendo que nosso trabalho, ao analisar o léxico, se filia à Lexicologia. Esse capítulo também aborda e define termos que são importantes para expressar nosso posicionamento teórico-metodológico e que serão resgatados por meio de nossas análises. São termos como “palavra”, “lexia”, “discurso”, “(efeitos de) sentido”, “campo associativo” e “sinônimo”, alguns dos que guiam as compreensões iniciais em torno de nosso fato linguístico e escopo.

O segundo capítulo, “O CONTEXTO E SUAS IMPLICAÇÕES PARA UM ESTUDO DO LÉXICO”, apresenta uma conceituação de “contexto”, com base em van Dijk (2012) e as implicações desse termo para uma análise lexical como a que propomos. No mesmo capítulo, definimos a literatura policial(esca) e os textos jornalísticos, como contextos discursivos, apontando suas particularidades enquanto contextos distintos, ao mesmo tempo em que tecemos aproximações entre eles como gêneros que, em alguma medida, tratam da temática da criminalidade e podem se interessar por fatos em comum, como o canibalismo aqui investigado. Também apresentamos informações acerca do autor de *Jantar Secreto*, Raphael Montes, e de sua produção literária até o momento.

No terceiro capítulo teórico, denominado “CANIBALISMO E SUAS REPRESENTAÇÕES”, primeiro apontamos aspectos linguísticos e culturais em torno da noção de “representação” (HALL, 2016) por nós empregada, o que culmina em breve discussão sobre o processo de estereotipia em linguagem. Na sequência, discutimos a noção de canibalismo em diferentes perspectivas, buscando uma compreensão ampla e transdisciplinar acerca do tema. Ilustramos a discussão com a mobilização de casos reais de canibalismo e como esses casos são retratados na mídia e, ainda, com figurações do canibalismo na arte e na literatura, aproximando a teoria de nosso *corpus* de análise. Por fim, apresentamos discussões prévias sobre o canibalismo na obra *Jantar Secreto*, com base em momentos anteriores à nossa pesquisa e publicados em Souza e Simão (2020).

Após os três capítulos que norteiam nossa perspectiva teórica e analítica, detalhamos os procedimentos metodológicos de construção do *corpus* de investigação; e de análise

descritiva dos dados, para, na sequência, apresentarmos nossas análises. A seguir, apresentamos o primeiro capítulo da presente Dissertação, no qual discutimos, a partir da Lexicologia e outros ramos dos Estudos Linguísticos, a inserção teórica deste trabalho.

2. QUESTÕES TEÓRICAS EM TORNO DO LÉXICO

Neste capítulo, destacamos, inicialmente, a inserção deste trabalho no âmbito dos Estudos Lexicais, especialmente na Lexicologia, refletindo sobre como compreendemos a referida área dentro dos Estudos Linguísticos e a visão *transdisciplinar* (MOITA LOPES, 2006) que temos de tais estudos; posteriormente, evidenciamos alguns termos e conceitos essenciais para a compreensão e a tecitura desta dissertação, definindo-os e relacionando-os com o bojo da presente pesquisa.

2.1 Léxico e Lexicologia

Nesta seção, discutimos, a partir de teóricos do Léxico: Antunes (2012), Batista (2011), Biderman (1998; 2001), Henriques (2018), Nunes (2006), Polguère (2018), Vilalva e Silvestre (2014) e também do *Dicionário de linguagem e linguística* (TRASK, 2011), diferentes perspectivas sobre os conceitos de “léxico” e “Lexicologia”.

Nos estudos do léxico, (Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, Terminografia, Fraseologia e Fraseografia, dentre outras áreas), a Lexicologia pode ser concebida como uma ciência antiga cuja preocupação central está em descrever, estudar e analisar o léxico, suas unidades, suas relações e, especialmente, suas significações. Assim, neste trabalho, entendemos a Lexicologia como a área da Linguística “que estuda o LÉXICO e a sua organização a partir de pontos de vista diversos. [...] cabe à LEXICOLOGIA dizer cientificamente em seus vários níveis o que diz o LÉXICO, ou seja, a sua significação.” (HENRIQUES, 2018, p. 13, grifos do autor).

Nesse prisma, entendemos que os Estudos Lexicais são vastos e podem ser levados a cabo por meio de diferentes perspectivas, sendo um campo de estudo propício para a *transdisciplinaridade*. Conforme Moita Lopes (2006), entendemos que a Linguística Aplicada (LA), campo científico ao qual nos filiamos, é transdisciplinar (ou interdisciplinar, indisciplinar, mestiço, transgressivo), isto é, opera no cruzamento de disciplinas (dentro e fora dos Estudos Linguísticos). Além disso, é característica inerente da área a investigação de usos sociais em que há uma centralidade da linguagem, ou seja, a linguagem em contextos de interação social. Nesse sentido, a visão que trazemos para este trabalho é de incorporação de outras disciplinas, áreas e ciências e, também, de questões relacionadas aos usos sociais do léxico, como questões ideológicas e sociopolíticas, como veremos no decorrer deste capítulo e

dos subsequentes. A visão transdisciplinar da Lexicologia aqui empregada, incorporando conceitos da LA; da Análise de Discurso Crítica (ADC), especialmente a teoria do contexto de van Dijk (2012); das humanidades (Antropologia e História, por exemplo); é também propícia ao estudo de temas marginalizados, tais como os tabus linguísticos e sociais vigentes em dada língua/cultura, como a temática do canibalismo aqui investigada.

Batista (2011), em sua obra *A palavra e a sentença*, aponta que cada língua “se estrutura em torno de um léxico [...] e de uma gramática.” (p. 25), ou seja, para o autor, as línguas naturais são compostas por um conjunto de elementos lexicais e um conjunto de regras de combinação. Nessa visão, não há língua sem léxico. Assim, o léxico pode ser compreendido como entidade linguística que estabelece relações e representações entre a língua e o mundo biopsicossocial, ocupando, portanto, uma posição intermediária entre o intra e o extralinguístico. Já a gramática é a entidade responsável pela estruturação interna das línguas.

Villalva e Silvestre, por sua vez, tratam de definir o conceito de “léxico”, partindo de uma concepção ampla, como “[...] um repositório das unidades lexicais de uma língua [...]” (2014, p. 20). No entanto, os autores fazem uma ressalva imediata, ao apontar que todas as partes dessa concepção são controversas. De fato, é inegável que um olhar superficial para a definição apresentada pode fazer com que o leitor pense que o conceito de léxico (ou mesmo de língua) trate de uma lista finita de itens lexicais. Antunes (2012) também faz essa ressalva ao afirmar que o léxico não é simplesmente uma nomenclatura das coisas do mundo extralinguístico, mas se trata de um rico e produtivo sistema. Na mesma perspectiva, Trask (2011, p. 153) complementa essa ideia ao apontar que o léxico não é entendido como “uma longa lista de palavras. Ao contrário, concebemos o léxico como um conjunto de recursos lexicais, que incluem os morfemas da língua e mais os processos disponíveis na língua para construir palavras com esses recursos”. Ou seja, é também compreendido como sistema renovável e produtivo.

Desse modo, Batista (2011, p. 34) chama nossa atenção para algumas características importantes do léxico, como o fato de que ele “[...] é um conjunto sempre pronto a receber unidades novas (produtividade lexical) e a descartar unidades que deixam de ser usadas pelos falantes (incluem-se aqui as unidades consideradas como arcaísmos)”. Nesse sentido, o léxico é entendido como sistema aberto e produtivo, podendo incorporar novas palavras e expressões, novos significados para unidades léxicas já existentes e ainda se desfazer de unidades em desuso. Tais procedimentos sempre atendem às necessidades comunicativas dos falantes, nas sociedades, o que prova que as línguas são sistemas “vivos”, que passam por variações e

transformações de diversas naturezas, nunca sendo um produto estático e acabado. Antunes (2012, p. 29) corrobora tal posicionamento ao postular que o léxico é:

[...] aberto, inesgotável, constantemente renovável, não apenas porque surgem novas palavras, mas, também, pela dinâmica interna das palavras, que vão e vêm, que desaparecem e reaparecem, que mantêm seus significados ou os mudam, de um lugar para outro, de um tempo para outro.

Polguère, por seu turno, aponta que a Lexicologia é o “[...] ramo da Linguística que estuda as propriedades das unidades lexicais da língua, denominadas *lexias*” (2018, p.49, grifos do autor). As *lexias* relacionadas à temática do “canibalismo”, encontradas no *corpus* deste trabalho, serão as unidades de análise da presente investigação. O conceito de “lexia”, bem como noções análogas, será definido na próxima seção deste capítulo.

Nessa perspectiva, para Biderman (2001, p. 14), o léxico de uma língua pode ser entendido como “tesouro cultural abstrato” de um povo, sendo compreendido como “patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história”. Assim, como já indicamos, não se pode desvincular o léxico, bem como a língua e a linguagem, de fatores extralinguísticos, como seus usuários e suas relações com a história, a sociedade e a cultura.

É nesse sentido que Biderman (1998) descreve as duas dimensões do léxico: a social e a individual. Na primeira, é adquirido socialmente, sendo (re)transmitido entre as gerações de um mesmo povo/cultura, ao longo do tempo. Já na segunda, “o léxico é conceptualizado como um conjunto de representações” (BIDERMAN, 1998, p. 90). Ou seja, a autora concebe léxico não como conjunto de “palavras”, mas de representações socialmente construídas e fixadas. A noção de representação será aprofundada, no terceiro capítulo “CANIBALISMO E SUAS REPRESENTAÇÕES”, com base em Hall (2016).

Com essas breves definições iniciais, e o indicativo de que operamos este trabalho com uma visão discursiva de léxico, entendemos que, assim como toda a linguagem humana, o léxico é uma entidade dinâmica, variável e compreendido em meio a questões de natureza extralinguística, como contexto¹, cultura e ideologias. Van Dijk (2005, p. 16-17, tradução nossa) aponta que embora em sua origem “ideologia” representasse o estudo das ideias, o termo tem sido usado pelo senso comum de modo impreciso e, muitas vezes, com conotações

¹ O conceito de “contexto”, quando empregado por nós, se refere à definição de van Dijk (2012), que será abordada no segundo capítulo desta Dissertação.

negativas (no que diz respeito às ideologias alheias). De modo mais técnico, podemos compreender esse conceito como conjunto de “[...] crenças específicas, fundamentais de grupos de pessoas. Assim, [...] uma ideologia é o fundamento das representações sociais compartilhadas por um grupo social”² (DIJK, 2005, p. 17).

Nessa perspectiva, compreendemos que ideologias e discursos representam as ideias de grupos sociais e, quando esses grupos detêm poderes (econômicos, políticos, sociais, culturais, etc.), tornam-se estruturantes das sociedades, não restringindo-se a um grupo específico, mas organizando toda a vida social, inclusive fazendo parte da construção e das vivências de grupos minoritários e oprimidos. Dessa forma, tanto os discursos, como as ideologias, são compreendidos como *práticas sociais* que se desdobram nos usos da linguagem. Nesse sentido, operamos este trabalho com os conceitos de discurso e ideologia, que estão relacionados, haja vista que é nos discursos que se pode encontrar marcas ideológicas. Ou seja, discursos, bem como ideologias, compreendidos enquanto práticas sociais, deixam marcas no léxico.

Esse modo de fazer Lexicologia é apoiado em teóricos como Nunes (2006, p. 155)³ que afirma que o fator determinante para a significação é “o lugar que os sujeitos ocupam frente a seus interlocutores.” Assim, os sentidos de determinado item lexical dependem do contexto em que as lexias ocorrem bem como de quem são os interlocutores envolvidos. Essa perspectiva teórico-metodológica que coloca a Lexicologia em interface com outros campos do conhecimento, especialmente com a ADC, será essencial para o desenvolvimento de toda a pesquisa. À continuação, tratamos de definir os conceitos de “palavra”, “lexia” e “vocábulo”, como entidades que compõem o léxico e, também, como possíveis unidades de análise.

2.2 Palavra, lexia e vocábulo

Nesta seção, apresentamos os termos em destaque a partir de escritos teóricos de Batista (2011), Biderman (2001) e Polguère (2018). A terminologia apresentada ora se aproxima e ora se afasta. Buscamos, portanto, selecionar os termos mais precisos para a tessitura deste estudo.

Em princípio, a Lexicologia poderia ser entendida como a ciência que estuda os constituintes das línguas denominados “palavras”. Nesse sentido, embora o termo “palavra”

² No original: “[...] creencias específicas, fundamentales de grupos de personas. Por lo tanto, [...] una ideología es el fundamento de las representaciones sociales compartidas por un grupo social.”

³ Entendemos que a perspectiva da Análise de Discurso (AD) do autor insere a noção de um sujeito que se representa pelo inconsciente que não é adotada neste trabalho. Entretanto, retomamos sua consideração por entender que os discursos, são determinados pela ideologia.

seja, por vezes, descartado dos Estudos Lexicais por ser considerado pouco operacional, já que são muitos os autores que consideram o termo ambíguo e pouco preciso e, portanto, o substituem por outras noções mais técnicas e específicas, tal conceito é importante e sempre retomado para as discussões lexicais, tanto no âmbito científico, como na sociedade.

Biderman (2001), é uma dessas autoras e, ao tratar da noção de “palavra”, partindo do conceito de relatividade linguística de Sapir-Whorf, afirma que não é possível haver uma conceituação universal para o termo, mas que cada língua/cultura o concebe de acordo com suas especificidades. A lexicóloga, tratando do português brasileiro de modo particular, aborda um conjunto de critérios que podem ser úteis para a delimitação e definição do conceito. O primeiro critério é de caráter fonológico; o segundo de natureza gramatical e o terceiro é de ordem semântica. É necessário ressaltar que a autora não vê esses critérios como as únicas possibilidades de se chegar a um conceito “operacional” de “palavra” e também não os vê como excludentes. Ou seja, a melhor maneira de se realizar análises lexicológicas em português é, nessa concepção, operar com os três critérios como um conjunto que leva a um modelo significativo de “palavra”.

Há, no entanto, outros termos que parecem úteis para a presente análise. O primeiro deles é “vocábulo”, que corresponde à palavra atualizada no discurso (em uso, flexionada), ou seja, a definição deste conceito é pautada em seu caráter concreto (BATISTA 2011). Com uma definição parecida com a noção de “vocábulo”, outros autores, como Biderman (2001) e Polguère (2018), adotam o termo “lexia” (ou ainda “unidade lexical”, “item lexical”) para expressar a noção de unidade linguística atualizada no discurso.

Dada a natureza de nossas análises, retomaremos esses conceitos em momentos futuros, mas já indicamos que operamos com os termos “palavra”, “lexia”, “item lexical”, “unidade lexical” e “vocábulo”, entendidos como sinônimos, como nossa unidade essencial de análise, indicando não só nossa discussão dentro do fazer lexicológico, como também buscando ampliar a inserção da pesquisa na esfera social. A seguir, refletimos, mais detidamente, sobre as noções de léxico, discurso e suas interfaces.

2.3 Léxico e discurso

Nesta seção, trataremos, a partir de van Dijk (2005), de como a ADC, um dos aportes teóricos e metodológicos mobilizados neste trabalho, se configura relevante para uma proposta de análise lexical. Definimos “discurso” e discutimos conceitos desta área (e de suas

interfaces), com base em Vieira e Macedo (2018) e Hall (2016) e, a partir de Antunes (2012), van Dijk (2012) e Nunes (2006), aproximamos as reflexões aos Estudos do Léxico.

Como já adiantamos, nossa perspectiva de análise prevê que se estabeleça uma associação direta entre léxico e a esfera discursiva. Tal associação nos parece fundante, tendo em vista que a ADC lida com o uso da linguagem na sociedade, sendo, geralmente transdisciplinar, pautada em investigar a linguagem em interação contextual e, ainda, se preocupa com a produção, reprodução e legitimação das relações de poder e dos efeitos de sentido por meio dos usos da linguagem no meio social (DIJK, 2005, p. 20), características que dialogam com os propósitos desta pesquisa.

Para Vieira e Macedo (2018, p. 64), o termo “discurso” é concebido como “[...] modo de ação, é prática social que altera o mundo e os indivíduos nesse mundo em relação dialética, é moldado por relações de poder e ideologias.” Por outro lado, Hall (2016, p. 26) aponta que chama-se de perspectiva discursiva “[...] qualquer abordagem em que o sentido, a representação e a cultura são elementos considerados constitutivos”. Ou seja, em uma abordagem como a nossa, o léxico, bem como a língua e a linguagem, devem ser analisados em uma perspectiva em que os sentidos, as representações e a cultura constituem o próprio objeto e o próprio fazer científico.

Nesse sentido, ter uma concepção discursiva de léxico é reconhecer a influência de fatores extralinguísticos para os Estudos Lexicais. Assim, entendemos que as lexias têm história e materializam valores, ideologias, posicionamentos histórico-sociais, bem como outros fenômenos contextuais, produzindo sentidos.

Por seu turno, Antunes (2012), apoiada em Marcuschi (2004), compreende léxico como sendo uma espécie de memória sociocognitiva que reflete o conhecimento humano, as experiências extralinguísticas, a política, a cultura, enfim, os contextos discursivos e as ideologias de determinados grupos sociais ou épocas.

Assim, o léxico é visto como parte integrante do discurso, que por sua vez passa por transformações tanto no nível formal como no semântico, e encarna ideologias e relações sociais entre os sujeitos. Nesse sentido, fatores extralinguísticos são relevantes para a análise linguística; só se pode interpretar uma unidade lexical ou um discurso de acordo com o contexto em que os interlocutores se inserem. As línguas têm, portanto, história e passam por transformações sistemáticas de acordo com as transformações sociais. Nesse sentido, em nossas análises, buscamos entender como as unidades lexicais funcionam, quando inseridas em contextos discursivos diferentes, e como produzem efeitos de sentido.

Nunes (2006, p. 150), por sua vez, afirma que a perspectiva discursiva da análise lexical

“traz elementos para uma compreensão do léxico enquanto objeto linguístico afetado pelo discurso, ou seja, pelos processos históricos de significação.” Pensar nas relações entre léxico, contexto e discurso é compreender, portanto, que língua e sociedade estão em constante relação, havendo um contato de influências da história, da cultura e das ideologias, que se configuram como representações na linguagem. Nesse sentido, entendemos a importância de se pensar quais discursos moldam a temática central do romance analisado e quais efeitos ideológicos são produzidos na obra a partir das escolhas linguísticas em torno da unidade “canibalismo”, contrastando tais efeitos aos encontrados em textos do jornal “Folha de S.Paulo”.

Deste modo, buscamos desenvolver uma abordagem de análise que leva em conta a esfera de uso discursiva, visto que, além de considerar os elementos da significação semântica, também enfocaremos as unidades léxicas no nível do discurso, por meio de textos jornalísticos, em contraste com a composição literária. Apresentamos, a seguir, breves reflexões sobre a noção de sentido e termos correlatos.

2.4 Sentido e noções correlatas

Nesta seção, buscamos tratar de outros termos que são úteis para uma compreensão mais precisa das relações lexicais que serão analisadas no escopo deste trabalho, partindo de uma noção de sentido e abordando conceitos correlatos. Buscamos referência em Biderman (1998; 2001), van Dijk (2012) e Polguère (2018).

Biderman (2001, p. 16), partindo de uma concepção saussuriana de “signo linguístico”, aponta que “[...] a Lexicologia faz fronteira com a semântica, já que, por ocupar-se do léxico e da palavra, tem que considerar sua dimensão significativa”. Na mesma perspectiva, a noção de valor “[...] resulta da presença simultânea dos outros signos dentro do sistema e aos quais ele se contrapõe, formando uma rede semântica” (BIDERMAN, 1998, p. 111).

Por sua vez, Polguère (2018, p. 132, grifos do autor) entende “sentido” como relações de equivalência, apontando que “duas expressões linguísticas que têm (aproximadamente) o mesmo sentido são chamadas **paráfrases**.” Isto é, quando se trata de definir linguisticamente o sentido de determinada expressão, o modo mais natural é recorrer às suas paráfrases: o sentido de uma expressão está intimamente ligado às propriedades compartilhadas com suas possíveis paráfrases.

Diferenciando a noção de “sentido” da noção de “significado”, o autor atesta que “[...]”

o sentido está para a expressão linguística, como o significado está para o signo linguístico” (POLGUÈRE, 2018, p. 135). Desta forma, os termos são usados em esferas diferentes. Já van Dijk aponta a noção de significado (do discurso), simplificada, da seguinte maneira: “conceitos expressos por palavras” ou “proposições expressas por orações e sentenças” (2012, p. 247), podendo chegar a representar significados gerais (como assuntos) ou mesmo discursos inteiros (2012, p. 247).

O próximo termo que nos parece produtivo ter em conta é “denotação”. Como delimitado por Polguère (2018), neste trabalho, usamos o termo como sinônimo de “sentido linguístico”. Uma lexia denota outra a partir da apreensão linguística de seu sentido.

Por outro lado, ao tratar de definir o termo “referente”, o autor aponta que esta é a entidade do mundo a que um dado enunciado pode designar em um contexto determinado. Assim, “o sentido pertence à língua, ao passo que o referente só existe na fala [...]”. (POLGUÈRE, 2018, p. 137). Ou seja, enquanto o referente só pode ser identificado quando em um contexto específico, o sentido permanece sendo uma característica inerente à expressão linguística.

Para encerrar esta seção, incluímos a definição do termo “conotação”, enquanto sentido apreendido a partir de uma lexia ou expressão que não é necessariamente expressa pela lexia (ou seja, difere-se de sua denotação, de seu sentido). A conotação parece ser fruto da interação da expressão linguística com o contexto, sendo que “[...] as lexias da língua influenciam nossa maneira de ver o mundo, não somente através de seu sentido como também através de suas possíveis conotações” (POLGUÈRE, 2018, p. 140).

Os conceitos apresentados serão mobilizados ao longo da presente investigação. A noção de sentido será novamente debatida à continuação, avaliando se o conceito é suficiente para a tessitura desta pesquisa, quando comparado com a noção de “efeito de sentido”.

2.4.1 Por uma noção de efeito de sentido⁴

Nesta seção, discutimos a noção de “efeito de sentido”, com base em diferentes perspectivas, buscando aporte em Antunes (2012), Austin (1990), Grice (2005a; 2005b) e Moreira (2012).

Grice (2005a, p. 488) aponta que, ao escrever ou dizer algo, o sujeito tenta produzir

⁴ Não nos referimos ao conceito de “efeito de sentido” da Análise do Discurso Francesa. Para uma reflexão sobre como essa área define o termo, ver Possenti (1997).

algum tipo de efeito na audiência por meio do reconhecimento, ainda que parcial de sua intenção comunicativa. Assim, o autor aponta que, para que um texto tenha “significado”, é preciso que o efeito desejado esteja, em alguma medida, dentro do controle da audiência: dos leitores.

Desse modo, entendemos que os efeitos de sentido de determinada lexia (ou texto) serão produzidos (ou construídos) pelos leitores, no momento da leitura. Além disso, neste trabalho, discutimos efeitos de sentidos como possibilidades (visão não restritiva ou normativa) de leitura acionadas pelo léxico nos diferentes contextos discursivos.

Grice (2005b, p. 520), tratando de suas “máximas conversacionais”⁵, afirma que a materialidade linguística pode implicar em uma série de efeitos de sentido (como a ironia, a metáfora) e interpretações que vão das mais naturais até as menos esperadas. Dessa forma, entendemos que a produção de efeitos de sentido, na leitura, é múltipla e vai além do que é expresso literalmente nos textos, pois pode ser desencadeada tanto pela memória social do léxico (mais ligado às representações), como por questões de ordem estilística e contextual.

Já Austin (1990, p. 70 apud Moreira 2012, p. 60) aponta que a linguagem, por não ser literal e precisa, abre espaço para a interpretação. Assim, “o efeito de sentido se produz com ou à revelia da intencionalidade do sujeito.” Isto é, por mais que haja uma tentativa de controle do discurso por meio do falante/escrevente, é apenas no momento da leitura/interpretação, como forma de interação social, que os efeitos de sentido serão, de fato, produzidos, o que implica reconhecer a diversidade de interpretações. Retomando Grice (2005b), entendemos que o autor observa uma certa “cooperação” entre os usuários da língua, tendo em vista o papel ativo do sujeito leitor para a construção de efeitos de sentido. Ressaltamos, entretanto, que tal cooperação não pode ser neutra, considerando as relações ideológicas e expressões de poder em linguagem.

Moreira (2012, p. 61), ainda baseada em Austin (1990), afirma que “o que importa realmente não é o que o enunciado ou a palavra significam, mas sim a situação de sua enunciação, o sentido e o efeito que ela provoca”. Desse modo, ao propormos analisar os *efeitos de sentido* da lexia “canibalismo” em contextos discursivos, entendemos que tais efeitos são produzidos quando os elementos linguísticos se relacionam com a “situação”, com o contexto e outros elementos de ordem extralinguística.

Para encerrar esta seção, recorremos a Antunes (2012, p. 24) que aponta que o léxico é

⁵ Para o autor, o cumprimento ou não das “máximas” é um dos elementos que pode desencadear efeitos de sentido diversos. Não nos aprofundaremos na delimitação das máximas de Grice, dado o escopo de nossa análise.

componente fundamental para a construção textual de efeitos de sentido, ou seja, as unidades lexicais são elementos-chave na construção de textos e na produção de efeitos de sentido e intenções. Ainda nas palavras da autora (p. 43), esses efeitos são fluidos e correspondem à motivação da escolha dos itens lexicais em determinado (con)texto, sendo que:

pensar ‘nos efeitos decorrentes da escolha das palavras’ é reconhecer que, em um texto, uma palavra expressa mais que um sentido; ela serve também à expressão de uma intenção, de um propósito (às vezes, mais de um!), em função do que determinadas palavras (e não outras) são escolhidas.

Ou seja, o uso de determinadas palavras em determinado texto representa uma escolha, um propósito comunicativo de se produzir determinados efeitos de sentido, efeitos esses que podem ser de diferentes naturezas e serão, na prática comunicativa, construídos de maneira diversa por leitores diferentes, aproximando-se ou distanciando-se dos efeitos pretendidos, isto é, serão produzidos nos momentos de leitura e interpretação.

Assim, desta seção, para o desenvolvimento da presente Dissertação, destacamos como essencial o entendimento da noção de “efeito de sentido”, pois apresentamos, na análise da lexia “canibalismo”, discussão de como o léxico em contextos discursivos é parcialmente responsável pela produção de múltiplos efeitos de sentido nos momentos de leitura. Apresentamos, na sequência, reflexões sobre as noções de campos associativos, conceituais e semânticos, isto é, formas de organização do léxico.

2.5 Campos associativos, conceituais e semânticos

Agora, abordaremos, brevemente, as noções de “campos associativos”, “campos conceituais” e “campos semânticos”, com base em Henriques (2018) e Polguère (2018), uma vez que, nosso objeto de análise recobre a unidade lexical “canibalismo” e unidades correlatas, ou seja, pertencentes a um mesmo campo.

Polguère (2018, p. 198) aponta que “[...] lexias de um determinado campo semântico se agrupam naturalmente na mente do Locutor, porque seus sentidos remetem todos a um mesmo domínio, e formam uma mesma ‘família semântica’”. Isto é, as unidades lexicais de um mesmo campo podem coocorrer em um mesmo discurso, em um mesmo cotexto, o que faz com que seus sentidos se *autorremetam*, e isso, em alguns casos, possibilita uma ampliação dos efeitos de sentido produzidos pelo discurso. Assim, as lexias se associam em blocos

significativos que aproximam e relacionam certas representações e afastam outras.

Segundo Henriques (2018, p. 76), “a associação entre palavras pode ser feita a partir de ligações de sentido, mas também pode acontecer por razões puramente formais ou até por uma combinação entre forma e significado.” Assim, o autor define três tipos de “campos” em que palavras podem ser reunidas a depender do tipo de associação estabelecida e da finalidade de tal agrupamento.

Delimitando, portanto, os diferentes tipos de agrupamento, Henriques (2018, p. 78, grifos do autor) aponta que um “**campo associativo**” “[...] permite reunir palavras a partir de qualquer associação coerente (semântica ou não) que exista ou se faça existir entre elas [...]”. Ou seja, pode referir-se a conjuntos de vocábulos organizados por temas, origem etimológica, categoria gramatical, propriedades fonológicas, morfológicas, etc. Já um “campo conceitual” refere-se ao “[...] contingente de palavras que se agrupam ideologicamente, por meio de uma rede de associações e interligações de sentido”. Por fim, um “campo semântico” é um “[...] contingente de palavras que se agrupam linguisticamente, por meio de associações e interligações de sentido [...]”.

A título de ilustração, adaptamos a constelação que o autor faz da lexia “escravidão” (HENRIQUES, 2018, p. 77) e apresentamos, a seguir, modelo similar construído com a unidade “canibalismo”:

Linha 1: “**canibalismo** / selvageria / brutalidade” (Associação semântica);

Linha 2: “**canibalismo** / canibal / canibalístico” (Associação morfossemântica externa, ligada ao radical);

Linha 3: “**canibalismo** / feminismo / comunismo” (Associação morfossemântica interna, identidade do sufixo “ismo” que designa substantivo abstrato);

Linha 4: “**canibalismo** / batismo / algarismo” (Associação sonora da terminação “ismo”);

Linha 5: “**canibalismo** / veganismo / frugivorismo” (Associação semântica - modelos alimentares);

Linha 6: “**canibalismo** / loucura / doença” (Associação semântica - sentido figurado relacionado a um desvio de normalidade);

Linha 7: “**canibalismo** / indiferença / recuperação” (Associação fono-ortográfica, palavras com cinco sílabas e onze letras);

Linha 8: “**canibalismo** / coração / cerveja” (Associação ortográfica, palavras iniciadas pela sílaba C + vogal).

Nesse prisma, considera-se como “campo associativo” todas as linhas apresentadas; como “campo conceitual” apenas as linhas 1, 5 e 6; e como “campo semântico” apenas as linhas 2 e 3. Deste modo, por uma questão de ordem terminológica, decidimos abordar a lexia

“canibalismo” e unidades correlatas que se associam ideologicamente, nos discursos, por meio de seu *campo conceitual*, como veremos ao longo deste trabalho. A seguir, abordaremos as noções de “sinonímia” e “antonímia”, encerrando, com isso, o primeiro capítulo desta dissertação.

2.6 Sinonímia e Antonímia

Nesta seção, definimos os termos “sinonímia” e “antonímia”, com base em van Dijk (2012), Henriques (2018), e Polguère (2018), dada a relevância destas relações semânticas para a estruturação deste trabalho.

Henriques (2018, p. 80, grifos do autor) aponta que definir as relações de sinonímia e antonímia é um tanto perigoso, no sentido de que são termos usados no dia a dia com acepções bastante conhecidas, porém imprecisas. Lexias e frases podem ser comparadas de modo a se estabelecer equivalências (ou aproximações) entre elas ou ainda confrontá-las. Nesse âmbito, o autor exemplifica que reconhecemos a sinonímia e a antonímia quando empregamos dois termos (ou sentenças) como substitutos, de modo que, “se, *a princípio*, esse emprego não causar prejuízo, há SINONÍMIA entre eles. Se a substituição, porém, resultar em significações opostas, haverá ANTONÍMIA entre eles”. Dessa maneira, tanto a antonímia como a sinonímia são processos de relações de sentido de caráter semântico, sendo a primeira uma relação de equivalência (ou bem mais de aproximação), e a segunda de oposição ou contraste. O mesmo autor ressalva que sinônimos perfeitos não existem, sendo a sinonímia um processo relativo, de modo que “para fazer a escolha da melhor palavra ou expressão, é preciso analisar todos os fatores envolvidos no processo de comunicação” (2018, p. 81).

Por sua parte, Polguère (2018, p. 162) trata de definir sinonímia aproximativa, apontando que este fenômeno ocorre quando duas lexias são “[...] dotadas de um valor semântico próximo para que possa, utilizando uma ou outra, expressar sensivelmente a mesma coisa.” Nessa perspectiva, há uma produtividade sinonímica ligada a questões contextuais. O autor aponta, ainda, que os sinônimos não precisam ser intercambiáveis em todos os contextos, bastando ser possível a substituição perifrástica em alguns contextos para se reconhecer o fenômeno (2018, p. 163). Complementando essa definição, van Dijk (2012, p. 248), discutindo as noções de sinonímia e variação lexical, aponta que “[...] as palavras podem ser sinônimos mais ou menos próximos, que entretanto são usados em situações sociais diferentes” e “isso costuma implicar pelo menos alguma variação mínima de significado ou de avaliação ou outra

implicação.”

Já sobre o fenômeno da antonímia, Polguère (2018, p. 164) aponta que, mais do que uma oposição à noção de sinonímia, os termos são, na verdade, muito próximos entre si, pois “[...] ligam lexias que apresentam um forte parentesco semântico.” Sendo a antonímia a relação semântica por oposição, o autor aponta que lexias que se encontrem na mesma parte do discurso podem ser consideradas antônimas em casos que “[...] se distinguem pela negação, ou mais comumente, pela oposição contrastiva de um de seus componentes.” (p. 164). Ou seja, nessa concepção há a necessidade de decomposição sêmica para a identificação da negação ou oposição em um dos constituintes significativos mínimos das lexias: os semas.

As noções aqui empregadas serão retomadas no momento de análise, visto que o emprego de unidades lexicais de campos conceituais próximos pode levar a sinônimos e/ou antônimos, por vezes inesperados. No próximo capítulo, “O CONTEXTO E SUAS IMPLICAÇÕES PARA UM ESTUDO DO LÉXICO”, abordaremos uma noção de contexto e aprofundaremos o modo como mobilizamos tal conceito para um estudo lexicológico. Para tanto, delimitamos nossos dois contextos de nossa análise: o literário e o jornalístico.

3. O CONTEXTO E SUAS IMPLICAÇÕES PARA UM ESTUDO DO LÉXICO

Neste capítulo, apresentamos três seções, com suas subseções, nas quais discutiremos: num primeiro momento, a delimitação do conceito de “contexto”, como compreendido em van Dijk (2012), refletindo sobre as implicações contextuais para um estudo do léxico, como propomos; na sequência, refletimos sobre as particularidades do contexto literário, especialmente consoante à literatura policial(esca) e ao autor/obra em análise; posteriormente, abordamos o contexto jornalístico, com destaque à sua versão digital, o webjornalismo; por fim, traçamos aproximações possíveis entre o contexto da literatura policial(esca) e o contexto jornalístico no que diz respeito à temática da criminalidade, algo central em ambos.

3.1 A teoria do contexto de van Dijk (2012) e suas relações com o léxico e os discursos

Nesta parte do trabalho, discutimos, na perspectiva de van Dijk (2012), a noção de “contexto” e quais as implicações contextuais para um estudo do léxico, como propomos na presente investigação. Para tanto, primeiro abordamos como o autor caracteriza a área das pesquisas sobre contexto. Em seguida tratamos do conceito teórico do termo e, por fim, identificamos algumas relações que podem ser estabelecidas entre “contexto”, “discurso” e “léxico” no âmbito desta Dissertação.

Sobre os estudos de contexto, van Dijk aponta, já no prefácio de sua obra *Discurso e Contexto*, que “falta foco, nos estudos linguísticos, discursivos, humanísticos e sociais que tratam com profundidade da noção de contexto em termos de discurso e não como simples pano de fundo” (p. 9). Assim, o autor já inicia suas reflexões apontando para a transdisciplinaridade e às muitas áreas que podem se beneficiar de uma teoria coerente de contexto, acenando para a falta de pesquisas em termos de contexto e discurso. Na Linguística, conforme aponta o autor, há um privilégio por estudar contextos cognitivos, sociais e culturais com relação à língua, especialmente a partir da década de 1960, em áreas como a Pragmática e a Sociolinguística (p. 22).

Já nos estudos do discurso, o papel do “contexto” parecia limitado ao “contexto verbal” (cotexto) até que, nas décadas de 1970 e 1980, houve um maior destaque aos contextos sociais e históricos em que os discursos estavam inseridos e, especialmente na ADC, há o entendimento de que o discurso é delimitado por forças sociais (p. 23) e, portanto, contextuais. Assim, podemos entender que, pelo menos desde a década de 1970, há um entendimento de

que o papel do contexto para a compreensão do discurso é muito relevante, embora, como van Dijk menciona mais de uma vez ao longo de sua obra, ainda faltam trabalhos que investiguem, com mais profundidade, as relações entre os dois conceitos.

Em relação a uma definição objetiva do termo, o autor apresenta uma discussão produtiva em que tenta vencer a noção do senso comum que, por vezes, permeia inclusive estudos acadêmicos e científicos que fazem uso do termo. Para van Dijk, é importante ter uma definição estrita de contexto para se entender discursos. Assim, é de grande ajuda começar apontando a visão limitada e mais espalhada de contexto sendo “ambiente”, “entorno”, “situação” ou “pano de fundo” que situa, localiza ou explica algo. Na perspectiva do autor, os contextos (ou modelos de contexto) “[...] não são um tipo de condição objetiva ou de causa direta, mas antes construtos (inter)subjetivos concebidos passo a passo e atualizados na interação pelos participantes enquanto membros de grupos ou comunidades” (p. 11). Ou seja, para o autor, a ideia de contexto é algo que vai muito além do simples pano de fundo objetivo de um discurso (ou bem mais, de uma situação), mas é um termo dialógico que pressupõe a interação (e interpretação) entre os falantes em determinada situação social.

Van Dijk dá sequência apontando a dificuldade em se delimitar a influência que o contexto exerce sobre o discurso, e afirma que tal influência “[...] é muitas vezes sutil, indireta, complexa, confusa e contraditória, com resultados bem distantes dos efeitos óbvios das variáveis sociais independentes” (p. 13), o que mostra a complexidade de lidar com uma teoria de contexto. O autor retomará esses pontos ao longo de todo o livro, expandindo e explicando cada vez mais essas afirmações, mostrando que “[...] compreender o discurso significa compreender texto/conversação-em-contexto” (p.18).

Ainda de acordo com o autor, os contextos são entendidos como “experiências únicas e condicionam maneiras únicas de se usar a linguagem” (p. 34), sendo que “**os contextos controlam a produção e compreensão do discurso**” (p. 35, grifos do autor). Ou seja, os contextos são sempre singulares. Embora o autor aponte que os contextos controlam os discursos, entendemos que, na verdade, há uma influência nas relações dos falantes com os discursos, o que conduz a interpretação e a produção de efeitos de sentido, não sendo um controle total, como a afirmação poderia indicar. Portanto, assim como as noções de língua e léxico já apresentadas neste trabalho, o autor aponta os contextos como dinâmicos, variados, adaptando-se e atualizando-se na e pela interação (p. 36-37).

Ao abordar tipos de contexto e gêneros, van Dijk (p. 42) aponta alguns fatores que poderiam classificá-los em uma certa tipologia (que, de certo modo, como reconhece o autor, parece remeter à noção de gêneros discursivos), dentre os quais destacamos: modo (falado,

escrito), domínio social (literatura, justiça, mídia, etc.), objetivos (transmitir informações, persuadir, entreter, etc.), campo simbólico referente à circulação de conhecimentos e crenças (mídia, ciência, religião, senso comum, etc.). Assim, há diversos fatores contextuais que são importantes para a delimitação desta investigação e que levam a diferenciações entre os domínios midiático e literário, como veremos no decorrer deste capítulo (embora ambos sejam textos escritos, os objetivos e o modo de circulação de *Jantar Secreto* e dos textos jornalísticos selecionados, por exemplo, advém de contextos discursivos bastante diferentes).

Ao discutir diretamente as relações entre contexto e discurso, o autor aponta que:

[...] é possível dizer que o discurso *expressa* ou *manifesta* o contexto, se os contextos, tomados num sentido social ou cognitivo, são descritos como alguma coisa que ‘subjaz’ ao discurso e se os traços contextuais são vistos como parte do significado ou interpretação do discurso [...] os contextos não são observáveis, portanto o discurso pode ser tomado como um dos modos de torná-los visíveis, via expressão ou manifestação (p. 184-185, grifos do autor).

Assim, além de os contextos influenciarem os discursos, é por meio dos discursos que os contextos se mostram visíveis, sendo os elementos contextuais, portanto, essenciais para a interpretação ou a produção de efeitos de sentido dos discursos.

Tratando especificamente sobre o léxico, van Dijk (p. 238) aponta que “a variação lexical é particularmente sensível ao contexto [...]” sendo que:

por meio das palavras que usam, os falantes mostram suas identidades sociais, suas relações enquanto participantes, sua adaptação à audiência, seu estado de espírito, suas emoções, seus valores, suas opiniões e atividades, seus propósitos, seu conhecimento e os tipos de situações (in)formais ou institucionais em que estão falando ou escrevendo (p. 238).

Deste modo, o autor sintetiza a discussão que apresentamos sobre léxico e discurso, no capítulo anterior, agora dentro de uma teoria de contexto. Se é no discurso que os contextos se materializam, é nas unidades lexicais que tal manifestação é mais expressiva. Ainda de acordo com van Dijk (p. 247), toda variação lexical pressupõe ao menos alguma variação de significado (conforme definição apresentada anteriormente).

Para concluir, o autor (p. 239-240) aponta fatores que condicionam, contextualmente, o discurso, dentre os quais destacamos: o tipo de situação (formal/informal); o uso especializado ou não da linguagem; avaliações e apreciações do falante (incluem-se opiniões, atitudes); emoções dos falantes; ideologias; nível de conhecimento (especializado/senso comum); e objetivos de comunicação.

Com o exposto, concluímos que os contextos moldam os discursos e controlam suas variações (inclusive e, especialmente, no nível do léxico). Assim, “[...] dados o modelo subjetivo de um evento, o conhecimento sociocultural e as atitudes ou ideologias do grupo, os modelos de contexto mostram como os falantes formulam (ou pressupõem) essas crenças específicas ou gerais em todos os níveis do discurso” (2012, p. 305). Apresentamos, a seguir, as especificidades contextuais da literatura policialesca, dado o *corpus* desta investigação.

3.2 O contexto inventivo da literatura policialesca

3.2.1 O Gênero Policial

Tratando da especificidade do texto literário, Antunes (2012) nos mostra que este tipo de produção não tem caráter informativo, diferenciando-se, por exemplo, de textos jornalísticos. Sobre o uso do léxico na literatura, a autora aponta que “[...] as palavras continuam com função de significar, de configurar ‘sinais’, ‘pistas’; nesse caso, pistas muito significativas, pois indicam os ‘desvios’ por onde transcorreu a ‘trilha’ da subversão do sentido” (p. 126-127). Assim, por meio de metáforas, a autora indica que a linguagem e o léxico, no “universo” literário, têm caráter essencial por se tratar da materialidade que construirá efeitos de sentidos, por vezes subversivos, isto é, inesperados e surpreendentes, no momento de leitura. Apresentamos a seguir, algumas características encontradas no âmbito da literatura policial, enquanto gênero (ou contexto) discursivo, com base em França e Sasse (2016), Leidens (2019), Marques (2016), Massi (2011), Reimão (1983) e Todorov (2006).

De acordo com Massi (2011), a forma básica desse tipo de produção literária tem gênese creditada a Edgar Allan Poe, com a publicação dos contos “Os Crimes da Rua Morgue”, em 1841, “O Mistério de Marie Roget”, em 1842, e “A carta Roubada”, em 1845. As três histórias são protagonizadas pelo detetive C. Auguste Dupin. Entretanto, de acordo com a autora, o termo “detetive” só surgiu em 1843, com a formação de um grupo de homens inteligentes na polícia inglesa, chamado de *The Detective Police*.

Tratando da tipologia dos romances policiais, Todorov (2006), em seu texto clássico *As estruturas narrativas*, aponta três tipos de obras policiais de massa e suas características:

- *Romance de enigma*: modelo clássico composto por duas histórias (crime e investigação) em que o detetive *sempre* soluciona o crime;

- *Romance noir*: geralmente apresenta uma história (a do crime), o mistério cede espaço para a violência (o próprio investigador corre riscos durante sua atividade, o que não ocorre nos romances de enigma);
- *Romance de suspense*: narrados em duas histórias em que há riscos durante o percurso investigativo. O leitor deste gênero se interessa não só pela resolução do enigma, mas pelo futuro dos personagens.

É importante ressaltar que tal classificação não esgota todas as obras inseridas no gênero, podendo haver narrativas com características híbridas, como algumas obras contemporâneas, que tanto se aproximam como se afastam de traços típicos do gênero. Entretanto, a classificação proposta por Todorov, no final dos anos 1960, é apresentada por ser um estudo pioneiro sobre narrativas policiais.

Em um momento mais recente, França e Sasse (2016), ao tratarem do romance policial no Brasil, postulam quatro tipos de narrativa e suas principais propriedades: *Detective Fiction* (romance de enigma); *Hard-boiled*⁶ (romance noir); *Policial Procedures* (a atividade detetivesca é realizada pela polícia, ou seja, é institucionalizada, cabe ao poder público fazer justiça social); *Crime Thriller* (o foco não está na investigação, ou no investigador, mas no criminoso, seus atos e motivos).

Tratando da estrutura narrativa básica do gênero denominado “Romance de enigma”, Reimão (1983) reforça a perspectiva da divisão da história em duas partes: a do crime e a do inquérito. Esta última é a parte central das obras policiais clássicas, uma vez que é o momento em que o detetive demonstra suas habilidades de detecção e investigação para solucionar o crime. Assim, tem-se tríade clássica dos romances policiais: uma vítima, um criminoso e um detetive. Estes três elementos estão intimamente interligados, uma vez que, sem criminosos, não há crime e, em consequência, sem crime não há investigação.

Por sua vez, Massi (2011, p. 21, grifos da autora) aponta que:

o herói do romance policial, o detetive, deve sempre sair vencedor, ou seja, encontrar o criminoso e entregá-lo a um destinador-julgador. Quando isso não ocorre, não há uma solução surpreendente, uma *catarse* no enredo.

Deste modo, nos romances de enigma, a figura do detetive é central para a obra, é a personagem mais importante, quem descobrirá a identidade do criminoso/assassino, suas motivações, métodos, e o levará à justiça.

Em síntese, Leidens (2019) ilustra que a literatura policial cumpre o papel de apresentar aos leitores uma outra visão da realidade, um mundo ficcional que, entretanto, se aproxima do

⁶ “O termo foi cunhado a partir da descrição que Dashiell Hammett (1992, p.85) faz, em *Red Harvest* (1929), do detetive Continental Op: ‘*hard-boiled, pig-headed guy*’” (FRANÇA/ SASSE, 2016, p. 74).

real. Nesse sentido, como toda forma literária, o policial dialoga com as grandes angústias da humanidade, como o medo e a violência, a preocupação e o sofrimento, elementos presentes no cotidiano de quem consome esse tipo de narrativa.

Ainda nessa perspectiva, Leidens (2019, p. 76) afirma que, embora os textos tradicionais tendam a apresentar algum tipo de fixidez na estrutura da investigação detetivesca e da solução do enigma, é durante o processo de leitura como construção de sentido “[...] que estão as diferentes aberturas com as quais o leitor deve lidar no seu percurso, uma vez que estará nesse processo atuando de duas formas, como leitor e como investigador”, o que implica, como já adiantamos, a participação ativa dos leitores enquanto produtores de efeitos de sentido, a partir da materialidade linguística.

Por fim, vale ressaltar que Marques (2016) aponta que a literatura policial, desde suas primeiras publicações, no formato de folhetim, foi considerada *literatura de massa*, produzida e pensada para o consumo. Deste modo, tem vendas expressivas e grande aceitação por parte dos leitores. Por outro lado, esse tipo de manifestação literária parece não ter recebido tanta atenção por parte da crítica acadêmica no país, com raras exceções, especialmente a partir da década de 1990, quando algumas análises passam a ser conduzidas e publicadas. Exploraremos melhor a dicotomia “literatura de massa” *versus* “alta literatura”, em momento oportuno, no transcorrer deste capítulo. À continuação, abordaremos novas configurações no gênero policial, especialmente no Brasil, e trataremos da noção de romance “polialesco”.

3.2.2 Novas configurações no Gênero Policial e Romance policialesco no Brasil

Nesta parte do trabalho, com base em reflexões de Almeida (2016), França e Sasse (2016), James (2012), Kobayashi (2013), Massi (2011), Messa (2002) e Souza e Simão (2020), discutimos reconfigurações no gênero policial e a emergência de um novo gênero ou subgênero desta forma narrativa: o policialesco.

Contrapondo algumas características das narrativas policiais expostas até aqui, obras recentes, como nosso objeto de análise, têm se expressado por meio de configurações distintas. É o que aponta Massi (2011) ao afirmar que os escritores contemporâneos têm certas liberdades criativas para compor suas tramas sem ter de se adequar completamente à estrutura fixa do gênero. Ou seja, podem se aproximar ou se distanciar de características formais, estilísticas e temáticas deste tipo de composição. A autora ainda aponta que:

[...] toda caracterização que não corresponde à delimitação imposta pelo gênero nos levou a concluir que os autores de romances policiais contemporâneos delinearam novas características que, conseqüentemente, ampliaram o gênero policial, embora não cheguem a descaracterizá-lo”. (p. 105-106).

Desse modo, Almeida (2016), ao tratar de obras que não se encaixam na tipologia apresentada e, referindo-se especialmente ao contexto brasileiro, denomina romances com “ambiente policialesco” aqueles que possuem características do gênero (de um ou mais de seus subgêneros) e característica atípicas, inovadoras. Isso é, o *policialesco* pode ser compreendido como uma recente e inventiva configuração do policial, tipo que representa sua gênese, sendo uma forma imaginativa de literatura que mobiliza elementos típicos do gênero policial clássico (e seus subgêneros) e os desestabiliza, os reinventa ou, quando se adequa a eles, mescla-os com elementos exteriores ao gênero. Ou seja, há elementos da ordem do policial, em conjunto com características inovadoras, o que leva a desestabilizações, ainda que parciais do gênero clássico, e isso, por sua vez, desencadeia reflexões não previstas, não esperadas, por não serem observadas em obras clássicas ou tradicionais. Assim, um texto ser considerado *policialesco* não significa algo negativo, como “menos policial”, mas ressalta a não conformidade total com o gênero, dado seu caráter inventivo.

Dessa maneira, conforme tal definição de policialesco e de acordo com Souza e Simão (2020), optamos por tratar *Jantar Secreto*, objeto estabelecido como *corpus* desta pesquisa, como *romance policialesco* (e não romance policial, ou *crime thriller*, por exemplo), por entendermos que sua configuração escapa ao protótipo do gênero, como apontaremos, brevemente, nos parágrafos seguintes.

Além das transgressões formais, Massi (2011) atenta para outras mudanças das narrativas contemporâneas: o tempo e o espaço. Os romances do final do século XX e início do século XXI são ambientados nas sociedades atuais, além de apresentarem outros aspectos que não eram comuns nos romances clássicos, como chantagens e subornos, por exemplo, o que denota maior verossimilhança com uma questão bastante atual, sobretudo nas sociedades latino-americanas: a polícia corrupta.

Também podemos citar, como características da reconfiguração do gênero, certas referências à cultura pop, por meio de marcas, pessoas e construções modernas, o uso de novas tecnologias, como computadores, celulares e internet⁷, além de a temática também ser modificada, com a aparição de prostitutas, uso de drogas ilícitas e diversidade sexual. Todos

⁷ Nesse sentido, a obra *Adiós, baby* (2003), de Juremir Machado da Silva é um interessante relato policial cujo enredo se desdobra em meio aos cibercafés e à internet, ainda embrionária no Brasil.

estes aspectos podem ser observados no objeto de estudo proposto nesta pesquisa. Estas e outras características dos romances policiais/policialescos contemporâneos parecem tecer um retrato da organização e dos problemas sociais vigentes. Ou seja, as narrativas contemporâneas tratam de explorar o contexto (no sentido político, social, econômico, cultural, do termo) de sua própria escrita (cf. MASSI, 2011).

Outra característica interessante apontada pela autora é uma certa inversão de valores. Em algumas narrativas contemporâneas, o criminoso se mostra superior ao detetive (MASSI, 2011). Em outras, nem há uma figura de detetive. Assim, a personagem central passa a ser o criminoso (e seus crimes), podendo o uso da violência e do horror servir de aliado explícito, levando à espetacularização da morte e do sofrimento generalizado das vítimas. Ou seja, há uma mudança na abordagem narrativa que leva, em muitos casos, à impunidade do contraventor (outra característica encontrada na sociedade moderna), tal fato pode ser indicador da evolução do gênero ou, ao menos, de suas transformações ao longo da história (cf. MASSI, 2011).

Nesse sentido, podemos considerar o policialesco contemporâneo como gênero que destaca um aspecto central: a criminalidade. Dessa forma, como aponta Messa (2002), entendemos o conceito de “criminalidade” como “[...] o conjunto dos crimes socialmente relevantes e das ações e omissões que, embora não previstas como crimes, merecem a reprovação máxima. A criminalidade é constante tanto no plano da realidade quanto no universo ficcional, reveste-se de uma complexidade bastante subjetiva.” Desse modo, como apontam Souza e Simão (2020), em trabalho que se debruça sobre trechos de *Jantar Secreto* e de notícias veiculadas na web, entende-se que o canibalismo (ou a antropofagia) não é um crime tipificado no *Código Penal* brasileiro (e no de muitos países), embora, socialmente, seja considerado *um ato de criminalidade*. A associação estabelecida entre canibalismo e o âmbito jurídico, compreendido em conjunto com outros crimes, por exemplo como forma de vilipêndio, será melhor explicada no próximo capítulo deste trabalho.

Nessa perspectiva, há obras contemporâneas, como *Jantar Secreto*, nosso objeto de análise, em que o narrador é o próprio criminoso, de modo que o leitor pode acompanhar seu percurso criminal. Esta característica não ocorria nos chamados romances clássicos. É o que aponta James (2012), ao contrapor o pensamento de Ronald Knox de que o leitor nunca deveria acompanhar os pensamentos do assassino. Para essa autora, porém, tal recurso pode ser útil tanto para fornecer pistas sobre o crime, como também para que o leitor conheça o caráter do criminoso. Além disso, a narrativa em primeira pessoa pode aproximar o leitor da obra, alcançando sua simpatia e fornecendo-lhe credibilidade.

França e Sasse (2016) por seu turno, apontam que, no Brasil, desde o século XIX, sempre houve histórias de crimes, porém, sem a figura de um detetive, o que levou a crítica a não as reconhecer como histórias policiais. Os autores apontam ainda que, no país, há uma tendência marcante pela produção de obras com caráter mais realista e menos fantasioso. Talvez por isso há um privilégio por suspenses criminais, retratando crimes com tons de realidade, em comparação com romances de enigmas e seus detetives infalíveis.

Em síntese, podemos concluir que o gênero policialesco, apesar de reafirmar algumas características fixas do gênero policial, é um contexto inventivo; e as narrativas contemporâneas costumam transgredir elementos tradicionais, reinventando-os. Nesse sentido, como aponta Kobayashi (2013, p. 93), “de acordo com os autores e as épocas, podem ser acrescidos, excluídos ou mantidos elementos que compõem o universo da narrativa policial [...] elementos como medo, ódio, mistério, suspense e curiosidade são dosados conforme a forma e o conteúdo narrativo da obra.”

Apresentamos, na sequência, reflexões sobre o autor brasileiro Raphael Montes e sua produção narrativa, como forma de contextualizar o romance *Jantar Secreto*, como parte do trabalho literário do escritor.

3.2.3 Sobre o autor e sua obra

Nesta parte da presente pesquisa, apresentamos uma contextualização acerca do escritor brasileiro Raphael Montes, com alguns comentários sobre sua produção literária e oferecemos uma contextualização crítica acerca de *Jantar Secreto*, nosso objeto de análise, com reflexões de Barreto (2018) e Leidens (2019).

Raphael Montes é um escritor, roteirista, advogado e apresentador de televisão brasileiro, nascido em 1990. Após ter contos publicados em algumas antologias, se lançou oficialmente na literatura no ano de 2010, com o suspense policial *Suicidas*, finalista do prêmio Benvirá de Literatura, publicado pela editora dois anos depois. O romance foi adaptado para o teatro em São Paulo e no Rio de Janeiro e teve os direitos vendidos para o cinema (cf. MONTES, 2021). No romance, com cenas bastante explícitas em termos de horror e violência, um grupo de jovens decide cometer suicídio coletivo em um angustiante jogo de roleta-russa. Ou seja, pelo menos inicialmente, não há evidência de crime, embora haja uma certa investigação sobre os fatos e, especialmente, suas motivações, envolvendo as figuras das mães dos jovens mortos.

Em 2014, publicou *Dias Perfeitos* e, mais uma vez, obteve considerável sucesso de público e crítica no Brasil e inclusive no exterior, tendo sido traduzido em mais de vinte países. A obra também foi adaptada em peça teatral com temporadas em São Paulo e no Rio de Janeiro e, assim como seu romance de estreia, teve os direitos vendidos para uma adaptação cinematográfica⁸ (cf. MONTES, 2021). O romance trata, essencialmente, de um personagem obsessivo, Théo, que sequestra uma jovem, Clarice, por quem apresenta uma “paixão” doentia, submetendo-a a diversas situações violentas e abusivas e entrando em uma rede de crimes mais graves, inclusive assassinatos.

No ano seguinte, lançou um romance *fix up*⁹ de terror, *O Vilarejo*. A obra ilustrada apresenta personagens macabros em histórias que representam os sete pecados capitais em um vilarejo distante da realidade dos leitores, tanto no plano do espaço, quanto no do tempo. Montes assina o prefácio da obra, como se fosse o tradutor das histórias, encontradas em um livro antigo em um sebo. A obra tem sido comparada ao estilo de terror do escritor estadunidense Stephen King (MONTES, 2021).

Em 2016, em parceria com a escritora e criminóloga Ilana Casoy, lança, sob o pseudônimo Andrea Killmore, o *thriller* policial *Bom dia, Verônica*, pela editora Darkside. O enredo se centra em Verônica, uma escrivã da polícia que, ao sofrer o impacto de testemunhar um suicídio, se lança em investigações autônomas, paralelas e, por vezes, ilegais, para solucionar dois casos simultâneos. A trama foca, dentre outros temas, a violência contra mulheres e a corrupção policial no país. Em 2020, o romance foi adaptado para uma série de mesmo nome, no serviço de *streaming* Netflix e se transformou em um sucesso instantâneo na plataforma e nas redes sociais, no Brasil e no exterior, tendo uma segunda temporada em fase de produção.

Ainda em 2016, veio a público, pela Companhia das Letras, *Jantar Secreto*, romance policialesco que trata de quatro amigos de infância, nascidos no interior do Paraná, que se mudam para a capital do Rio de Janeiro para cursar o Ensino Superior em universidades renomadas e conquistar certa independência em relação às suas famílias. Com dificuldades financeiras e poucas perspectivas de encontrarem bons empregos em meio à crise econômica enfrentada pelo país à época, os jovens, levados por circunstâncias inusitadas e imprevisíveis, decidem organizar “jantares secretos” e proporcionar experiências gastronômicas exóticas para

⁸ As adaptações ainda não foram produzidas no cinema.

⁹ O termo em inglês *fix up* se refere a um conjunto de contos que podem ser lidos isoladamente, mas que, quando lidos em sequência, configuram uma narrativa mais extensa, com unidade semântica. Geralmente são ambientados no mesmo universo, com personagens e situações que convergem.

a elite carioca: a possibilidade de consumir carne humana, em receitas elaboradas aos moldes dos melhores restaurantes internacionais, para pessoas interessadas na experiência e dispostas a pagar um alto valor pela comida.

Barreto (2018, p. 92) aponta que, no romance, “[...] a figura detetivesca é praticamente deixada de lado e a polícia é um elemento pouco participativo da trama”. Entretanto, ressaltamos que, embora a ação policial seja, de fato, pouco efetiva ao longo da narrativa, a mera possibilidade de ação e de condenação é um medo constante nos personagens centrais, especialmente no narrador, Dante, que reflete sobre o pavor de ser descoberto e preso, em vários momentos do romance.

Por outro lado, Leidens (2019), afirma que a obra é uma narrativa flexível em relação ao gênero policial, dispondo “[...] de momentos cômicos intercalados com situações horripilantes [...]” que geram sentimentos de repulsa nos leitores. Um dos momentos menos convencionais do livro é um capítulo que se passa em um grupo do WhatsApp, sendo os diálogos construídos com textos, emojis, imagens e memes, o que se mostra como uma contravenção, ainda que parcial, não só do gênero policial, mas da estrutura convencional dos romances em si, enquanto meio de expressão literária.

Em 2019, o autor lança o suspense *Uma mulher no escuro*, editado pela Companhia das Letras. A narrativa gira em torno de Victoria, uma jovem que sobreviveu ao assassinato de sua família, tendo testemunhado o crime aos quatro anos de idade. Vinte anos mais tarde, o passado, o trauma e o criminoso voltam a aterrorizar a frágil figura da garota. Em 2020, a obra recebeu o renomado Prêmio Jabuti na inédita categoria “Romance de Entretenimento”.

Embora Raphael Montes se apresente como autor policial desde o início de sua carreira literária, o próprio escritor e parte da crítica já refletiram sobre sua posição no gênero. Barreto (2018) afirma que o autor pode ser considerado como “criminal” (do inglês *crime fiction* - literatura policial) por centrar-se na figura dos contraventores e não na dos investigadores. Leidens (2019, p. 96, grifos nossos), por outro lado, aponta que a inovação é frequente nos livros de Montes e suas “[...] obras podem ser concebidas como *não policiais* por leitores desatentos, justamente por sua proposta de uma estrutura incomum, pelo menos no Brasil.” De modo geral, toda sua escrita, ao tangenciar certos aspectos do gênero policial, ao mesmo tempo em que incorpora outros, pode ser classificada como policialesca¹⁰.

Além dos romances citados, o autor publicou contos em antologias com outros

¹⁰ Dado o escopo de nosso trabalho, não nos detivemos na classificação literária de outras obras do autor, nos referindo a elas pelos termos utilizados por Montes, em seu site oficial, ou pela crítica especializada, haja vista a pluralidade das possibilidades terminológicas.

escritores, inclusive no exterior; foi colunista do jornal O Globo; e, na TV Brasil, apresentou, entre 2017 e 2018, o *talk show* semanal “Trilha de Letras”. No programa, o autor recebeu importantes convidados para discutir temas relativos à literatura e ao mundo dos livros.

Como roteirista, assina a telenovela “A regra do Jogo (Rede Globo, 2015); a série policial “Espinosa” (GNT, 2015), baseada em *Uma janela em Copacabana* (2001) de Luiz Alfredo Garcia-Roza; a série de terror “SUPERMAX” (Rede Globo, 2016); o longa-metragem “Praça Paris” (2017), drama luso-brasileiro, dirigido pela cineasta Lúcia Murat; os longas-metragens “A menina que matou os pais” e “O menino que matou meus pais”, em nova parceria com Ilana Casoy, dois filmes sobre o caso Von Richthofen, ambos dirigidos por Mauricio Eça, com estreia simultânea em 2021 (Prime Vídeo). Os filmes abordam o assassinato dos pais de Suzane Von Richthofen, a partir de duas perspectivas, a da filha e a de Daniel Cravinhos, dois dos réus confessos do crime; assina também, o roteiro da adaptação “Bom dia, Verônica” (Netflix, 2020).

À continuação, tecemos breves comentários acerca de duas noções do âmbito literário, tanto no nível acadêmico, como no comercial: a alta literatura e a literatura de massa.

3.2.4 Literatura de massa *versus* alta literatura: breves comentários

Como já mencionamos, a literatura tida como policial(esca) é, em muitos casos, vista como “forma menor de literatura”, especialmente por parte da crítica especializada e da academia, com raras exceções que atingem a consideração do “cânone”, como é o caso de Rubem Fonseca¹¹, no Brasil. Assim, com base em Andrade (2016), Dering (2013), Hall (2016) e Leidens (2019), discutimos noções fundamentais para a compreensão de como os livros mais vendidos são recebidos pelo mercado, pelos leitores e pela crítica acadêmica, evidenciando, também, as implicações de tal recepção e das diferentes nomenclaturas para uma visão de cultura de massa.

Dering (2013) aponta que a crítica aos chamados *best sellers* (livros mais vendidos), refere-se, em geral, à sua associação ao mercado comercial e ao seu consumo massificado. Apesar da inegável questão comercial, o autor aponta que os termos “literatura de massa” e “*best seller*” não devem ser entendidos como sinônimos, sendo, respectivamente, a literatura

¹¹ Conforme Eble (2014, p. 144), Fonseca era o 17º autor mais citado na plataforma Lattes de Doutores na área de Letras/Literatura Brasileira. Na época da pesquisa, o escritor, falecido em 2020, era o 2º autor brasileiro vivo mais pesquisado na academia.

“[...] veiculada para um grande número de sujeitos históricos, sociais e dialógicos” (p. 432) e a lista dos livros mais vendidos.

Ainda assim, os termos parecem se confundir e apresentam, por um lado, um matiz pejorativo, como forma inferior de literatura (ou mesmo “não literatura”) e, por outro, uma conotação mais positiva, quando as editoras e livrarias anunciam os livros mais vendidos como *best-sellers*, de modo a “elevar o status da obra durante sua propaganda” (ANDRADE, 2016, p. 26).

Como nos lembra Dering (2013), a literatura de massa se faz presente *em toda a história da literatura universal* e, nem sempre, prevê um leitor passivo. Nesse sentido, Andrade (2016) afirma haver uma espécie de “preconceito literário” que considera o cânone como padrão perfeito e os livros mais vendidos como sinônimos de imperfeição, sem considerar a importância da leitura dos livros populares para a formação de leitores, em um país como o Brasil, em que há a afirmação de que “lê-se pouco”, por não se ler o que a elite e os críticos separam como leituras fundamentais, ou seja, o dito “cânone literário”. O autor (2016) aponta, ainda, que os clássicos canonizados hoje, foram *best sellers*, ou seja, sucessos de vendagem, no passado. Nesse sentido, Leidens (2019) reforça que o preconceito com o policial se configura como preconceito com o popular, com o povo.

Essa dicotomia entre o que é “bom” ou “ruim”, em termos de literatura, é revisitada por Hall (2016, p. 19, grifos nossos), ao apontar que a definição do termo “cultura”, foi por muito tempo considerada como “[...] o somatório das grandes ideias, como representadas em *obras clássicas da literatura*, da pintura, da música e da filosofia - é a ‘alta cultura’ de uma época.”; mais modernamente, no entanto, o termo passa a designar, também, as “[...] formas amplamente distribuídas de música popular, publicações, arte, design e *literatura*, ou atividades de lazer e entretenimento, que compõem o cotidiano das ‘pessoas comuns’. É a chamada ‘cultura de massa’ ou ‘cultura popular’ de uma época.” Assim, como aponta Hall (2016), os Estudos Sociais, com o passar do tempo, deixaram de valorar negativamente o que é compreendido como manifestações culturais populares ou massificadas, embora, como observamos, na prática, ainda há resquícios de tais visões reducionistas, estereotipadas e preconceituosas.

Nesse sentido, a literatura policial(esca), enquanto contexto discursivo com características bastante peculiares, e pela grande circulação entre os leitores, se configura como interessante materialidade para investigações linguísticas, apesar do estigma apontado. Assim, a análise lexical, em funcionamento nesse tipo de literatura, em específico, pode propiciar importantes discussões a respeito de temáticas que são, também, peculiares e estigmatizadas. Dessa forma, pode-se refletir, ideologicamente sobre os usos da palavra em movimento na

sociedade, evidenciando o que é ou não permitido, o que é ou não socialmente condenado, como os tabus são mobilizados, em termos ideológicos, dentre outras reflexões propiciadas justamente pelo caráter ficcional e estigmatizado do policial(esco). À continuação, delimitamos algumas características do webjornalismo, o segundo contexto de pesquisa da presente investigação.

3.3 O discurso jornalístico enquanto gênero e suporte

Nesta seção, apresentamos, brevemente, algumas considerações sobre as especificidades do texto jornalístico, enquanto contexto discursivo, e o papel do léxico enquanto construtor de efeitos de sentido em tal gênero/suporte, a partir de van Dijk (1990; 2005) e Borba (2006).

O gênero jornalístico se configura como discurso que se insere na rotina de uma parte significativa da população. Os textos desse gênero são, em geral, lidos como se fossem matéria de algum tipo de “transparência”, “objetividade” e “informação”, por uma parcela representativa de leitores, que recorrem a esses textos em busca de fatos ou verdades absolutas sobre o mundo e a sociedade atuais. Nessa perspectiva, o poder simbólico da mídia pode ser definido como sendo persuasivo, conseguindo, de certo modo, controlar a mente dos leitores/espectadores/ouvintes, embora não exerça controle direto sobre suas ações (cf. DIJK 2005, p. 74).

Desse modo, entendemos que o discurso jornalístico pode ser concebido, em uma definição abrangente, como texto/discurso tornado público em meios jornalísticos ou nos diferentes meios de informação e comunicação, como emissoras de rádio, canais de televisão, e outras formas de imprensa, incluindo os que se fazem presentes em meios digitais (internet). Assim, conforme aponta van Dijk (1990, p. 17), a atualidade dos “fatos” é central na definição do termo “notícia”, pois, em geral, o gênero jornalístico é acessado como fonte fiel de informações novas e socialmente relevantes que comunicam e explicam eventos recentes.

Borba (2006, p. 91-92), por sua vez, refletindo acerca da fixação do léxico, aponta que a circulação lexical pode ser diretamente vinculada aos veículos de comunicação impressa. O autor ilustra que, após a vinda da Família Real Portuguesa para o Brasil, em 1808, e a subsequente criação da Imprensa Régia, a difusão do léxico centrou-se nos jornais, que circulam mais que outros gêneros impressos, como os livros. Isto é, em uma perspectiva quantitativa, há uma maior circulação e, conseqüentemente, uma fixação lexical mais eficiente,

a partir do discurso jornalístico. Por outro lado, o autor aponta que, qualitativamente, “é no jornal que se cumpre plenamente a função de interação social pela língua. Toda a vida social é retratada nos jornais em seus vários aspectos e níveis” (p. 92).

Ainda refletindo sobre léxico e mídia, van Dijk (2005, p. 20) aponta que os discursos constituem os diferentes âmbitos da sociedade e da cultura, tendo funcionamento ideológico e sendo forma de (inter)ação social. Nas palavras do autor, a seleção lexical não é uma questão meramente semântica, sendo, na realidade, “[...] uma expressão indireta de valores implícitos, ainda que associados, incorporados aos significados da palavra”¹² (DIJK, 1990, p. 122, tradução nossa). Tal escolha lexical representa, portanto, “[...] a dimensão primordial de um discurso controlado por ideologias” (DIJK, 2005, p. 155).

Na sequência discutimos algumas características do webjornalismo, com foco na instantaneidade deste tipo de discurso.

3.3.1 O contexto instantâneo do webjornalismo

Continuando o que foi exposto na seção anterior, nesta parte do trabalho, tecemos comentários mais voltados para o “webjornalismo” e a instantaneidade de sua produção/recepção, enquanto gênero/suporte, com base em trabalhos publicados no livro *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença* (CANAVILHAS, 2014a).

A presença do webjornalismo¹³, ou seja, do jornalismo que é feito na web e para a web, na vida dos brasileiros parece ser cada vez mais expressiva. Esse fato se explica, por um lado, pela instantaneidade com que as informações podem ser compartilhadas e, por outro, pela facilidade de seu acesso por meio de dispositivos portáteis como *tablets* e *smartphones*, em muitos casos de forma gratuita. Além disso, ressaltamos a forte influência de *fake news* na internet, com desdobramentos cada vez mais concretos em esferas da política, da economia, da saúde e da vida diária da população.

Canavilhas (2014b, p. 1) aponta que, com o desenvolvimento da web, houve uma transformação permanente do fazer jornalístico. O livro organizado pelo autor conta com capítulos de jornalistas de sete países que definem sete características essenciais do webjornalismo. Resumimos as características suscitadas pelos autores e apontamos para a obra

¹² No original: “[...] una expresión indirecta de valores implícitos, aunque asociados, incorporados en los significados de la palabra.”

¹³ Há diversos outros termos, usados por diferentes autores, como “ciberjornalismo”, “jornalismo online” e “jornalismo em linha” (cf. CANAVILHAS, 2014c, p. 3).

completa (CANAVILHAS, 2014a), com a indicação dos capítulos específicos, para uma leitura mais aprofundada:

- *Hipertextualidade*: entrelaçamento de informações, usualmente por meio de *links* clicáveis, que conduzem o leitor a novos dados, textos, imagens, vídeos, sites, etc., que expandem a leitura (cf. CANAVILHAS, 2014c);
- *Multimedialidade*: mais que a simples junção de texto, imagem e vídeo, refere-se a três características - multiplataforma, polivalência e combinação de linguagens e formatos. Entretanto, o conteúdo textual ainda é o elemento chave para o jornalismo, mesmo na web (cf. SALAVERRÍA, 2014);
- *Interatividade*: central na linguagem da internet, pode ser definida como o ponto de contato entre produtores (jornalistas) e leitores. Seria uma gradual, parcial e não igualitária transferência de poder para o público leitor (cf. ROST, 2014);
- *Memória*: o webjornalismo se posiciona entre a história e a memória. A informação sobre o presente vivido se converte em relato sobre o passado. São características do jornalismo na web o fluxo contínuo de informações e o registro permanente dos arquivos na internet (cf. PALACIOS, 2014);
- *Instantaneidade*: para nós, essa é a característica mais proeminente do webjornalismo e se relaciona com as noções de “imediatismo” e “tempo real”. A velocidade sempre foi intrínseca ao jornalismo, evidenciada na necessidade de noticiar algo novo primeiro, ou seja, antes dos concorrentes. Atualmente, a instantaneidade está presente não só ao publicar, mas também ao consumir e, sobretudo, ao difundir. A imediatricidade (do inglês *immediaticity*) faz com que o leitor consiga, por vezes, ultrapassar o jornalista e alcançar testemunhas e cenas em uma questão de segundos (cf. BRADSHAW, 2014);
- *Personalização*: é a capacidade de pensar nas necessidades específicas do público leitor, adaptando-se a elas para manter-se relevante e receber cliques que se convertam em lucro, por meio de anúncios publicitários, investimentos ou assinantes (cf. LORENZ, 2014);
- *Ubiquidade*: esta última característica diz respeito à capacidade das webnotícias serem encontradas, simultaneamente, em qualquer lugar, horário e por qualquer usuário. É a potencialidade de acesso à informação (cf. PAVLIK, 2014).

Assim, a dinamicidade e imediatricidade do webjornalismo, aliadas a características como a hipertextualidade, a interatividade, a ubiquidade e a personalização, convertem as webnotícias em um dinâmico gênero/suporte para a observação atenta da construção de efeitos de sentidos, catalisada pelo uso do léxico.

Deste modo, em contraste com os dados de *Jantar Secreto*, parte de nosso trabalho consiste em analisar textos jornalísticos veiculados na versão digital do jornal “Folha de S.Paulo”. Com fundação em 1921, o veículo, que se define como “o jornal mais influente do país”, é, desde a década de 1980, o mais vendido no Brasil, tendo sido o primeiro veículo de notícias a oferecer conteúdo online no país, a partir de 1995 (Folha de S.Paulo, 2021).

Antes de dar prosseguimento e apresentar nossas reflexões acerca da noção de “representação” e nos aprofundarmos no debate acerca da noção (e de algumas representações)

do termo “canibalismo”, gostaríamos de tecer algumas aproximações entre os dois contextos discursivos aqui analisados, isto é, o policialesco e o jornalístico. A criminalidade é, indubitavelmente, central no ambiente da literatura policial. Entretanto, o tema parece ser um dos mais produtivos também para a esfera jornalística. No impresso, na televisão, no rádio e na internet, notícias sobre os crimes mais brutais encontram público assíduo e são reproduzidas com nuances, por vezes, sensacionalistas. Sobre este viés do jornalismo, Torres (2012, p. 10), no prefácio da obra *Aqui se faz... Aqui se paga?*, coletânea de contos policiais latino-americanos, pondera que “tenho sido um leitor fiel de histórias policiais, mas não gosto de ler as páginas policiais, porque elas me parecem mórbidas. Quando me sento na cadeira do engraxate e ele me dá o jornal, não posso olhar para este sem sentir que me escorre tinta vermelha pelos braços.”

Neste sentido, Silva (2016, p. 95) afirma que:

[...] longe de substituir o papel dos periódicos no suspense criminal, a literatura passa a estabelecer uma relação complementar com o jornalismo. Por um lado, os jornais muitas vezes se apoiavam na ficção para incrementar suas notícias. Por outro, a literatura buscava nas notícias sensacionais os crimes que serviriam de base para suas histórias.

Ou seja, literatura e jornalismo, ao tratar de criminalidade, apresentam uma relação íntima, de retroalimentação. A seguir, tratamos da noção de “representação” e discutimos, em sequência, alguns elementos presentes nas diversas representações acerca da unidade lexical “canibalismo”.

4. CANIBALISMO E SUAS REPRESENTAÇÕES

4.1 O conceito de “Representação”: aspectos linguísticos e culturais

Nesta seção, teceremos comentários sobre o caráter representacional da linguagem, a partir de Hall (2016), aproximando tal visão à nossa concepção de léxico, com referência à Biderman (1998; 2001). Posteriormente, ao nos aprofundarmos nos aspectos linguísticos e culturais consonante ao termo representação, discutiremos o conceito de “cultura”, culminando em uma breve discussão acerca da noção de “estereotipia”, com base em Hall (2016), Lippmann (1978) e Simão e Deângeli (2018).

Stuart Hall (2016, p. 21, grifos do autor) aponta o funcionamento da linguagem como sistema representacional. Assim, o sentido das coisas é concedido “[...] pela maneira como as *representamos* - as palavras que usamos para nos referir a elas [...]”. Desse modo, são o léxico e as representações que, social e culturalmente, levam à construção de sentidos, entendidos, nessa concepção, como “significados culturais”, produzidos, reproduzidos ou subvertidos nas práticas sociais, culturais e discursivas.

Esse entendimento de linguagem nos aproxima da visão de léxico de Biderman, (1998; 2001), mencionada no primeiro capítulo e aqui retomada. Para esta autora (1998) o léxico possui duas dimensões: a social e a individual. Na primeira, entende-se que o léxico é adquirido como uma herança social, sendo, ao longo do tempo, (re)transmitido nos ambientes sociais (como a família, a escola, a mídia). Já em sua dimensão individual, o termo é compreendido como um conjunto de representações (também socialmente construídas).

Hall (2016, p. 41-42), por seu turno, delimita o termo representação, nos estudos culturais, como a conexão dos sentidos e da linguagem, por um lado, à cultura, por outro. Dito de outra maneira, é por meio das representações que construímos sentidos. Assim, “o sentido não está no objeto, na pessoa ou na coisa, e muito menos nas palavras. Somos nós quem fixamos o sentido tão firmemente que, depois de um tempo, ele parece natural e inevitável”. É isso que podemos observar com as representações em relação ao canibalismo e seus praticantes, como veremos em detalhes, posteriormente.

Portanto o mais importante, até aqui, é compreender que operamos este trabalho entendendo o léxico como um conjunto de representações que são construídas socialmente. Mais adiante, abordaremos como os diferentes sentidos são atribuídos à unidade lexical “canibalismo”, com vista a compreender quais relações são estabelecidas entre o léxico (em contexto literário e jornalístico) e os discursos vigentes sobre a temática em tela e, ainda, como

tais relações podem ser entendidas enquanto representações. Ou seja, em nossa concepção, o léxico, ao ser contextualizado, pode evidenciar efeitos de sentido que são produzidos e reproduzidos socialmente. Tais efeitos, ao adentrarem a língua por meio da aquisição social do léxico e cristalizarem-se, configuram-se como representações que são, no transcorrer do tempo, compartilhadas por meio dos discursos e da cultura.

Nesse sentido, cabe evidenciar o conceito de cultura, talvez um dos mais difíceis de ser precisado no âmbito das Ciências Sociais. Ainda em Hall (2016), há duas definições atuais de cultura. A primeira, mais antropológica, relaciona-se aos modos de vida de um povo; a segunda, por outro lado, mais sociológica, diz respeito aos valores compartilhados socialmente. O autor aponta outras definições e discussões relevantes sobre o termo e suas relações com a linguagem e as representações. Para os fins deste trabalho, entretanto, cremos que as duas definições bastam, com ênfase para a noção de “valores socialmente compartilhados”, algo que será importante, por exemplo, para nosso entendimento de discurso (como apontado no capítulo 2) e também para as noções de sentido e representação já discutidas.

Para finalizar esta seção, cabe mencionar, ainda que brevemente, a noção de estereotipia. Assim como o conceito de “representação”, os “estereótipos” são, em certa medida, sentidos produzidos socialmente. Lippmann (1978, p. 151), dessa forma, aponta que “[...] colhemos o que nossa cultura já definiu para nós e tendemos a perceber o que colhemos na forma estereotipada, para nós, pela nossa cultura”. Isto é, a valoração social sobre as coisas (e especialmente sobre grupos de pessoas) leva a sentidos gerais cristalizados na língua. Os estereótipos são, portanto, sentidos enrijecidos e acumulados em dada cultura. Assim, para o autor, o processo de estereotipia funciona como uma “antevisão”, ou seja, o espírito coletivo (da tradição cultural) nos faz representar e produzir determinados efeitos de sentido de maneira prévia a processos concretos (como a leitura de um texto).

Hall (2016) também trata do conceito de estereotipia, ao apontar que algumas representações sociais possuem caráter essencialista, reduzindo determinado objeto, pessoa ou grupo a características simplificadas que pouco ou nada dizem da realidade e, ainda assim, são aceitas como naturais, ao fixarem-se no imaginário coletivo. O processo de estereotipagem marca fortemente um caráter de diferença, especialmente quando diz respeito a grupos sociais (em suas análises, o autor avalia estereótipos acerca de grupos negros nos Estados Unidos, por meio de cartazes, propagandas, filmes, enfim, conteúdos midiáticos, criados pela branquitude estadunidense que perpetuam a hierarquia étnica naquele país). Ou seja, podemos reconhecer, mais facilmente, a estereotipagem em relações de desigualdade social e de poder/hierarquia.

Simão e Deângeli (2018, p. 152) reforçam tais características e ressaltam que tanto as

representações, como os estereótipos, embora tenham um estado aparente de fixidez, “[...] podem ser questionados, desestabilizados e transformados no decorrer da história.” Acrescente-se, às mudanças históricas, desestabilizações pontuais e contextuais de representações e estereótipos, por motivações discursivas e/ou estilísticas, como pretendemos exemplificar em nossas análises.

Vejamos a seguir, o conceito de “canibalismo”, a partir de diferentes perspectivas, buscando evidenciar, de modo inicial, algumas representações gerais e estereótipos que perpassam esta lexia.

4.2 Canibalismo em diferentes perspectivas

Nesta parte do trabalho, tecemos, em um primeiro momento, considerações iniciais sobre as noções que se tem de “canibalismo” e “antropofagia”, em língua portuguesa, contextualizando a questão como um tabu. Posteriormente, refletimos brevemente sobre o canibalismo a partir de uma perspectiva histórica e tratamos, por fim, de possíveis motivações para tal prática (seja institucionalizada ou ocasional).

Entendemos o termo “canibal” e termos de mesmo radical como bastante difundidos em nosso idioma, seja no léxico ativo ou no léxico passivo de falantes de língua portuguesa no Brasil. De modo geral, a lexia se refere a seres humanos que se alimentam da carne e/ou sangue de sua própria espécie. Entretanto, objetivando um aprofundamento das noções de “canibalismo” e “antropofagia”, recorreremos a dicionários e obras de referência, especialmente nas áreas de Antropologia e História, a fim de tratar o tema com o devido rigor. As definições encontradas nos dicionários consultados confirmam, em alguma medida, as representações suscitadas pelo imaginário coletivo.

A palavra “canibal” recebe, no dicionário Houaiss, as seguintes definições: “mesmo que antropófago”; por derivação, indicada pela marca de uso sentido figurado, “indivíduo cruel”; com rubrica da zoologia, “que ou o que devora outro da mesma espécie” (HOUAISS ELETRÔNICO, 2009). A título de confirmação, ao recorrermos ao dicionário Caldas Aulete, nos deparamos com as seguintes acepções para a lexia: “pessoa que come carne humana”; “antropófago”; com marca de sentido figurado, “pessoa muito cruel”; “animal que devora outro da mesma espécie” (AULETE ELETRÔNICO).

Por outro lado, o item lexical “antropófago” recebe as seguintes definições: “diz-se especialmente de ser humano que se alimenta de carne humana” (HOUAISS ELETRÔNICO,

2009); “diz-se geralmente de ser humano que come carne humana”; “indivíduo que come carne humana” (AULETE ELETRÔNICO).

Ou seja, os dicionários definem a palavra “canibal”, com acepções antropológicas que derivam da zoologia (comer aqueles da mesma espécie, no caso, a humana) e, por derivação de sentido, remetem à ideia de crueldade. Já a unidade “antropófago” não apresenta semas negativos, ou seja, não há traços semânticos relacionados à crueldade e nem usos figurativos, permanecendo como um termo “mais técnico”, embora os dicionários não o filiem a nenhuma área do conhecimento.

Já de acordo com Lestringant (1997), nos estudos antropológicos, e Diehl & Donnelly (2007) na área da História, o uso da palavra “canibal” começa com a chegada de Cristóvão Colombo nas Américas e nem sempre teve conotação negativa:

o nome dos canibais deriva originalmente do arawak “caniba”, que seria a alteração de “cariba”, palavra pela qual os índios caribes das Pequenas Antilhas se autodesignavam, e que em sua língua, significaria “ousado”. Na boca de seus inimigos — os pacíficos arawak de Cuba —, ao contrário, o termo tinha um valor claramente pejorativo, por conotar uma ferocidade e uma barbárie extremas (LESTRINGANT, 1997, p. 27).

Os autores, ao apontar Colombo como uma espécie de “inventor” ou “criador” da palavra “canibal”, discutem como, logo no início, houve um deslocamento de sentido da unidade lexical, haja vista que os “canibas” a usavam com uma conotação positiva, ligada à própria ousadia e força. Por outro lado, quando seus inimigos usavam o termo, havia uma conotação negativa, ligada à barbárie, à ferocidade. Cabe notar que, em grande medida, a acepção pejorativa foi a mais propagada pós Colombo pelo mundo ocidental e que, apesar de algumas mudanças apontadas por Lestringant (1997) no decorrer de seu livro, persiste até hoje.

Cabe notar como, desde o início, a definição de “canibalismo” está relacionada à forma como alguém “de fora” enxerga seus praticantes: “o canibal é o outro” o que testemunha uma espécie de alteridade extrema (por não o entender, teme-se o outro, o diferente, o desconhecido). É o que aponta Gund (2018, p. 13) ao afirmar que a imagem do canibal “[...] foi divulgada e cristalizada no imaginário coletivo por meio dos textos coloniais que registraram as conquistas de além-mar e dos processos de colonização e alargamento de reinos europeus, tanto em território quanto em poder políticoeconômico.” A autora prossegue afirmando que “[...] o canibal, como invenção do século XVI, é, principalmente, a representação da diferença, ao mesmo tempo, diverso em sua aparência física e suas práticas culturais, sobretudo no hábito de comer carne humana.”

Isto é, embora existam registros de práticas antropófagas desde tempos tão remotos que

remetem ao homem de Neandertal, foi a colonização e exploração das Américas que cristalizou de vez as representações do canibalismo em nosso léxico e imaginário coletivo, enquanto sociedades dominadas por valores ditos ocidentais. Já o termo “antropófago”, de acordo com Diehl e Donnelly (2007) surge anterior à ocupação europeia nas Américas, no século V a.C., com Heródoto, historiador grego, e combina os vocábulos gregos *antropos* (homem) e *phagein* (comer).

Lestringant (1997), por seu turno, aponta que Thevet fazia uma importante distinção entre “canibalismo” e “antropofagia” em que os “antropófagos” seriam tribos inseridas em rituais de vingança, perspectiva que lhes configura um caráter humano universal (a noção de honra). Neste sentido, seu comportamento poderia ser entendido e até desculpado ou inocentado. Já os canibais propriamente ditos seriam aqueles que “comem carne humana por gosto perverso e bestial” (p. 75). Assim, os “antropófagos” podem ser compreendidos dentro de uma lógica humana. Os “canibais”, por outro lado, não são reconhecidos por Thevet como humanos, mas como bestas, ou seja, que se comportam como animais, isto é, há uma desantropomorfização dos praticantes. É válido ressaltar que nem todos os autores fazem uma distinção clara entre “canibalismo” e “antropofagia”, termos que, por vezes, são tratados como sinônimos. Neste trabalho, usaremos o termo “antropofagia” e correlatos para designar um tipo de “canibalismo ritualístico” ou “institucionalizado”, sendo, portanto, “canibalismo” entendido como termo hiperônimo.

Cabe mencionar, ainda, que a própria noção de “canibalismo” é um tabu a ser evitado em diversos âmbitos: é um tabu social, ou seja, não deve ser praticado em nossas sociedades; é um tabu linguístico, isto é, não é um tema benquisto para ser posto em discussão; é, também, um tabu jurídico, sendo por vezes uma questão tratada na esfera da legislação; e um tabu religioso, sendo prática condenada e entendida como pecado em diversas religiões, especialmente nas cristãs. O canibal configura-se, portanto, como um transgressor, alguém que faz o que não é permitido. Talvez por isso o tema gere uma espécie de curiosidade e fascínio em parte da população, inclusive na literatura, na arte, no cinema e no jornalismo (especialmente na esfera sensacionalista). É o que aponta Gund (2018, p. 62) ao afirmar que “o problema é que o canibal se trata de um humano livre: da culpa cristã, do poder político e valores morais hegemônicos. E é justamente essa liberdade que ameaça e fascina. Seu ato de devoração – sua transgressão maior – impõe como jogo de espelhamento e negação.”

Façamos agora uma breve reflexão sobre o canibalismo na História da humanidade. Diehl e Donnelly (2007) apontam que há evidências arqueológicas que comprovam práticas de antropofagia, desde há pelo menos três milhões de anos. Tais evidências podem ser encontradas

na China (monte Longgu - Osso do Dragão), na Espanha (Gran Dolina), na Iugoslávia, na Inglaterra, nos Estados Unidos, e em diversos outros sítios arqueológicos. As provas mais irrefutáveis de tais práticas são marcas de “carnação”, ou seja, da retirada da carne com fins culinários, encontradas em ossos humanos; ossadas humanas misturadas com ossos de animais em acampamentos fixos; ossos com extremidades esmagadas (retirada de tutano); além de “coprólitos”, isto é, massa fecal humana preservada, contendo resquícios de carne humana.

Muitos autores tentaram designar os motivos que levariam certas populações ou indivíduos ao comportamento antropofágico. Lafitau (1774, apud Lestringant, 1997) aponta para dois motivos principais: o primeiro seria uma espécie de perversão alimentar, um apetite pela carne humana, enquanto o segundo seria uma raiva ou furor contra os inimigos. Os motivos apontados pelo autor ilustram o que discutimos anteriormente, sendo o primeiro associado ao “canibalismo” e o segundo à “antropofagia”. Sade (1990, apud Lestringant, 1997) por seu turno, aponta quatro razões que explicariam o comportamento canibal: a primeira é uma justificação supersticiosa ou religiosa; a segunda é o apetite desordenado (histeria alimentar); a terceira é a vingança; e a quarta liga-se a uma necessidade. As causas apontadas por Sade parecem se desdobrar e, de alguma forma, convergem para as definições até então apresentadas.

Em outra perspectiva, Diehl e Donnelly (2007) apontam outras motivações para o comportamento canibalesco. Nos cabe destacar algumas. Primeiro, devemos fazer uma distinção importante entre as noções de “endocanibalismo” e “exocanibalismo”. Endocanibalismo é a prática ritualística e funerária de alimentar-se de amigos ou parentes mortos, em um gesto de respeito e admiração. Já o exocanibalismo refere-se também a um ritual, porém a carne consumida é a de inimigos, em casos de guerras, vinganças e sacrifícios. Nos dois casos há um aspecto religioso envolvido.

Os autores apontam, ainda, os principais motivos que levam ao canibalismo quando não associado a práticas sociais ou religiosas. A guerra, em geral, parece levar a casos de canibalismo como forma de insulto/humilhação ao exército inimigo; há o que os autores chamam de “canibalismo aberrante”, ligado à criminalidade e a mentes doentes¹⁴. Há ainda o “canibalismo por sobrevivência”, também referido como “canibalismo por necessidade” ou “canibalismo *in extremis*”, ou seja, aquele que ocorre em situações de desespero extremo, como em períodos históricos de fome e em seguimento a desastres naturais.

¹⁴ As associações “canibalismo + criminalidade” e “canibalismo + loucura” foram debatidas, previamente, em Souza e Simão (2020). Tais associações aparecem inter cruzadas nos dados analisados e serão, também, retomadas em nossas análises.

Esse último tipo também é objeto de discussão em trabalhos de diversas áreas. Fuller (2008), em livro que mistura ficção, baseada em eventos verídicos e polêmicos, com Filosofia do Direito, discute caso jurídico em que o estado de desespero somado a um quadro de desesperança por parte dos envolvidos em um acidente em uma caverna subterrânea, levou espeleólogos a praticarem “homicídio seguido de canibalismo”. O relato é interessante na medida em que debate como uma situação *in extremis* (os exploradores morreriam por inanição) leva pessoas comuns a práticas homicidas e canibalescas. Um dos casos mais célebres deste tipo de prática talvez seja o dos jogadores de rúgbi uruguaio que, após um acidente aéreo, em 1972, ficaram presos nas montanhas andinas por setenta dias, sobrevivendo graças ao consumo da carne dos companheiros mortos.

Em *Jantar Secreto*, embora os jovens não fossem morrer por falta de nutrientes, ou mesmo de dinheiro, o canibalismo atende às suas mentes sem esperança e perspectivas. Ou seja, embora o caso ficcional não se dê como sobrevivência biológica, relacionada à fome, o canibalismo torna-se uma prática social, entre o grupo de amigos que organiza os jantares e os comensais, representados pela elite carioca, em uma busca por sobrevivência que critica o sistema capitalista vigente, na medida em que a falta de recursos monetários, em um sistema que permite a exploração dos mais fracos leva a uma desestabilização da sociedade, das relações humanas, das relações com a vida e a morte, ou seja, por meio da exploração de temática tabu, na ficção, há a denúncia de uma disfunção social contemporânea.

Diehl e Donnelly (2007) apontam, por fim, outras associações encontradas ao analisar mais de quinze casos reais de canibalismo ao longo da História da civilização humana: relações difíceis com os pais (especialmente com a figura materna); baixa socialização; elementos de natureza sexual (seja o canibalismo uma espécie de fetiche, seja a prática de outros crimes/tabus sexuais, como estupro, pedofilia e zoofilia, por exemplo); abuso de drogas e álcool; a superpopulação também é uma motivação abordada. Retomaremos algumas dessas associações/motivações em nossas análises. Tratemos, a seguir, de como a temática dos crimes de canibalismo é abordada na mídia.

4.3 Canibalismo: crime e mídia

Nesta seção, apontaremos alguns casos reais de canibalismo, entendidos, de modo geral, como casos esporádicos, perpetrados por indivíduos (e não por grupos sociais, ainda que possam ser cometidos por mais de um indivíduo), tecendo algumas reflexões sobre suas

particularidades e desdobramentos. Os exemplos foram retirados do já citado *Devorando o vizinho*, de Diehl e Donnelly (2007), e selecionamos casos que ou são bastante conhecidos a ponto de servirem de inspiração para peças ficcionais, ou estabelecem conexões possíveis com o enredo de *Jantar Secreto*. Para concluir, apontamos o papel da mídia, em especial do jornalismo sensacionalista, na divulgação de tais atos.

O primeiro caso célebre a ser destacado é o de Sweeney Todd e Margery Lovett que, entre os anos de 1789 e 1801, fizeram mais de 160 vítimas, mortas e consumidas em Londres. Todd ficou conhecido posteriormente como “o barbeiro demoníaco da rua Fleet”, dada a gravidade de seus atos. A dupla, que com o tempo se converteu em par romântico e sexual, atuava de modo bastante organizado e suas tarefas eram bem divididas. O homem era o responsável por raptar e matar as vítimas (clientes ocasionais de sua barbearia) e transportá-las por túneis subterrâneos até a loja de tortas de Lovett. Lá, a mulher (e, com o crescimento do negócio, alguns ajudantes desavisados) era a responsável por transformar a carne em “disputadíssimas” tortas que eram vendidas para um público amplo, que desconhecia a procedência criminosa da carne, o oposto do que se dá em *Jantar Secreto*.

Após serem presos, Margery se suicidou em sua cela. Todd, por sua parte, foi condenado e levado à forca, seu corpo foi cedido à Escola Real de Cirurgiões, a fim de ser submetido a processos de dissecação e desmembração (de certo modo, como suas vítimas). Sweeney é considerado o maior assassino em série da história da Inglaterra. O casal se converteu em uma espécie de lenda urbana e inspirou famosos espetáculos musicais. O que nos lembra a trama de Raphael Montes é que, para além do fato de o casal utilizar carne humana como matéria prima para receitas e servi-las para outras pessoas, os dois enriqueceram, tanto pela venda das tortas, como pelo roubo de pertences e dinheiro das vítimas.

Outro caso célebre que merece ser aqui destacado é o de Ed Gein. Ed viveu nos Estados Unidos, convivendo em um ambiente familiar que poderia ser descrito como desequilibrado, de extrema religiosidade, abuso de álcool, dentre outros problemas que se somavam. Com uma personalidade antissocial, Ed lia sobre canibalismo, nazismo e outros temas tabus e se recolhia, cada vez mais, em sua própria mente. Em seu período criminal, entre 1954 e 1957, saqueou túmulos (inclusive o de sua mãe, com quem estabelecia diálogos imaginados, como se a progenitora estivesse viva), cometeu alguns assassinatos e consumiu parte do corpo de suas vítimas.

Ele foi considerado “insano” e ganhou notoriedade e espaço na ficção, tendo inspirado o livro *Psicose* (1959), de Robert Bloch, posteriormente adaptado para o cinema por Alfred Hitchcock, transformando-se em um dos maiores clássicos do cinema, e recentemente adaptado

para a televisão na forma da série “Motel Bates”, que focaliza a conturbada relação de Norman (inspirado em Ed) e sua mãe, Norma. Gein inspirou, também, personagens em outras histórias como “It” (1967), “O massacre da serra elétrica” (1974) e “O silêncio dos inocentes” (1988). Mais do que o canibalismo de Gein, a relação desassossegada com sua mãe e o ato de vestir-se com roupas da falecida senhora parecem interessar o meio artístico. Em analogia a *Jantar Secreto*, o personagem Leitão parece ter vivido uma infância difícil e bastante religiosa com sua mãe, com quem, mesmo estando morta, se comunica, por meio de cartas.

O terceiro caso que destacamos é o de Jeffrey Dahmer, que teve seus dias de crime entre os anos de 1978 e 1991, também nos Estados Unidos. Dahmer igualmente viveu em uma família difícil, sendo um jovem retraído, pouco sociável. Jeffrey, que era homossexual, desenvolveu desejos macabros que envolviam matar, profanar (inclusive cometendo atos de necrofilia) e alimentar-se de alguns de seus possíveis amantes. A descrição que Diehl e Donnelly (2007) fazem de Dahmer nos lembra, em alguns aspectos, a ficção de Montes. Primeiro pelo abuso de álcool, por sua clara perturbação mental e pelo fato de que, assim como Jeffrey, Dante, o narrador de *Jantar Secreto*, é homossexual¹⁵.

O caso de Armin Meiwes, cujo único crime conhecido ocorreu em 2001, na Alemanha, também merece ser lembrado. Semelhante aos demais, Meiwes teve uma infância problemática, especialmente marcada pelo autoritarismo de sua mãe. O que mais chama atenção na história de Armin é que ele se correspondia, em fóruns virtuais, com possíveis vítimas. Assim, o “canibal da internet”, como ficou conhecido, marcou um encontro com Bernd-Jurgen Brandes, que se ofereceu voluntariamente para ser morto e consumido em um ato canibalesco. O pênis de Brandes foi retirado, frito na manteiga e devorado pelos dois em um ato amoroso/sexual. Brandes posteriormente foi de fato assassinado e a quase totalidade de seu corpo serviu de alimento para Meiwes por aproximadamente dois anos. Armin foi condenado à prisão perpétua por “assassinato por prazer sexual”, embora a defesa tenha pleiteado uma condenação por “morte encomendada”, crime tipificado na legislação alemã, com pena menor. O caso se destaca, em relação à história de *Jantar secreto* por dois motivos:

¹⁵ Embora as relações estabelecidas sejam distintas, já que Dante não usa seus amantes como matéria prima para os “jantares secretos”, o fator sexual envolvendo esse personagem é muito constante na narrativa analisada. O sexo, como as substâncias psicoativas e medicamentos, é usado pelo rapaz como forma de distanciar-se cada vez mais da realidade, o que, em certa medida, aconteceu no caso de Dahmer, mesmo que no romance o sexo não apresente um caráter de perversão.

como Leitão, Meiwes era engenheiro da computação¹⁶ e o crime que o condenou começou por meio da internet, assim como acontece na trama policialesca que investigamos.

O último caso que gostaríamos de comentar se deu, também, em 2001, nos Estados Unidos. Marc Sappington é um caso raro nos anais da psicologia criminal. Um dos poucos assassinos em série negros do país, a idade e o comportamento de Marc não se assemelham a outros canibais ou *serial killers*. Diehl e Donnelly (2007) indicam que o jovem doce se converteu em um assassino canibal. Sem muitas explicações para a transgressão de Sappington, os autores apontam o abuso de drogas como um elemento chave para desencadear tais comportamentos. Além de o abuso de drogas ser marcante, o fato de Marc ser descrito como um jovem comum e doce se assemelha à produção de Montes, em que um grupo ordinário de amigos universitários acaba se envolvendo na complexa trama canibal do romance.

Tecemos a partir de agora alguns comentários acerca do papel do jornalismo na divulgação de casos reais de canibalismo. Por sua natureza tabuística e por se tratar de um “crime¹⁷” raro, embora Diehl e Donnelly (2007) apontem que casos de canibalismo estão se tornando mais comuns, especialmente na Rússia, eventos que envolvem canibalismo parecem ser um tema fecundo para as páginas criminais de diferentes meios de comunicação, especialmente de veículos sensacionalistas. Os autores apontam o papel da imprensa em alguns dos casos por eles analisados. Um exemplo que merece destaque nesse sentido é o de Issei Sagawa, doutorando japonês que, em 1981, assassinou e devorou uma estudante francesa, em Paris. Após cumprir pena e regressar ao Japão, o homem se converteu em uma espécie de celebridade, atuando como escritor, *critico culinário*, comentarista em tabloides e tendo outras aparições midiáticas (inclusive em filmes pornográficos que reproduzem o assassinato que lhe concedeu fama).

O caso de Gary Heidnik, cujo período de atividade canibalística se estendeu entre 1986 e 1987, também repercutiu na imprensa, especialmente nos Estados Unidos, onde os crimes ocorreram. “[...] os jornais, inclusive o influente *Philadelphia Inquirer*, trabalharam duro descrevendo a ‘Casa dos horrores’, o ‘Calabouço da Tortura’ e a ‘Orgia sexual do homem louco’” (DIEHL & DONNELLY, 2007, p. 261, grifos dos autores). Interessante notar, neste exemplo, como a imprensa perpetua certas representações no imaginário popular, a exemplo da noção de canibalismo como ato de insanidade mental.

¹⁶ Dentre as profissões dos personagens do romance, além de Meiwes, *Devorando o vizinho* apresenta o caso de Hadden e Bradfield Clark, dois irmãos que, em circunstâncias diferentes, performaram atos de canibalismo. Eles eram, respectivamente, um *chef* de cozinha e um engenheiro da computação, como Hugo e Leitão no romance.

¹⁷ Aprofundamos a relação canibalismo e crime posteriormente.

Para finalizar, na análise do já citado caso de Marc Sappington, os autores apontam que:

[...] em um mundo em que cada ato hediondo ou cada crime abominável é explorado ao máximo por uma mídia insaciável e imediatamente proclamado aos quatro ventos, coisas que antes eram convenientemente deixadas sob o tapete como socialmente inaceitáveis se tornaram o prato principal de todo alarmista, político oportunista e *paparazzo* do planeta (DIEHL & DONNELLY, 2007, p. 319).

Isto significa que, na opinião dos autores, além da crescente onda de casos de canibalismo, há, igualmente, um crescente interesse por tais casos na mídia. Talvez o canibalismo, ainda sendo um tabu social, seja, cada vez menos, um tabu linguístico, ou midiático, visto que parece possível que abordar o tema não seja mais uma transgressão tão grande, como em décadas anteriores.

À continuação, discutiremos a característica estética do canibalismo na arte e a ficcionalização do tema, com breves referências a obras literárias produzidas no Brasil ou no exterior e um destaque ao Modernismo Brasileiro (na arte e na literatura), com especial referência ao *Manifesto Antropófago*.

4.4 Canibalismo: arte e literatura

O romance *Jantar Secreto*, aqui analisado, não é pioneiro ao tratar do tema canibalismo na literatura universal. De acordo com Lestringant (1997) “o antropófago tende a se transformar num objeto de arte.” (p. 269). O autor aponta, ainda, para o caráter estético do canibal que desperta uma curiosidade criativa, tendo, ao longo da história sido representado em quadros, xilogravuras, mitos, peças teatrais, além de figurar, também, na literatura e no cinema. “Seu prestígio literário está à altura do horror que comumente suscitam.” (p. 38).

Tratemos primeiro, então, do canibalismo literário. Alguns exemplos foram retirados de Diehl e Donnelly (2007) e Gund (2018), enquanto outros foram encontrados em nossa prática de leitura. Cabe mencionar, também, que embora os relatos de viajantes europeus dos séculos XVI a XVIII, especialmente, tenham reconhecido caráter literário, não é a esses escritos que nos referimos nesta seção.

Desde mitologias, como a história de Cronos devorando seus filhos para não ser vencido e, posteriormente, vomitando-os ao ser superado por Zeus (com a ajuda de sua mãe, Réia); passando por fábulas infantis, como João e o pé de feijão e João e Maria; o (medo do)

canibalismo sempre foi um tema presente nas obras de ficção. Seja o canibalismo propriamente dito, ou metaforizado pela presença de seres humanoides (como bruxas, gigantes, ciclopes, vampiros, zumbis, e outros seres míticos), o desejo por carne e sangue humanos parece ser um tema frequente na literatura, desde há muito tempo.

Alguns exemplos merecem comentários mais detalhados. Daniel Defoe criou o personagem Robinson Crusoé, no romance homônimo que, após se ver sozinho em uma ilha é constantemente atemorizado pelo medo de ser devorado por outros seres humanos. De fato, o personagem Sexta-feira escapa de uma tribo de “comedores de carne humana” antes de se encontrar com Crusoé. Em *Modesta Proposta*: para evitar que as crianças pobres da Irlanda sejam um fardo para seus pais ou para o país; também referido como *Manual para fazer das crianças pobres churrasco*, Jonathan Swift sugere que a carne de crianças seja consumida para vencer a política de fome inglesa à época. De modo metafórico, portanto, o escritor de *As viagens de Gulliver* critica a postura de seu governo em relação à população mais pobre. No conto “Intestino Grosso”, de Rubem Fonseca, o personagem-autor entrevistado sugere o “Canibalismo Místico” como religião “superantropocêntrica” que evitaria o desperdício de proteínas.

Não podemos encerrar a presente seção sem mencionar o personagem Hannibal Lecter, uma das figuras mais célebres da literatura e do cinema de terror. Criado por Thomas Harris, o psiquiatra, assassino em série e canibal ganhou vida no livro *Red Dragon* de 1981, aparecendo também nas sequências literárias, em filmes e séries de televisão, se transformando em um marco da figura canibal contemporânea.

Passamos agora a refletir sobre a questão do canibalismo, ou bem mais da antropofagia, na arte e na literatura do Modernismo Brasileiro. Para Oswald de Andrade e seus companheiros modernistas, o conceito de antropofagia, no sentido de “assimilação cultural”, inspirado em rituais indígenas, especialmente dos tupinambás, era o mais representativo que havia na cultura brasileira. De fato, a antropofagia se converteu, posteriormente, em um quase sinônimo de brasilidade¹⁸. No *Manifesto Antropófago*, publicado originalmente em 1928, Andrade (2011, grifos do autor) aponta, nesse sentido, que “Só a ANTROPOFAGIA nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente”, enquanto brasileiros.

Na arte e na literatura do período, a antropofagia era a principal inspiração. O outro era reconhecido, comido, absorvido e transmutado em algo novo, diferente e genuinamente

¹⁸ Entendemos o termo como uma identificação com o Brasil e com aquilo que é brasileiro, de modo imaterial e mutável, sem o culto a símbolos fixos, como a bandeira e o hino nacionais, por exemplo.

brasileiro. Assim, o movimento tem caráter nacionalista, mas não ufanista ou xenofóbico. Desta forma, a antropofagia configura-se, metaforicamente, como o próprio processo político e cultural dos modernistas, que preconizavam a assimilação crítica de suas influências, da aproximação entre o passado (guerreiro, transgressor) e o futuro (moderno, utópico, tecnológico).

Assim, a ideia da antropofagia, quando usada pelos modernistas, se caracteriza como uma renovação estética que, como no caso das práticas antropofágicas, configura-se como transgressão ao conservadorismo imposto na arte e nos moldes literários.

Além do manifesto, a ideia de antropofagia ganhou destaque na Revista de Antropofagia (1928), na música (especialmente no período da Tropicália e posterior) e na arte. Citamos como obras artísticas importantes para representar o tema: “Abaporu” (1928) e “Antropofagia” (1929), de Tarsila do Amaral; “Glu Glu Glu” (1967) de Anna Maria Maiolino; e “Abaporu” (1967), de Glauco Rodrigues.

O horror indizível do canibalismo, tema em geral tabuizado e evitado, parece, dessa forma, encontrar um lugar de honra e dignidade social na arte e na ficção. Os canibais não têm voz e, nesse sentido, Raphael Montes, com seu narrador-canibal, parece dar a palavra a esta figura polêmica e temida. Trataremos, a seguir, brevemente, sobre *Jantar Secreto*.

4.5 Canibalismo em Jantar Secreto: considerações prévias

A fim de contextualizar a obra analisada, cabe mencionar algumas questões, suscitadas em momento anterior e concomitante à presente pesquisa e debatidas em Souza e Simão (2020). Como já mencionado no capítulo anterior, o romance narra uma série de acontecimentos cada vez mais perigosos e catastróficos na vida de quatro amigos de infância que, em meio à crise econômica vivenciada pelo Brasil na época da publicação (2016), decidem, inicialmente por uma “brincadeira” de Leitão, um dos quatro colegas, organizar jantares à base de carne humana como forma de conseguir dinheiro para saldar uma dívida de aluguel.

Cabe mencionar que o romance apresenta as ações criminosas, por vezes, de modo natural ou banalizado; há, também, críticas ao sistema capitalista, tendo em vista que a exploração humana para fins de lucro é o tema central na obra; há, ainda, uma desumanização das vítimas e, inclusive, uma animalização destas, vistas apenas como “carne”, matéria-prima para refeições, chamadas, inclusive, de “gaivotas”. Os efeitos de sentido, decorrentes de representações, como discutiremos mais detidamente no capítulo de análise, suscitados pelo

romance, encontrados em excertos analisados em Souza e Simão (2020), remetem à esfera do crime e à da loucura. Tais associações são estabelecidas de modo intercruzado. Cabe notar, também, que apresentamos, por meio de excertos do romance e trechos de notícias retiradas da web, que “canibalismo”, de modo geral, não é tipificado como crime, enquadrando-se, genericamente, no ato de vilipêndio (ver Brasil, 1940).

Apresentamos, a seguir, a metodologia empregada neste trabalho.

5. Metodologia de pesquisa

5.1 Composição do *corpus*

O *corpus* de análise do presente trabalho é composto pelo romance *Jantar Secreto*, de Raphael Montes (2016) e textos jornalísticos extraídos do jornal “Folha de S.Paulo” (2001-2020). Dispomos do texto literário em versão física, a qual lemos de modo a identificar possíveis excertos em que unidades lexicais relativas à temática central apareciam em contexto, efetuando, inicialmente, uma recolha manual dos dados. Também dispomos da obra em versão digital (PDF), de modo a facilitar o levantamento dessas unidades, bem como dos excertos em que são empregadas na obra (comando “Ctrl” + “F”), para garantir uma maior uniformidade na recolha dos dados.

De toda a obra, inicialmente, selecionamos 76 excertos, em que ocorre a unidade “canibalismo” ou unidades correlatas (como “canibal”, “carne humana”, “antropofagia”, etc.). Destes, selecionamos os 16 trechos que foram de fato analisados.

Em uma pré-análise, observamos possíveis representações ou efeitos de sentido, de modo mais atento, ainda que não se trata da análise de fato. Foram observados temas que se repetem entre os 76 trechos, inclusive alguns que coocorriam. Dos temas observados nesta análise inicial, selecionamos os seguintes eixos para aprofundar nossa investigação: *A* - Loucura, Crime e Moralidade; entendidos como temas centrais na configuração do canibalismo na obra; *B* - crítica ao sistema capitalista e outras questões de ordem política; *C* - críticas sociais: a questão da desantropomorfização das vítimas.

De modo a facilitar a sistematização dos dados a serem analisados, os excertos foram divididos nas três esferas apresentadas, em consonância, sempre que possível, com dados análogos advindos do *corpus* jornalístico.

Para os textos jornalísticos, utilizamos o banco de dados virtual da “Folha de S.Paulo” a fim de compor o *corpus*. A busca na base foi feita a partir da lexia “canibalismo”, sendo estabelecido, como limite de data, o período correspondente *apenas* ao século XXI (01/01/2001-17/08/2020), para maior proximidade cronológica com a época de publicação de *Jantar Secreto*, no ano de 2016. Nessa busca inicial, encontramos 958 resultados, um número expressivo, sem dúvida, mas que foi reduzido em um primeiro olhar, com base nos seguintes critérios: excluímos textos e matérias repetidas; páginas em espanhol; quaisquer textos que mencionam o escritor Raphael Montes e seus livros, uma vez que, pode haver, nesses textos,

algum tipo de influência ou reprodução dos sentidos usados pelo autor; textos em que a unidade “canibalismo” não se referia, literal ou metaforicamente, a uma prática humana (ou seja, referia-se a práticas animais). Desse modo, inicialmente, selecionamos 103 publicações para compor o *corpus* jornalístico e que, de modo análogo ao *corpus* literário, passaram por uma “pré-análise” para que fossem selecionados os 15 excertos mais significativos/representativos para serem analisados no presente projeto.

Dentre os 15 excertos jornalísticos analisados na presente pesquisa, destacamos que estes foram retirados de 8 seções do jornal “Folha de S.Paulo”, sendo 3 textos de “Colunas”, assinados por João Pereira Coutinho, Kenneth Maxwell e Luiz Felipe Pondé; 3 de “Cotidiano”, a seção em que costumam aparecer as notícias referentes a crimes, sendo 2 assinados por Daniel Carvalho e 1 por Juliana Coissi; 1 de “DW”, reprodução do jornal alemão Deutsche Welle, sem autoria mencionada; 1 de “Livraria da Folha”, seção de recomendação de livros, sem autoria apontada; 4 de “Mundo”, seção de repercussão de notícias internacionais, 1 assinado por Márcia Soman Moraes, 1 por Paula Sperb e 2 sem apontamento de autoria, sendo 1 destes reprodução da France Presse, agência francesa; 1 de “Opinião”, sendo texto assinado por Gilberto Dupas; 1 de “Painel do Leitor / Seção de Cartas”, parte destinada ao recebimento de comentários e discussões do público do jornal”, sendo comentário da leitora Angela Botelho; e 1 de “Routers”, reprodução do jornal britânico, sem autoria mencionada. Assim, compreendemos que os trechos selecionados provêm tanto de sessões mais informativas, como de seções mais assumidamente opinativas. Além disso, os textos representam diferentes datas, dentro do período apontado, e também remetem a casos ocorridos tanto no país como no exterior.

5. 2 Sobre a análise dos dados

Após a escolha dos excertos, dentro do *corpus* definido (*Jantar secreto* + textos da “Folha de S.Paulo”), a análise dos dados foi qualitativa, buscando entender quais relações são estabelecidas entre o léxico relativo ao canibalismo e os discursos vigentes e associados à temática.

Nossa análise parte do princípio da semasiologia¹⁹, conforme Baldinger (1966). Assim,

¹⁹ O autor distingue os termos “semasiologia” e “onomasiologia”. Não nos aprofundamos no segundo conceito, pois nossa análise não segue seus princípios. Segundo Baldinger, os dois termos são opostos e complementares (não se excluem). Uma análise onomasiológica pretende alcançar designações (não significações), partindo de um conceito e chegando a um conjunto de itens lexicais.

entendemos o campo semasiológico, como o campo das significações (ou, neste trabalho, dos sentidos). Tais sentidos se relacionam entre si, em uma espécie de “nó semântico”. Ou seja, um estudo semasiológico parte de *uma* unidade lexical (no nosso caso, “canibalismo”), ligando a forma (lexia) aos seus conceitos (sentidos), evidenciando, portanto, o caráter polissêmico da linguagem. Dessa forma, a semasiologia pode focar no ouvinte/leitor, isto é, na interpretação e na produção de sentidos diversos associados a um item do léxico.

Assim, selecionamos a unidade lexical em tela, “canibalismo”, e traçamos o caminho semasiológico de análise. No tratamento dos dados, retomamos os conceitos discutidos na Fundamentação Teórica para evidenciar: as relações entre léxico e discurso, acionadas pelos contextos; os sentidos cristalizados na unidade; a (re)construção de sentidos, de caráter estilístico e contextual.

Na análise dos dados, serão mostrados quadros numerados, elaborados por nós, nos quais estão dispostos os excertos selecionados. Na legenda de cada quadro, apresentamos a página de *Jantar Secreto* de onde o trecho fora retirado, com menção aos personagens envolvidos na cena. No caso dos textos jornalísticos, incluiremos o *link* de acesso ao texto completo. Indicaremos a autoria dos textos retirados da “Folha de S.Paulo”, sempre que tal informação esteja disponível.

Apresentamos, a seguir, análise do *corpus*.

6. A respeito da análise dos dados

6.1 Contextualização *Jantar Secreto*: do enredo e dos personagens centrais

6.1.1 Do enredo

Como apontado anteriormente, *Jantar Secreto* trata de acontecimentos que se deram em um período de alguns anos na vida de quatro amigos de infância que mudam a realidade de suas vidas, primeiro ao mudarem de estado e verem-se sozinhos, descobrindo a si mesmos como adultos e tendo responsabilidades tais como trabalho, estudos universitários e o pagamento de contas, como o aluguel do apartamento onde coabitam.

Além disso, com as mudanças na economia do país, as dificuldades inerentes ao mercado de trabalho para jovens em formação e/ou recém formados, a crise econômica, o aumento dos preços, a especulação imobiliária e, finalmente, quando Leitão, um dos jovens, gasta a soma de trinta mil reais, equivalente a seis meses do aluguel onde vivem, os jovens, em uma situação inédita e caótica, buscam por alternativas para sanar seu problema monetário, sem a necessidade de recorrer ao aporte financeiro de seus familiares, no interior do Paraná ou, ainda, desistirem de seus sonhos e suas vidas na capital carioca e retornarem aos seus antigos lares.

Com essa premissa, o próprio narrador, Dante, em diálogo com os outros três protagonistas, em um gesto aparentemente jocoso, reflete sobre a realização de “[...] um único jantarzinho [canibal] para conseguir o dinheiro” (MONTES, 2016, p. 73), ato que levará os jovens a uma série de desdobramentos cada vez mais peculiares e criminosos. Desse modo, após a realização do primeiro jantar, os jovens se veem envolvidos em uma rede de eventos em que a criminalidade, a morte, o medo, a desconfiança e outros fatos e sentimentos vistos como negativos ou, ao menos, pouco convencionais, passam a rondá-los a cada momento.

O preparo de carne humana em elaboradas receitas gastronômicas é o pano de fundo da narrativa, por meio do qual outros temas vêm à tona. Há uma série de críticas sociais presentes no romance que, de modo geral, abordam práticas abusivas e exploratórias das sociedades capitalistas atuais. Apresentamos a seguir, breve resumo sobre os quatro amigos, protagonistas do romance, e Cora, a figura feminina mais presente na narrativa e que transforma a chamada “Equipe Carne de Gaivota” em um quinteto.

Cabe ressaltar que os personagens que participam dos jantares, consumindo carne humana, tem consciência de que é a carne de seus semelhantes que está sendo servida.

6.1.2 Dos personagens centrais

Dante, o narrador do romance, é formado em Administração de Empresas na UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), é homossexual, e abusa de substâncias como álcool, drogas ilícitas e medicamentos (incluindo ansiolíticos), além de usar o sexo como válvula de escape para as frustrações com as quais se depara em sua vida cotidiana, por exemplo o subemprego. Como narrador, Dante conta, em detalhes, o desenvolvimento da história, desde a amizade entre os quatro, até os desdobramentos macabros e sádicos que levaram aos “jantares secretos”. O narrador, por vezes, conta a história com medo e angústia. Há, entretanto, momentos de mais naturalização e aceitação em relação à trama. O estado de (in)consciência do jovem administrador, devido ao abuso de substâncias, também interfere em sua forma de ver e narrar os fatos. O romance inicia com a confissão que Dante faz do crime cometido por ele e seus amigos e os leitores acompanham os desdobramentos da história para, no final, entender como essa confissão se deu.

Leitão, ex-estudante de Ciência da Computação na PUC-Rio (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro), atua como *hacker*, participando de esquemas ilegais em ambiente virtual, com a intenção de obter lucro financeiro ou outras vantagens. O jovem é descrito, em tom sarcástico em relação ao próprio sobrenome, como sendo gordo, glutão e sedentário. Fuma muita maconha, mas seus principais vícios parecem ser a pornografia virtual e a comida. Virgem, até meados da narrativa, seu primeiro envolvimento sexual, com Cora, será de fundamental importância para os desdobramentos da trama, haja vista que é com essa prostituta que Leitão gastará o dinheiro dos amigos, desviando o montante referente aos aluguéis do apartamento, sem o conhecimento deles. É também de Leitão a ideia da organização dos jantares. Sua mãe havia sido prostituta e bastante religiosa, o que pode ter impactado negativamente o desenvolvimento de Leitão, que se converteu em uma espécie de “fanático religioso não praticante”, que se comunica, por epístolas, com a falecida mãe. No fim do romance, descobrimos que Leitão, com a ajuda de Cora, arquitetou os eventos, sem o conhecimento dos outros protagonistas. Ao fim da narrativa, o casal termina fingindo a própria morte e expandindo o negócio dos jantares.

Miguel, estudante de medicina na UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) é um jovem tímido e bastante retraído. Age como uma espécie de guia ético do grupo, lembrando-os constantemente dos desdobramentos legais e morais das ações por eles depreendidas. Acaba

aceitando participar do esquema montado por Leitão como forma de conseguir dinheiro para custear o tratamento de sua mãe, que está sob cuidados oncológicos. É figura essencial na realização do primeiro jantar, tendo em vista que o corpo que seria usado como matéria-prima das refeições fora roubado do hospital em que atuava como estagiário residente. Com os desdobramentos do romance, Miguel é morto em uma espécie de queima de arquivo.

Hugo, egocêntrico *chef*, formado em gastronomia, (a narrativa não informa o centro de ensino) atua como uma espécie de “Hannibal Lecter”, tratando os jantares como uma ciência ou ritual, algo muito sério e que deve ser conduzido com cuidado e requinte em cada detalhe. Sua atuação é sabida: é o *chef* responsável por elaborar e efetuar as receitas (cada vez mais sofisticadas e com ingredientes mais raros) para os jantares, pensando em combinações de sabores e harmonizações de vinhos, por exemplo. Ao fim da trama, é morto a facadas por Arthur, noivo de uma das vítimas do grupo que, com a ajuda de Dante, arquitetou uma vingança que acabaria com os jantares canibais.

Cora é a personagem mais enigmática do romance, já que seu passado, em um matadouro em Goiás, é pouco conhecido pelo narrador e seus amigos. Atua como prostituta e poeta, esse pseudônimo é inspirado em Cora Coralina, seu nome verdadeiro, descoberto por Dante no transcorrer da narrativa é Deusdete. Surge na história como um “presente” dado de aniversário a Leitão para sua primeira relação sexual. Sua atuação é central, pois, devido à sua experiência prévia no abate de animais, é recrutada como desmembradora e sangradora oficial para os jantares, utilizando sua chamativa motosserra amarelo-ovo. Seu destino será fingir a própria morte e fugir ao lado de Leitão, continuando as atividades da Equipe Carne de Gaivota, após a prisão/morte dos outros integrantes.

Quando se fizer necessário para a compreensão dos excertos, o nome dos personagens será indicado entre colchetes. Por exemplo: “sem dizer nada, deixei que ele [Miguel] fosse embora”. Informações adicionais para melhor compreensão dos excertos analisados poderão ser acrescentadas em forma de notas, ou no corpo do texto.

Apresentamos, a seguir, os trechos analisados referentes aos eixos centrais mencionados: “Loucura”, “Crime” e “Moralidade”.

6.2 Análise dos dados

6.2.1 Canibalismo e loucura

Quadro 1. Excerto de *Jantar Secreto*

“[...] Pensei em ‘**antropofagia gourmet**’, disse [Umberto], abrindo as mãos como quem desenha um letreiro no ar. “Mas depois me pareceu **covardia, eufemismo barato**. Acho melhor **canibalismo gourmet**.”

Leitão gargalhou:

“Canibalismo gourmet?”

“O conceito de canibalismo está **poluído**, tem uma **carga semântica muito negativa**. Você fala nisso e as pessoas logo pensam no sujeito que se ofereceu para ser devorado na internet, no **Hannibal Lecter** e nos **malucos** que fizeram coxinha de **carne humana** pra vender lá no Nordeste. Coxinha, pelo amor de Deus! Que jeito de cozinhar uma **iguaria**!”

Diálogo entre Umberto e Leitão. Fonte: MONTES (2016, p. 203, [grifos nossos]).

Neste excerto, os amigos estão pensando em uma espécie de conceito ou imagem para sua empresa, a Equipe Carne de Gaivota. Nesse momento, Umberto, um rico empresário, dono de uma rede de crematórios, que serve como financiador dos jantares posteriores ao primeiro, recebendo parte dos lucros, sugere a ideia inicial, que seria “antropofagia gourmet”, descrita como “covardia” ou “eufemismo barato”. Interessante notar que um dos aspectos centrais de ritos antropófagos institucionalizados perpassa a noção de absorção da coragem dos indivíduos consumidos pelos consumidores, no processo de alimentação. Aqui, para exercitar tal coragem, o nome deve ser mais direto e concreto: “canibalismo gourmet”.

Cabe notar, ainda, que os personagens traçam reflexões linguísticas sobre as representações estereotipadas de “canibalismo” na sociedade. As reflexões são evidenciadas, no léxico, em “conceitos [...] poluídos” e “carga semântica negativa”. É apenas na alteração do termo “antropofagia” para “canibalismo” que as imagens mais negativas de tais práticas aparecem lexicalmente marcadas. É possível que a visão da antropofagia seja mais positiva em relação à visão social de canibalismo (não socialmente institucionalizado).

Há ainda, no excerto, a representação do canibalismo como ato de loucura, evidenciada pelo uso da lexia “malucos”. Esta representação do canibal como louco é amplamente disseminada ao longo do romance e também aparece em grande parte dos textos jornalísticos que compõem o *corpus* e será examinada com mais afinco em trechos futuros. Por ora, cabe notar que o desejo de Umberto é distanciar-se da visão negativa associada ao canibalismo e

não ser tachado como “maluco”, ainda que reproduza ações semelhantes às daqueles que ele mesmo estereotipa como mentalmente desequilibrados.

Nessa diferenciação, o personagem critica o uso de carne humana na produção de “coxinhas”, propondo que uma “iguaria” como a carne humana necessita de um tratamento “gourmetizado”, o que é reforçado pela menção intertextual à figura de Hannibal Lecter (ainda que o personagem seja referenciado de forma negativa). Parece haver no processo de gourmetização um acréscimo de “decência” que aliviaria as nuances negativas dos jantares canibais, justificando o uso, na alimentação, de algo que não seria alimento humano. Ou seja, de forma sarcástica, a caracterização dos “malucos” parece se dar mais pelo fato de que transformam uma iguaria (a carne humana) em coxinha, um prato popular, do que pelo canibalismo em si.

Por fim, cabe evidenciar que o trecho faz referências intertextuais, também, a casos reais de canibalismo, a saber: o “sujeito que se ofereceu para ser devorado na internet”, referindo-se ao alemão Bernd-Jurgen Brandes que, voluntariamente, se ofereceu para ser devorado por Armin Meiwes, seu compatriota, em 2001, caso já abordado no capítulo terceiro desta Dissertação; e os “malucos que fizeram coxinha de carne humana pra vender lá no Nordeste”, em referência a Jorge Beltrão, Isabel da Silveira e Bruna da Silva, conhecidos como “os canibais de Garanhuns”, nomenclatura cunhada para evocar à cidade do estado de Pernambuco onde o caso se desenrolou. Essa intertextualidade, por parte dos personagens, evoca, de certo modo o imaginário coletivo em relação ao canibalismo, apontando também algumas similitudes entre os casos reais e a trama: como a elaboração de receitas de carne humana e sua posterior comercialização, além do já mencionado fato de Meiwes e Leitão atuarem em ramos relacionados a computadores e o início do romance que, como no caso alemão, também fora planejado com a ajuda da internet.

Apresentamos, a seguir, o segundo trecho de análise.

Quadro 2. Excerto de *Jantar Secreto*

Meu **julgamento** foi basicamente um programa de televisão, uma novela com ibope elevado: jovem que veio do interior do Paraná com os amigos e **ficou rico** preparando **jantares canibais**. Como meus três amigos deram a sorte de morrer, toda a **culpa** recaía sobre mim. Sou o **psicopata**, o **maníaco**, a imagem do Mal que invade os pesadelos dos mais impressionáveis nas noites de chuva. Por isso, prefiro ficar aqui, no **hotel do Estado**, com comida e roupa lavada.

Narração de Dante. Fonte: MONTES (2016, p. 355, [grifos nossos]).

Neste trecho, vemos outra vez evidenciadas imagens que remetem à esfera da saúde mental “abalada”. Como já apontamos, há frequentes associações entre atos de canibalismo e atos de “loucura” que perpassam tanto o imaginário popular, como diferentes estudos científicos²⁰ e as reflexões dos personagens.

Nesse caso, Dante aborda esses sentidos a partir da voz do outro, da sociedade e da justiça que lhe julgam e reflete, de maneira irônica, sobre o trágico destino de seus amigos, o que, em certa medida, os exime da culpa (se não em um sentido moral, em um sentido jurídico) pelos crimes cometidos em conjunto. Julgado pela mídia e pelo público, o narrador se converte, pela visão externa, em “psicopata” e “maluco”, lexias que, acompanhadas pelo artigo definido “o”, o convertem em um objeto concreto e tangível para representar “a imagem do Mal que invade os pesadelos dos mais impressionáveis nas noites de chuva”, ou seja, tudo aquilo de mais negativo que pode existir no imaginário social.

Além de efeitos de sentido ligados à loucura e à imoralidade, o fator “crime” se sobressai no excerto, em uma espécie de gradação irônica, gerada pelas escolhas lexicais do narrador. No início do trecho, há uma visão negativa do “julgamento”, tendo em vista que a condenação do personagem lhe priva de sua liberdade, do dinheiro conquistado e outras partes de sua vida, como o sexo e o uso de drogas. De fato, a justiça, aliada à mídia, serve como uma espécie de “algoz” que rotula Dante, definitivamente como “culpado”, “psicopata” e “criminoso”. A visão em relação a ser preso é tão negativa que as reflexões do narrador versam sobre como seu destino é pior do que o de seus cúmplices: a morte.

Entretanto, com a aproximação do final do excerto, há uma rápida mudança na percepção que o narrador-personagem tem em relação à penitenciária. De modo irônico, Dante aponta, a partir das escolhas lexicais, que “prefere” ficar no “hotel do Estado” onde tem “comida e roupa lavada”. Isto é, parece haver algum alívio em estar encarcerado, talvez por não ter que preocupar-se mais com questões que habitavam a psique do personagem até então, como a crise econômica, a falta de emprego, a opinião alheia e a própria saúde mental.

Para encerrarmos a análise deste trecho, há em “ficou rico” uma sutil crítica ao modo de produção capitalista., na contradição de uma sociedade que busca o dinheiro em primeiro

²⁰ Como Cabral e Nick (1979, p. 52) que afirmam, de uma perspectiva psicológica que em “Nos pacientes neuróticos, os impulsos canibalísticos, quando se apresentam, revestem-se habitualmente de expressões simbólicas; nalgumas psicoses, o canibalismo pode expressar-se literalmente.” e Diehl e Donnely (2007, p. 315-316) que, após estudo aprofundado sobre diversos casos reais de canibalismo, apontam que “[...] a grande maioria dos que viveram recentemente e, portanto, passaram por exames psicológicos, parece ter sido gravemente psicótica.”

lugar e critica quem o busca ‘a qualquer custo’ sobre o outro. Focalizaremos este tipo de visão em momentos futuros. Cabe, porém, ressaltar, desde já, que, em diversos momentos da obra, os personagens, e especialmente o narrador, refletem sobre como a busca pelo lucro, no sistema de produção vigente, permite a exploração ambiental e humana a tal ponto que o “canibalismo” pode ser concebido como forma legítima de empreendedorismo.

À continuação, apresentamos o terceiro trecho que compõe a esfera de análise “canibalismo e loucura”:

Quadro 3. Excerto de *Jantar Secreto*

Extasiados pelo sabor, haviam deixado a educação francesa de lado e quase lambiam o molho do prato. Fiquei sutilmente inclinado a provar **a comida, mas não conseguia**. De costas para a mesa, abri mais uma garrafa de vinho tinto Angélica Zapata Malbec Alta 2008.

“Essa é **a experiência mais louca da minha vida**”, Kiki disse. “**Comer carne humana** em um apartamento em Copacabana!”

Alguns riram, outros continuaram quietos, ainda **impactados** pelo gosto. A **sensação geral** era de **torpor**.

Já um pouco bêbada, Cecília não resistiu à curiosidade.

“Ei, psiu, você...”, ela me chamou. Girou o indicador pela boca da taça, levando depois algumas gotas aos lábios tensos. “Estamos mesmo comendo **carne humana**?”

“**Carne de gaivota**.”

“De onde vem?”, Ataíde quis saber.

“A procedência é boa. Garanto.”

Diálogo entre Kiki, Cecília, Dante e Ataíde. Fonte: MONTES (2016, p. 148-149, [grifos nossos]).

No excerto selecionado, há uma espécie de “gourmetização”, já apontada anteriormente, do ato de comer “carne humana”. A ambientação da cena se dá de modo a destacar a experiência como um evento de alta gastronomia ofertado a uma elite. A harmonização da “comida” com o vinho tinto de qualidade reconhecida, o cenário em um apartamento em Copacabana (área nobre da cidade do Rio de Janeiro) e a “boa procedência” da “carne de gaivota” (eufemismo que será analisado ainda nesta seção) parecem confirmar o luxo gastronômico que perpassa todo o romance e, além disso, reforçam a crítica de que a elite capitalista é capaz de atos de exploração humana para sua satisfação pessoal.

Em oposição a essa esfera de luxo, há uma série de imagens que, a princípio, têm uma carga negativa. O “êxtase” e o “impacto” que o sabor da refeição provoca nos convivas, adicionam, novamente, representações, que unem a prática à esfera da loucura. A palavra “êxtase”, é definida no Dicionário Houaiss Eletrônico (2009) como “estado de quem se encontra como que transportado para fora de si e do mundo sensível, por efeito de exaltação mística ou de sentimentos muito intensos de alegria, prazer, admiração, temor reverente etc.”, ou seja, parece haver algo no ato de comer carne humana que reforça uma alegria ou sensação

mística que tira os comensais de si, de sua realidade física. Nas palavras de Kiki, “a experiência mais louca” de sua vida.

Nessa lexia, a loucura, como no caso de “êxtase”, aparece revestida de semas mais positivos. Essa visão encontra-se dicionarizada. A unidade “loucura” apresenta 9 acepções no Houaiss Eletrônico, das quais destacamos “caráter de tudo que ultrapassa o convencional, de quanto foge às regras sociais”, “alegria extravagante, insana” e “caráter do que é extraordinário, excepcional, maravilhoso”, ou seja, é apontada como algo fora da vida cotidiana que se aproxima de uma experiência no âmbito do “maravilhoso”. Na fala de Kiki, essa visão se torna inclusive irônica, evidenciada pelo uso do recurso de rima em “**comer carne humana** em um apartamento em Copacabana!”. Ou seja, nesse caso, a loucura não é posta como doença, mas como extravagância em nome do prazer, o que indica uma divisão de sentidos na língua em que a loucura pode ser mais positiva ou mais negativa. Em *Jantar Secreto*, essa deriva contribui para o esvaziamento da questão ética do comer o semelhante para relativizá-la, ‘gourmetizá-la’, algo próprio ao capitalismo.

Além da esfera da “loucura”, o trecho evidencia algumas reflexões morais do narrador, Dante. Tais considerações e valorações podem ser observadas em duas construções lexicais. No primeiro caso, em “fiquei sutilmente inclinado a provar **a comida, mas não conseguia**”, o jovem aponta, de um lado, seu desejo ou inclinação a fazer parte da experiência em tela, não como ajudante ou garçom, mas como participante. Entretanto, sua moralidade faz com que, neste momento da narrativa, ele não consiga praticar tal ato. Ou seja, há uma aparente contradição em Dante, tendo em vista que ele inicialmente não consegue partilhar do prazer da degustação, optando apenas por aproveitar do benefício financeiro.

Na sequência, o narrador-personagem apela para seus sentidos ao afirmar que “a **sensação geral** era de **torpor**”, ou seja, na percepção de Dante, havia uma espécie de “torpor” generalizado na sala de jantar. Cabe ressaltar que o Dicionário Houaiss Eletrônico define o item lexical “torpor” da seguinte maneira: “sentimento de mal-estar caracterizado pela diminuição da sensibilidade e do movimento” e “indiferença ou apatia moral”. Ou seja, esta unidade lexical reforça tanto a esfera da loucura, indicada pela perda da sensibilidade e dos movimentos, como da falta de moralidade, na acepção que evoca a “apatia moral”. Isso reforça, como já observamos, como as diferentes representações a respeito das práticas canibais (como a loucura e a imoralidade) são recorrentes na obra e aparecem, em muitos casos, sobrepostas.

Para encerrar as considerações a respeito deste trecho, retomemos a lexia composta “carne de gaivota”. Esta lexia aparece 48 vezes em todo o romance e é usada como sinônimo de “carne humana”. Como já apontamos a inexistência de sinônimos perfeitos, cabe ressaltar

algumas diferenças entre as duas construções. “Carne de Gaivota” é como o grupo de amigos se denomina ao ingressar no meio comercial de carne humana. A ideia surge de um enigma narrado no segundo capítulo da obra e será utilizada no transcorrer do romance como uma variação não explícita de carne humana e, por isso, eufemística e, em alguns casos, irônica ou sarcástica. Tal lexia retira o caráter humano dos pratos servidos, o que, em alguma medida, facilita a aceitação dos convidados e, principalmente, dos jovens organizadores em relação aos seus atos. É como se, lexicalmente, fossem retirados os semas de crime, moralidade e loucura, que só cabem na unidade lexical “carne humana”, evidenciando a “desantropomorfização” dos seres “servidos nos jantares”. Não humanos, gaivotas, apenas uma carne animal. Tal uso reforça a discussão de como o capitalismo desumaniza os seres humanos e serve, também, como crítica ao consumo de recursos animais. Tais analogias serão reexaminadas posteriormente.

A seguir, analisamos textos do jornal “Folha de S.Paulo” em que a representação do “canibal” como “louco” são evidenciadas.

Quadro 4. Excerto da Folha de S.Paulo

O **delegado** Paulo Berenguer, responsável por **investigar** a morte de Jéssica Camila da Silva Pereira, 17, em maio de 2008, contou nesta quinta-feira (13) detalhes de como a jovem foi **assassinada** pelo trio **acusado de cometer canibalismo**.

[...]

Os **réus** disseram à **polícia** em 2012, quando **foram presos**, que participavam de uma **seita religiosa** e que matavam as vítimas para **purificá-las**. "Quanto mais sangue fosse expelido, mais **puro** ficava o **espírito** e a carne da **vítima**", disse o **policia**l.

[...]

"O objetivo de comer a carne era para que **a energia purificada** fosse **armazenada** pelos três", afirmou [o delegado].

[...]

Além de comer os restos mortais, eles confessaram **produzir salgados com as vísceras e vendê-los em Garanhuns**.

[...]

ESQUIZOFRENIA

O **psiquiatra forense** Lamartine Hollanda, responsável pelo **laudo** que apontou que **nenhum dos três acusados sofre de distúrbios mentais**, foi ouvido como **testemunha tanto de defesa quanto de acusação**.

Segundo Hollanda, Jorge tinha **consciência** de seus atos e **não tem esquizofrenia**, como **alega a defesa**.

Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/11/1547524-delegado-conta-detalhes-de-como-jovem-foi-morta-por-trio-acusado-de-canibalismo.shtml>. **[grifos nossos]**

Neste excerto, de texto publicado na seção Cotidiano, em 13 de novembro de 2014, escrito por Daniel Carvalho, há a presença de esferas de sentido que cabe investigação. Primeiro, há uma forte associação com a esfera do crime, que será analisada posteriormente;

segundo, há uma associação estabelecida a partir das motivações dos acusados de assassinato seguido de canibalismo com uma esfera mística ou religiosa, que evidenciam o caráter ritualístico de tal prática.

De fato, parece haver no imaginário coletivo, apesar das representações e estereótipos negativos em relação ao canibalismo, uma associação com um mundo espiritual. Isso pôde ser observado em práticas ritualísticas de caráter religioso como nos casos dos tupinambás, em que os indígenas de grupos inimigos se entrecomiam como uma forma de absorção das qualidades guerreiras de seus rivais. Além disso, para o sacrificado, morto e devorado, este ato era sua forma de ascensão à eternidade e era uma forma de morte mais heroica (por isso, muitas vezes requerida) (MUSSA, 2009).

Por meio de escolhas lexicais do delegado, em consonância com o afirmado pelos réus, reproduzidas no trecho, como “puro”, “espírito”, “energia purificada” e “[energia] armazenada”, cria-se um cenário místico que, em certa medida, justifica o crime cometido, elevando-o a uma esfera espiritual, ao mesmo tempo em que parece tranquilizar os leitores da matéria de que isso não é algo comum. Ainda nesse campo representacional, a lexia composta “seita religiosa” parece pontuar alguns semas negativos, em relação aos praticantes, tendo em vista que o sectarismo parece indicar uma prática religiosa menos convencional, apartada da realidade e não institucionalizada.

Esse aspecto místico que prevê um afastamento dos acusados é intensificado quando somado ao aspecto da loucura. Essa representação, já evidenciada no romance, é, neste trecho, fortemente atrelada às noções do campo conceitual da criminalidade. No léxico, evidenciamos as seguintes lexias e construções: “ESQUIZOFRENIA”, “psiquiatra forense” “laudo”, “nenhum dos três acusados sofre de distúrbios mentais”, “consciência” e “não tem esquizofrenia”. Assim, a testemunha chave, tanto da acusação, como da defesa, é um “psiquiatra forense”, ou seja, alguém que domina questões psíquicas e legais. Interessante perceber que o que é posto em debate, no julgamento, é a sanidade, a “consciência” dos acusados e se eles possuem ou não algum tipo de doença mental, como a “esquizofrenia”, o que afirma a defesa, como justificativa dos atos, já que a alegação da loucura parece abrandar a aberração humana.

A palavra “esquizofrenia” é definida como “termo geral que designa um conjunto de psicoses endógenas cujos sintomas fundamentais apontam a existência de uma dissociação da ação e do pensamento, expressa em uma sintomatologia variada, como delírios persecutórios, alucinações, esp. auditivas, labilidade afetiva etc.” (HOUAISS, 2009). Ao contrário do romance, em que apareciam figuras como “o maluco”, o “psicopata” e o “maníaco”, como

representações negativas dos praticantes do canibalismo, aqui, a figura do “esquizofrênico” surge de modo mais positivo, como forma de justificar os atos cometidos, com a defesa dos acusados pleiteando uma amenização da pena ou a substituição do sentenciamento em um presídio comum (como o ocupado pelo narrador de *Jantar Secreto*) por uma instituição psiquiátrica.

Por fim, cabe apontar para a intertextualidade estabelecida pelo romance, em trecho já analisado (Quadro 1), ao afirmar “[...] nos malucos que fizeram coxinha de carne humana pra vender lá no Nordeste. Coxinha, pelo amor de Deus! Que jeito de cozinhar uma iguaria!” Ou seja, os acusados, que assumiram “produzir salgados com as vísceras e vendê-los em Garanhuns” são mencionados no romance, como uma forma negativa de se preparar carne humana (já que as “coxinhas de vísceras” não são gourmetizadas, como as receitas de Hugo. Além disso, o romance, publicado quatro anos após o caso real, refere-se aos “canibais de Guaranhuns” como “malucos”, o que contraria o laudo e o testemunho do psiquiatra forense”. Percebe-se, portanto, que a associação canibalismo-loucura permeia, mais facilmente, o senso comum, metaforizado pela fala de Umberto.

A seguir, apresentamos o segundo excerto jornalístico analisado.

Quadro 5. Excerto da Folha de S.Paulo

Um **preso julgado por canibalismo** na França, apelidado de "Hannibal Lecter" francês, afirmou nesta quarta-feira no **tribunal** que um **impulso sexual** o levou a **matar** seu **companheiro de cela** e a "**curiosidade**" sobre **o gosto da carne humana**, a **cozinhar e comer um pedaço de pulmão**.

[...]

"Tive um **impulso sexual**, uma **elevação de adrenalina**", disse Cocaing.

"**Tirei a roupa dele**. Os golpes iam e vinham, com os pés, os punhos", continuou [sic] o acusado.

[...]

Após o **crime**, decidiu **preparar seu jantar**. Foi neste momento que -- contou -- teve a ideia de **comer o coração da vítima**.

[...]

Nicolas Cocaing **comeu uma parte crua** e o resto ele **preparou com cebolas em uma frigideira**.

[...]

A **corte** ouviu, entre outros, o **testemunho** do **psicólogo** Lucien Venon, que **analisou o acusado**. Ele relatou o que Cocaing lhe contou, **sem demonstrar remorso**, em junho de 2007.

"O que é **terrível** é que é **deliciosa**. Tem gosto de cervo. É macia. **Gostei de ter feito o que fiz**", contou Cocaing ao **psicólogo**, disse Venon à **corte**.

[...]

Especialistas foram convocados para tentar estabelecer a **responsabilidade penal** do **acusado** e **sua saúde mental**. O **júri** deverá anunciar seu **veredicto** esta sexta-feira, após as **alegações** finais da **promotoria** e da **defesa**.

[...]

O **crime** de Cocaing, que **cumpria** na época **pena** por **roubo a mão armada** e aguardava **julgamento** por **tentativa de estupro**, pôs em destaque os problemas do **sistema penitenciário**

francês, seu mal funcionamento e sua superlotação. Coccagn disse na segunda-feira (21) à corte que tinha um **longo histórico de problemas mentais** e que o **crime** poderia ter sido evitado se as **autoridades da prisão** não tivessem ignorado seus repetidos pedidos de **ajuda psicológica**.

Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2010/06/755914-canibal-frances-revela-como-matou-e-comeu-colega-de-cela.shtml>. [grifos nossos]

No presente excerto, publicado na seção Mundo, em 23 de junho de 2010, algumas lexias merecem ser examinadas. Além do aspecto do crime, há uma motivação para o consumo de carne humana, pautada em uma “curiosidade” pelo “gosto” dessa carne. Essa curiosidade pelo sabor e o preparo brevemente descrito pelo acusado de “cozinhar um pedaço de pulmão” e em “preparou com cebolas em uma frigideira” estabelecem certas conexões com a trama do romance. O acusado, inclusive, se satisfaz com o sabor terrivelmente “delicioso”. Entretanto, há um efeito produzido por uma motivação mais psicológica para o acontecimento em tela: um “impulso sexual”, “um acesso de adrenalina²¹” associados à representação de canibalismo como ato de loucura.

Nesse sentido, a lexia composta “impulso sexual” expressa, a partir do sentido do item “impulso” uma espécie de “força psíquica espontânea que leva a uma ação, a uma manifestação de sentimentos” (HOUAISS ELETRÔNICO, 2009), tal noção de uma força espontânea na psique do criminoso, ao associar-se à adrenalina, também como força ou energia, parece eximir-se de culpabilizações mais severas por não haver planejado o crime e ter agido por uma pulsão, algo que pode ser compreendido como parte de um “instinto” humano.

Tais unidades lexicais, somam-se a “tirei a roupa dele”, criando um cenário sexualmente marcado²². De fato, há casos como o de Armin Meiwes, já mencionado, em que havia motivações sexuais claras para o ato, tanto da parte do canibal, como de sua vítima; e Jeffrey Dahmer, que queria transformar suas vítimas em “escravos sexuais zumbis”²³. Diehl e Donnelly (2007) apontam outros casos que se associam a determinadas condutas sexuais, algumas consideradas tabuizadas, como fetiches, outras consideradas na esfera da psicopatologia, como a pedofilia. Dos exemplos coletados pelos autores, podemos nomear alguns: Albert Fish: praticava autotortura, com foco em suas regiões genitais; Henry Lee Lucas: foi diagnosticado “com ‘transtorno de conduta sexual’” (p. 149); Ottis Toole: participava de grupo satanista que “compartilhava o consumo de carne humana e promovia orgias sexuais”

²¹ Em Souza e Simão (2020, p. 286-287) destacamos o papel da lexia “adrenalina” em excerto de jantar secreto estabelecendo relações entre canibalismo e loucura. Naquele contexto, a unidade lexical é usada com valoração positiva, denotando um estado de espírito de animação, força, vigor e energia.

²² No final do texto tem-se que o próprio acusado fora indiciado por “tentativa de estupro” anteriormente.

²³ Ver capítulo “Escravos sexuais zumbis de Milwaukee: Jeffrey Dahmer” em Diehl e Donnelly (2007).

(p. 150); Ed Gein: considerado “tanto um esquizofrênico, como um psicopata sexual” (p. 176). Desse modo, podemos perceber como frequente a associação de crimes que envolvem canibalismo com certas psicopatologias que incluem comportamentos sexuais não convencionais.

Na representação canibalismo-loucura, as escolhas lexicais ampliam o efeito de sentido em tela: “psicólogo”, “especialistas”, “responsabilidade penal”, “saúde mental”, “longo histórico de problemas mentais” e “ajuda psicológica”, o que indica que o próprio acusado estava preocupado com sua saúde mental e as consequências da inação das autoridades carcerárias francesas. Como observado, a esfera da loucura associa-se ao âmbito da criminalidade e, neste caso, em particular, tem-se a crítica ao descaso das autoridades francesas, gerando situações em que, como nesta, é a avaliação psicológica que estabelece a “responsabilidade penal” ou culpabilidade do acusado.

A seguir, apresentamos análise do último trecho retirado do jornal “Folha de S.Paulo”, consoante a representação da loucura.

Quadro 6. Excerto da Folha de S.Paulo

A **Procuradoria de Justiça** da Cidade do México confirmou nesta segunda-feira que o **suposto assassino em série, detido** na semana passada na capital e **acusado de canibalismo, cozinhava carne humana em uma frigideira** quando foi encontrado.

José Luis Calva Zepeda, 38, é **acusado** de ter **matado** pelo menos duas mulheres. Apresenta-se como poeta e dramaturgo, é **viciado em álcool e cocaína, mas não mostrou perturbações mentais**.

Zepeda foi **preso** na segunda-feira passada (08). Os vizinhos de Zepeda haviam chamado a **polícia** em razão do forte cheiro que vinha de seu apartamento.

Ao chegarem ao local, as **autoridades** encontraram o corpo de sua ex-namorada, Alejandra Galeana Garavito, 30. **esquartejado**. Segundo a **polícia**, havia um braço em uma **panela e carne** --agora confirmada, **humana**-- em uma **frigideira**, além do tronco de Alejandra em um armário. O **procurador** Gustavo Salas informou que o **homicida** gostava de ver **filmes pornográficos sobre zoofilia** e que suas vítimas morreram por **asfixia e estrangulamento**.

Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2007/10/336951-policia-mexicana-confirma-que-homem-comia-carne-humana.shtml>. [grifos nossos]

Neste excerto, publicado na seção Mundo, em 15 de outubro de 2007, cabe analisarmos detidamente certas lexias e construções. Além da recorrente associação de “canibalismo” com crime, há, como no trecho anterior (quadro 5), menção à conduta sexual do “homicida”, que gostava de assistir a “filmes pornográficos sobre zoofilia”. O dicionário Houaiss, com rubrica de “psicopatologia”, aponta que o zoófilo é “que ou quem busca satisfação sexual com animais”, aproximando, novamente, atos de canibalismo com práticas sexuais patológicas.

Por outro lado, há um fator que merece atenção no caso em descrição: o abuso de álcool e cocaína, que parece ser indicado como justificativa para a ação canibal. No romance, os

personagens consomem álcool em todos os jantares. Os quatro amigos, especialmente Dante, o narrador, fazem uso de diversas substâncias, desde drogas ilícitas populares, como “maconha”, “cocaína”, “MDMA” (3,4-metilenodioximetanfetamina), até remédios psiquiátricos, como o “Rivotril”. A associação entre (ab)uso de substâncias e canibalismo é comentada, também, em Diehl e Donnelly (2007, p. 316-317), como no exame do caso de Mark Hobson, descrito como “[...] um alcoólatra com consumo médio de quinze litros de cerveja por dia, também usuário de drogas [...]”, dentre outros casos, sendo um fator examinado como recorrente. Além disso, cabe notar a existência da MDPV, também chamada de “sais de banho” ou “*cloud nine*”, a “droga zumbi” ou “droga canibal” “[...] droga [que] está transformando as pessoas em zumbis que devoram pessoas vivas” (PROJETO MEDICINA, 2016).

Cabe notar, ainda, que a espera da loucura é suscitada, neste excerto, como forma de negar uma justificativa para o ato, isso se dá pelo uso da conjunção adversativa em “mas não mostrou perturbações mentais”, o que reforça que essa associação é constante. O texto jornalístico parece prever uma antecipação dos leitores de que o canibal, seguramente, é um “louco” e já desmonta tal associação.

Como observado ao longo desta seção, a representação do canibal como louco pode ser constatada em diferentes trechos do romance e em diversos textos retirados do jornal “Folha de S.Paulo”. Os textos jornalísticos analisados foram publicados, respectivamente, em 2014, 2010 e 2007 e referem-se a casos ocorridos no Brasil, na França e no México. Com isso, pudemos ter um olhar amplo sobre essa representação, não restringindo-a a apenas um tempo, um espaço geográfico ou um contexto discursivo. Essa associação foi referendada, teoricamente, por Cabral e Nick (1979) e Diehl e Donnelly (2007).

Tal representação é complementada por outros efeitos de sentido, ora mais pontuais, como o “canibalismo voluntário”, os rituais, o empreendedorismo, o consumo de animais, o uso de drogas; ora mais frequentes, como a “gourmetização” da experiência e práticas sexuais desviantes. Tais associações ampliaram as conotações de lexias associadas à esfera psicológica dos praticantes, servindo, por vezes, de denúncia ou crítica sociais. Além disso, há uma associação tão recorrente que parece ser quase indissociável da noção de canibalismo em si: o âmbito do crime. Já apontamos breves considerações acerca de tal entrelaçamento de sentidos ao associar a condição psíquica como justificativa para atos criminosos. Entretanto, a título de sistematização das análises e dos resultados, investigamos mais detidamente a representação do “canibal criminoso” na seção seguinte.

6.2.2 Canibalismo e crime

Quadro 7. Excerto de *Jantar Secreto*

Os dias na **cadeia** são preguiçosos, vazios e tristes. A maioria dos **presos** gosta de mim e me respeita porque sei falar bonito e escrever bem. No início, alguns engraçadinhos até tentaram se meter, provocar brigas e abusar de mim, mas acabaram desistindo: viram fotos suficientes do que a **polícia** encontrou na casa do Jardim Botânico naquela madrugada. Há muitas imagens **extra oficiais** feitas pelos **policiais** que chegaram primeiro ao **local do crime** e compartilharam em seus grupos de WhatsApp. Quase todas podem ser encontradas na internet, não é difícil de achar. Outro dia, enquanto **comia a gororoba do refeitório**, soube que meu apelido aqui é **Canibal**. Gostei. Passo a maior parte do tempo sozinho, embora haja os curiosos (e corajosos) que tentam puxar assunto perguntando como tudo começou. Reconto o enigma da **carne de gaivota**, mas eles não parecem acreditar que foi assim, duvidam quando eu digo que isso resume a história toda: o marido que se mata após descobrir que **devorou a carne da própria esposa**.

Narração de Dante. Fonte: MONTES (2016, p. 355, [grifos nossos]).

No excerto selecionado, o fator “crime” se sobressai, a partir do uso de lexias que, combinadas com a unidade lexical “Canibal”, grafada com inicial maiúscula, como alcunha, pela qual Dante é conhecido no presídio, e a descrição das imagens do “local do crime”, encontradas na internet, criam um aspecto ambivalente da associação canibalismo-crime. As lexias do campo conceitual da criminalidade presentes no trecho são: “cadeia”, “presos”, “polícia”, “extra oficiais”, “policiais” e “local do crime”. O epíteto “Canibal” parece, ainda, essencializar a figura de Dante, de modo estereotipado, configurando-o como o próprio ato cometido por ele e seus amigos.

Conforme apontado em Souza e Simão (2020), Dante se choca ao conferir o *Código Penal Brasileiro* e não encontrar menções a “canibalismo” ou “antropofagia”, sendo tipificado apenas o crime de “vilipêndio”, categoria ampla que resume todo ato de desrespeito a cadáveres. De modo geral, Diehl e Donnelly (2007) reforçam essa ideia, apontando que em muitos países não há legislação específica sobre canibalismo, sendo seus praticantes, na maioria das vezes, acusados/condenados por outros crimes cometidos no contexto em que se deu o ato de canibalismo, especialmente os assassinatos das vítimas. Um exemplo dessa falta de legislação foi observado pelos autores ao analisarem o caso de Armin Meiwes sobre o qual afirmam que “[...] os promotores devem ter ficado profundamente desgostosos ao descobrir que a Alemanha não tinha leis contra o canibalismo. Considerando casos anteriores [...] que foram descritos nesse livro, isso parecia uma flagrante omissão legal” (DIEHL & DONNELLY, 2007, p. 292).

Nas escolhas lexicais apresentadas, nota-se que, por um lado, há uma série de associações negativas com a esfera do crime. Os dias de Dante, no cumprimento de sua pena,

são “preguiçosos, vazios e tristes”, o que mostra o efeito da punição exercida pelo poder do Estado sobre este personagem. Por outro lado, entretanto, o narrador de *Jantar Secreto* se sente “benquisto” e até “admirado” por seus companheiros de presídio, o que lhe confere uma espécie de autoridade. Ao longo de todo o romance, Dante foi submisso em suas relações, desde o subemprego em uma livraria, até na relação construída com seus melhores amigos, especialmente com Leitão (mente por trás da Equipe Carne de Gaivota, enquanto organização criminosa) e, também, em relação à figura autoritária de Umberto. Nesse sentido, o fato de estar “no hotel do Estado”, sendo respeitado perante seus pares, faz com que o personagem “goste” do apelido recebido. É como se, pela primeira vez no curso da narrativa, Dante estivesse em uma posição superior e confortável (já que finalmente o Estado se ocupa dele, dando-lhe o básico, como visto no Quadro 2), apenas alcançada pelo horror causado pela gravidade do crime cometido, metaforizada nas imagens do último jantar, que termina de maneira trágica, com Dante e Arthur (jovem, cuja noiva era uma jornalista que investigava os jantares secretos e acabou morta e servida) envenenando a comida dos participantes em um ato de vingança e redenção. Além disso, observa-se um dado sarcástico no uso do vocábulo “gororoba” para descrever as refeições servidas no presídio, já que essa lexia contrasta com as descrições usadas em referência aos jantares canibais, organizados por Dante e seus amigos, como “iguaria”, por exemplo.

Diferentemente das narrativas policiais clássicas (dos romances de enigma, principalmente), é típico das obras contemporâneas a subversão da condenação dos criminosos no desfecho da história. Em *Jantar Secreto*, essa característica inventiva se manifesta de dois modos: primeiro, na figura de Dante que, como vimos, embora julgado e condenado à prisão, de algum modo se sente bem com o final da narrativa. Mesmo perdendo seus amigos, o dinheiro dos jantares e sua liberdade, o jovem se encontra a salvo de grandes males (como a morte, a miséria e a violência urbana), tem suas necessidades garantidas, alcançou fama e o respeito/temor por parte de seus companheiros de presídio e parte das autoridades e da opinião pública. Além disso, como os leitores do romance descobrirão algumas páginas após este trecho, Leitão e Cora fingiram suas próprias mortes e, em uma jogada maestral, continuaram livres, ricos e executando novos “jantares secretos”, servindo carne humana em uma escala muito maior, expandindo o negócio para outras localidades.

À continuação, procedemos a análise de mais um trecho em que a esfera de sentido relacionada ao crime se faz central.

Quadro 8. Excerto de *Jantar Secreto*

Não adiantava brigar, Hugo era muito mais forte. Além disso, eu já estava atrasado. Peguei o ônibus para o trabalho tomado por uma sensação incômoda. Mais tarde, entendi o que era. Mesmo sabendo o que devia ser feito, eu não tinha coragem de **denunciar** Hugo. Eu havia sido beneficiado pelo ocorrido e, de certo modo, também havia tomado um caminho sem volta. Era **cúmplice**. **Meu instinto de sobrevivência** subornava meu **senso de justiça**. Ninguém buscaria aquele sujeito. Um cara preto, pobre, um mendigo. Ninguém sentiria falta dele. E, bem, nosso problema estava resolvido. Certa vez, num banheiro público, havia um poema:
*“A **carne** mais barata do mercado
 É a carne negra.”*

Narração de Dante. Fonte: MONTES (2016, p. 159, [grifos nossos]).

No presente trecho, embora o termo “canibalismo” não seja empregado diretamente, a temática é recuperada, dado o contexto do romance, pela lexia “carne”. A esfera do crime aparece no excerto por meio dos itens lexicais “denunciar”, “cúmplice”, “subornava” e “senso de justiça” e é confrontada por “meu instinto de sobrevivência”. A questão da criminalidade é pensada pelo narrador por meio de associações de sentido que se aproximam de um embate moral (esse efeito de sentido será pormenorizado posteriormente).

Além disso, o aspecto da criminalidade, mesmo com o questionamento de sua (i)moralidade, é justificado por duas causas: primeiro pelo senso de “cumplicidade” estabelecida entre os jovens protagonistas. Com efeito, além do fato de os quatro amigos terem se beneficiado com o ocorrido, o fator da amizade estabelecida entre eles, ao longo de praticamente a totalidade de suas vidas, interfere diretamente nos desdobramentos da narrativa. Embora as decisões mais impactantes para o desenvolvimento do romance possam ser creditadas a um ou outro personagem, as consequências são quase sempre assumidas de modo coletivizado, ao menos até a morte de Miguel. Ademais, o “instinto de sobrevivência” de Dante nos remete novamente ao “enigma da carne de gaivota” e às constantes menções a ele na narrativa. Os crimes são justificados como uma espécie de “autopreservação” dos protagonistas em relação à sociedade em que vivem, o que ironiza a banalização que os envolvidos na narrativa fazem de seus atos e posturas.

Outro fator interessante é a questão da “desantropomorfização”. Neste trecho em particular, a desumanização do “cara preto” pode ser compreendida como uma crítica ao “racismo estrutural” vigente na sociedade brasileira e ao descaso que a elite burguesa e as políticas públicas têm em relação às pessoas racializadas e às camadas mais baixas do corpo

social, como os “pobres” e a população em situação de rua, os “mendigos”²⁴, apontados por Dante. Tal crítica se materializa, nas escolhas lexicais, em toda a construção “um cara preto, pobre e mendigo é perfeito. Ninguém vai procurar!”, e pela citação dos versos “a carne mais barata do mercado / É a carne negra”²⁵. Assim, por meio das escolhas lexicais, apesar de haver a negação da denúncia do crime de canibalismo, no interior da narrativa; há uma espécie de denúncia da realidade racista na estrutura das relações sociais vigentes no país, o que extrapola o contexto da obra.

O romance parece estabelecer uma analogia, ainda que indireta, a casos reais de canibalismo. Por exemplo, na análise já citada de Diehl e Donnelly (2007) do caso Issei Sagawa, que acabou se convertendo em uma celebridade, lançando livros, atuando em filmes pornográficos que recriam o assassinato por ele cometido, trabalhando para a imprensa japonesa, inclusive como *crítico gastronômico*. A aceitação de Sagawa na sociedade pop nipônica, e de outras práticas de canibalismo por japoneses, por exemplo em guerras, se justifica, na visão dos autores, na atitude deste país oriental em relação ao ocidente, vendo as vítimas ocidentais (como a francesa morta por Issei) como inferiores. Nesse sentido, percebe-se que desumanizar, ou ao menos classificar determinados grupos como mais ou menos humanos parece, de fato, servir como argumento para justificar práticas canibais.

Na sequência, destacamos o terceiro trecho de *Jantar Secreto* sob a perspectiva da representação do canibal como criminoso.

Quadro 9. Excerto de *Jantar Secreto*

“Não dá pra escutar tudo calado... É **hediondo**! Como vocês conseguem dormir à noite?” [disse Miguel]
 “**Comida** não tem nada a ver com razão, Miguel. Muito menos com consciência”, Umberto disse, limpando o molho que se acumulava no bigode. “Por que você **come carne de vaca**, por exemplo? Ou melhor, por que **raspou o prato de rosbife**? Porque foi criado assim! É uma realidade cotidiana! A **carne** satisfaz, tem sabor e aparência agradáveis. Logo, **comemos**! O que tem de errado nisso? Absolutamente nada. Com um pouquinho de esforço, em duas gerações **comer carne humana** vai ser como **devorar ovos e bacon** pela manhã.”

Diálogo entre Miguel e Umberto. Fonte: MONTES (2016, p. 202-203, [grifos nossos]).

Neste trecho, a temática do “canibalismo” é retomada pelo uso dos vocábulos “comida”, “carne” e a expressão “comer carne humana”. Tais unidades do léxico associam-se à lexia “hediondo”, do campo conceitual da criminalidade, frequentemente empregada por

²⁴ Remetemos novamente a Nunes (2006) para uma discussão léxico-discursiva de termos como “mendigo” e “população em situação de rua” em textos jornalísticos e institucionais no Brasil.

²⁵ Retirados da canção “A Carne” do grupo “Farofa Carioca”, composta por Marcelo Yuka, Seu Jorge e Ulisses Cappelletti em 1998, e imortalizada na voz de Elza Soares em 2002.

meio da colocação “crime hediondo”. Aqui, a noção de que as atividades praticadas revestem-se de fundamentos e valores sociais e morais é retomada. Além disso, essa esfera de análise é mais uma vez naturalizada pelo personagem Umberto, que reflete sobre o consumo de carne humana em relação ao consumo de carne e derivados animais²⁶. Cabe mencionar que a unidade lexical “hediondo” é usada ao lado de “crime” mesmo em contextos de pesquisa acerca do tema. Por exemplo, na análise de Diehl e Donnelly (2007, p. 226) sobre o crime cometido por Issei Sagawa, em 1981, os autores apontam que “até hoje ele nunca expressou, ao menos uma vez, qualquer remorso por seu ato hediondo [...]”.

De fato, a associação entre o consumo de diferentes carnes é retomada ao longo de todo o romance em comparações que aproximam tais práticas, e funcionam como crítica à exploração animal para consumo humano. No trecho, isso se evidencia por meio da lexia composta “realidade cotidiana”, ou seja, um hábito, parte da rotina. Essa aproximação, manifestada por meio das lexias e expressões “come carne de vaca”, “raspou o prato de rosbife”, “a carne”, “sabor e aparência agradáveis”, “comemos” e “devorar ovos e bacon”, por um lado; e “foi criado assim” e “uma realidade cotidiana”, por outro; serve para justificar a não imoralidade ou ilegalidade do empreendimento desenvolvido pelos personagens. Assim, a ideia apresentada por Umberto é que, em duas gerações no futuro, o consumo de carne humana seja algo banal como é o consumo de outros animais.

Entretanto, essa tentativa de banalização parece, mesmo no contexto ficcional de *Jantar Secreto*, envolta em contradições. Isso pode ser percebido pelo emprego de “com esforço”, o que implica a não aceitação generalizada de tal ato e, ainda, pelo uso de “devorar ovos e bacon pela manhã”, o que afasta a imagem de um café da manhã “tipicamente brasileiro”, ampliando o caráter alóctone de tal prática, como se implicasse um distanciamento tanto na esfera temporal “em duas gerações”, como na esfera espacial, de uma cultura em que o canibalismo compreendido como prática socialmente aceita. Novamente, o canibal permanece com um caráter de “outridade”.

Agora, examinaremos três textos retirados do jornal “Folha de S.Paulo” em que se evidencia a representação “canibalismo-crime”.

Quadro 10. Excerto da Folha de S.Paulo

[...] A ordem era obedecer ou **sofrer represália** –leia-se **morte**. A **faccção** domina hoje boa parte da região metropolitana.

²⁶ Em uma irônica coincidência, Diehl e Donnelly (2007) apontam que Alfred Packer que, no século XIX ficou conhecido como “canibal do colorado”, tornou-se, posteriormente, vegetariano.

A maioria das **decapitações** nos **motins**, com centenas de **facadas nas vítimas**, são atribuídas a **membros do Bonde**.

Pedrinhas também abriga outros dois **grupos** menores: **Anjos da Morte** e **Mensageiros do Inferno**. E são os **Anjos** os **mais temidos** pela **selvageria** nas **execuções**.

Enquanto o **Bonde decapita e esfaqueia**, **membros dos Anjos** terminam por **esquartejar a vítima**. Há relatos **até de canibalismo**: em **motim** em dezembro, teriam **comido o fígado de um dos mortos**.

Um **ex-preso, testemunha de rebelião** em outubro em **Pedrinhas**, confirma a **crueidade** dos **Anjos** e do **Bonde**.

"Esse senhor estava sentado com a Bíblia na mão quando pegaram ele. **Morreu com 40 perfurações. Desfiguraram o rosto. Abriram o peito e tiraram o coração, cortaram braços e pernas**".

Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/01/1400021-presidio-que-teve-detentos-decapitados-e-disputado-por-4-faccoes-no-ma.shtml>. **[grifos nossos]**.

Nesse trecho de texto escrito por Juliana Coissi publicado na seção Cotidiano, em 20 de janeiro de 2014, retrata-se a rivalidade entre facções criminosas (“Anjos da Morte”, “Mensageiros do Inferno” e “Bonde”) em um presídio (Pedrinhas) no Maranhão e ressalta-se a associação entre “canibalismo” e “crime”. Evidencia-se, por meio das escolhas lexicais, unidades (inclusive substantivos próprios) que remetem à esfera da criminalidade: “facção”, “decapitações”, “facadas”, “vítimas”, “Bonde”, “Pedrinhas”, “Anjos da Morte”, “Mensageiros do Inferno”, “execuções”, “decapita”, “esfaqueia”, “esquartejar”, “ex-preso”, “testemunha de rebelião”, “morreu com 40 perfurações”, “desfiguraram o rosto”, “abriram o peito e tiraram o coração, cortaram braços e pernas”. Essas unidades lexicais, do campo conceitual do crime, ativam a noção de criminalidade em outras unidades usadas no mesmo contexto, como “morte”, “motins”, “membros”, “temidos”, “selvageria” e “crueidade”, termos que representam uma criminalidade calcada na violência física.

Cabe notar que todas essas unidades se associam à prática de canibalismo que, neste excerto, aparece como um grau superior em uma escala de crime, o ato máximo de “selvageria” e “crueidade”. Esse efeito de sentido é ativado pelo uso do advérbio “até”, em “há relatos **até** de canibalismo: em motim em dezembro, teriam comido o fígado de um dos mortos”, que indica justamente que o ato de canibalismo, representado pela devoração do fígado de um dos mortos, seria o ápice da criminalidade, ao menos dentre os crimes praticados em Pedrinhas.

Cumpramos ressaltar, ainda, que a escolha da lexia “selvageria” não parece ser aleatória. De fato, a associação de canibalismo e algum tipo de selvageria ou incivilidade parece frequente. Tal aproximação se dá em *Jantar Secreto* (MONTES, 2016, p. 237-238), em trechos como “você é louco, é um selvagem!” [disse Dante] / ‘comer carne, qualquer carne, é selvagem, eu sei, mas não há nenhum problema nisso. Somos mesmo bárbaros’ [disse Umberto]; em textos jornalísticos como no evidenciado, e também em textos de caráter acadêmico/científico,

como o já citado trecho de Cabral e Nick (1979 p. 52), que definem canibalismo como “ato do selvagem que come carne humana”, configurando-se portanto, a associação canibalismo-selvageria, em que o selvagem/bárbaro é sempre o outro, como uma representação que se estende por diferentes contextos de uso.

À continuação, apresentamos segundo excerto jornalístico para analisar a associação canibalismo-criminalidade.

Quadro 11. Excerto da Folha de S.Paulo

A **associação de vegetarianos Vebu** revelou nesta quinta-feira que a ampla campanha de inauguração de um suposto **restaurante canibal** em Berlim, na Alemanha, foi apenas um golpe publicitário para atrair atenção à causa.

A inauguração do **restaurante Flimé**, que contava com site oficial onde anunciava até mesmo uma matriz brasileira, causou **mal-estar** e **duras críticas** de políticos alemães e ganhou grande destaque não só na imprensa alemã, como em todo o mundo.

[...]

O nome Flimé, explica o grupo em comunicado enviado por e-mail à Folha.com, é a sigla para “Fleisch isst Menschen” (**Carne come humanos**).

[...]

A inauguração da filial do **Flimé** em uma locação secreta de Berlim em 8 de setembro **causou polêmica** ao permitir que os clientes interessados fizessem um cadastro e oferecessem **partes do seu próprio corpo**.

O vice-presidente da **União Cristã-Democrata de Berlim**, Michael Braun, expressou na época sua **indignação** com o **restaurante** e **culinária**, após relatar ter recebido diversos e-mails de **cidadãos furiosos**. “Espero que seja **apenas uma brincadeira de mau gosto**”, afirmou Braun ao jornal alemão “The Bild”, já antecipando que a campanha poderia ser apenas para despertar a **curiosidade**.

“É **nojento**. Em particular porque um morador de Berlim foi **assassinado** por um **canibal** há pouco tempo”, disse Braun, se referindo a **Armin Meiwes, sentenciado à prisão perpétua** em 2006 por **matar e comer** um morador da capital alemã cinco anos antes.

O site do **restaurante** não incluía no **cardápio** nenhuma referência direta à **carne humana**, mas dizia seguir a **cultura indígena wari --tribo da selva amazônica conhecida pela cultura do canibalismo--**, na qual “**comer é um ato espiritual com o qual ganhamos a mente e a força da criatura comida**”.

Fonte:

<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2010/09/792768-restaurante-canibal-que-causou-mal-estar-na-alemanha-era-campanha-pro-vegetarianismo.shtml>. [grifos nossos].

Neste texto, escrito por Márcia Soman Moraes, publicado na seção Mundo, em 02 de setembro de 2010, há diversas nuances que merecem ser examinadas. Primeiramente, a noção de canibalismo é evidenciada de maneira muito similar à forma como é representada no romance investigado, por meio de unidades “restaurante canibal”, “restaurante Filmé”, “*Fleisch isst Menschen*”, “Carne come humanos”, “partes do seu próprio corpo”, “culinária”, “canibal”, “comer” e “cardápio”, que levam as práticas canibais a uma forma de alimentação gourmetizada.

Tais unidades do léxico se associam à noção de crime, pela menção que o excerto faz do caso de canibalismo ocorrido na Alemanha, alguns anos antes, por meio dos vocábulos “assassinado”, “Armin Meiwes”, “sentenciado à prisão perpétua” e “matar”. Essa esfera de criminalidade é reforçada por diversas lexias que apresentam matizes ou semas negativos, como “mal-estar”, “duras críticas”, “causou polêmica”, “indignação”, “cidadãos furiosos”, “brincadeira de mau gosto” e “nojento”, o que reforça a visão tabuizada que a sociedade (representada por “cidadãos furiosos”, políticos e o vice líder da União Cristã-Democrata de Berlim) e o senso comum têm em relação a tais práticas. Entretanto, a possibilidade de o restaurante não ser uma proposta real parece diminuir a gravidade da situação, elencando-o como uma “brincadeira” (ainda que de mau gosto) ou fruto de “curiosidade”.

Há ainda duas associações que cabem ser analisadas. Toda a questão envolvendo o canibalismo no excerto selecionado se relaciona à “associação de vegetarianos Vebu” que acredita que *Fleisch isst Menschen*, isto é, ao consumir carne animal, consome-se carne humana. Por questão de extensão, selecionamos apenas trechos do texto jornalístico, entretanto, ressalta-se que, em sua versão integral, há algumas explicações para essa visão. Uma delas é que a fome ainda persiste no mundo, pessoas morrem de subnutrição enquanto a maior parte da produção de grãos serve para alimentar animais para posterior consumo humano. Isto é, a Vebu se vale de construções metafóricas para causar os sentimentos negativos expressos no parágrafo anterior, com a finalidade de criticar a sociedade capitalista, que desloca recursos monetários e alimentícios de populações humanas em situações de vulnerabilidade econômico-social para alimentar grandes setores da pecuária.

Essa crítica aparece, de modo análogo, em *Jantar Secreto*, tendo em vista que, nesse romance, são apresentadas diversas reflexões sobre como o consumo de carne humana seria “apenas mais uma carne”, em uma evidente crítica aos processos de exploração animal para consumo humano. Tal associação crítica e metafórica será melhor analisada mais adiante.

Por fim, o último parágrafo chama atenção por apresentar uma visão estereotipada das práticas antropofágicas, isto é, cultural e socialmente institucionalizadas, ao associar o restaurante à “cultura indígena wari”. Essa associação aparece como um estereótipo, não só pela aproximação feita entre um restaurante alemão, o “canibalismo”, e populações indígenas sul-americanas (quando o texto nos lembra de caso de canibalismo recente na própria Alemanha), mas também pelo substantivo “selva” em “selva amazônica”, o que configura os canibais como um outro distante e selvagem. Além disso, o próprio texto explica, ainda que superficialmente, o fator ritualístico da cultura wari em que “comer é um ato espiritual com o qual ganhamos a mente e a força da criatura comida”, o que subverte, de certo modo, a

representação negativa e estereotipada do “canibalismo” e da “antropofagia” (não diferenciados no excerto), ao associar a prática wari a elementos positivos como a “espiritualidade”, a “cultura” e o “ganhar a mente e a força”.

Na sequência, analisamos mais um texto jornalístico, em que se estabelece a associação canibalismo-crime.

Quadro 12. Excerto da Folha de S.Paulo

Dois homens **acusados** de **comer carne humana** foram **libertados** hoje por um **tribunal** do Camboja porque **não há leis** no país contra o **canibalismo**.
Os dois homens trabalhavam num **crematório** e foram **presos** na semana passada por **terem comido dedos dos pés e das mãos dos corpos que estavam cremando**.
"Ordenei à **Polícia Militar** que os **libertasse** porque **não há lei** que possa **enquadrá-los**", disse o **promotor** Nhou Thol por telefone.
O **chefe de polícia** Rath Sreang, da província de Banteay Meanchey, 220 km a nordeste de Phnom Penh, disse que a **denúncia** foi feita por moradores. Eles contaram que os **acusados comiam partes dos corpos** depois que os familiares deixavam o **crematório**.
"Os moradores disseram **temer** que, se não houvesse ninguém para ser cremado, os homens viessem **matar seus filhos para comer**", disse Rath Sreang.
Comer carne humana era comum durante o **regime do Khmer Vermelho**, entre 1975 e 1979, quando aproximadamente 1,7 milhão de pessoas **morreram vítimas de fome**, excesso de trabalho, doenças e **execuções**.

Fonte:

<https://www1.folha.uol.com.br/folha/reuters/ult112u15435.shtml>. [grifos nossos].

Nos cabe evidenciar, neste excerto, publicado na seção Reuters, em 04 de maio de 2002, algumas questões de natureza lexical. Num primeiro momento, a esfera do canibalismo é evidenciada por meio das unidades lexicais e expressões “comer carne humana”, “canibalismo”, “terem comido dedos dos pés e das mãos dos corpos que estavam cremando”, “comiam partes dos corpos” e “para comer”. Tais unidades do léxico associam-se à esfera da criminalidade por meio dos vocábulos “acusados”, “libertados”, “tribunal”, “não há lei”, “presos”, “Polícia Militar”, “libertasse”, “enquadrá-los”, “promotor”, “chefe de polícia”, “denúncia”, “matar” e “execuções”. Assim, tem-se, mais uma vez, a associação canibalismo-crime e, nesse excerto, uma ligação também presente com a esfera da legislação (embora não haja leis específicas) e da justiça, como formas de punição. Como já observado, esse tipo de associação liga-se a elementos negativos, como o medo dos moradores, que afirmam “temer” a morte de seus filhos.

Há, ainda nesse excerto, duas associações que aparecem entrelaçadas e cabem ser debatidas. Uma é o canibalismo por necessidade, que aparece também no romance, inclusive de maneira subversiva, ao apontar uma equidade “moral” entre necessidade nutricional e

necessidade financeira. No texto jornalístico, o canibalismo por necessidade aproxima-se das pessoas que vivenciaram um período de escassez de recursos e “morreram vítimas de fome”; entrelaçada à noção de fome, há outras associações negativas, como “excesso de trabalho, doenças e execuções”. Cabe mencionar que todas essas representações negativas são ativadas no leitor em conjunto com a menção ao regime do Khmer Vermelho, período em que o Camboja foi governado pelo “Partido Comunista da Kampuchea” na segunda metade dos anos 1970. De fato, em nossa pré-análise, encontramos diversos textos jornalísticos que estabelecem relação entre governos de esquerda, especialmente comunistas, e canibalismo; o que se distancia, por exemplo, da crítica ao modo de produção capitalista, estabelecida no romance de Montes. Essa chamativa disparidade ideológica será analisada em mais detalhes em uma sessão futura.

Cabe mencionar que, em *Jantar Secreto*, parte dos corpos usados como matéria-prima para os “jantares” provinha de crematórios, empreendimento funerário da família de Umberto, o que estabelece, ainda que de modo não intencional, uma intertextualidade entre o caso retratado e o que os protagonistas fazem na trama policial.

Procedemos, a seguir, a análise de novos trechos de *Jantar Secreto* em que se evidencia a associação entre “canibalismo” e atos de “(i)moralidade”.

6.2.3 Canibalismo e (i)moralidade

Quadro 13. Excerto de *Jantar Secreto*

Quando voltei à sala, **a coisa disforme** presa aos **ganchos** era vermelha e lembrava **uma perna de boi**. **Não havia ali qualquer traço humano**, apenas uma **massa de carne e osso** erguida, **sem pele nem cabeça**. Enquanto desmontava a estrutura, Cora disse:
 “Acho que vai dar pra aproveitar bastante **coisa**.”
 Concordei sem dizer nada, virei as costas e já caminhava para a porta quando deparei com **a cabeça da mulher** sobre a mesa de centro, bem ao lado da **imagem de Nossa Senhora da Aparecida** que **minha mãe** havia dado de presente anos antes. **Mesmo com as pálpebras cerradas, ela me encarava**.

Diálogo entre Dante e Cora. Fonte: MONTES (2016, p. 121, [grifos nossos]).

Neste excerto de *Jantar Secreto*, a ideia de canibalismo, evocada por lexias e construções como “a coisa disforme”, “ganchos”, “perna de boi”, “traço humano”, “massa de carne e osso”, “sem pele nem cabeça”, “coisa”, “a cabeça da mulher”, “pálpebras cerradas” e “ela me encarava”, é associada a uma noção de moralidade ou sua ausência. O dicionário Houaiss (2009) define o termo “moral” como “conjunto de valores, individuais ou coletivos,

considerados universalmente como norteadores das relações sociais e da conduta dos homens”; e, com rubrica da Filosofia, “cada um dos sistemas variáveis de leis e valores estudados pela ética, caracterizados por organizarem a vida das múltiplas comunidades humanas, diferenciando e definindo comportamentos proscritos, desaconselhados, permitidos ou ideais”.

Nesse sentido, a ideia de moralidade pode ser associada a um conjunto de valores, ou seja, de normas e regras que norteiam e organizam a vida em sociedade e as relações humanas. A palavra “moralidade” tem, no mesmo dicionário, dentre suas acepções a seguinte: “conjunto dos princípios morais, individuais ou coletivos, como a virtude, o bem, a honestidade etc.”, isto é, há uma valoração do que seria positivo (o bem, aquilo que é moral) em contraste a um polo negativo (a falta de moralidade, a imoralidade, o mal). Esse efeito de sentido já havia sido brevemente abordado em Souza e Simão (2020), quando os autores apontam que, antes do primeiro jantar, Miguel funcionava como a voz da razão ao ser o primeiro a refletir sobre o caráter de moralidade de tais práticas, reforçando inclusive o papel de sua ética profissional enquanto médico/funcionário do hospital de onde o primeiro corpo fora subtraído. Diehl e Donnelly (2007, p. 311) refletem também sobre os impedimentos morais acerca da prática do canibalismo. Por exemplo, ao relatarem casos ocorridos nas antigas Repúblicas Soviéticas, relacionando-os a problemas como a fome e o abuso de álcool, os autores apontam que “[...] quando o dano causado pelo álcool é grande o suficiente, e a fome é severa, regras sociais e morais são transgredidas”. Uma dessas regras parece ser o tabu do canibalismo que, embora socialmente condenado, pode ser subvertido em alguns contextos e por certas motivações que se mostram superiores a repressões morais de determinadas sociedades/culturas ou indivíduos.

No trecho em análise, fica evidente a desantropomorfização ou coisificação do humano, bem como a já evidenciada metáfora de que o humano é servido como um animal, uma carne genérica. Além disso, há, no excerto, algumas reflexões de caráter filosófico acerca da (i)moralidade dos atos praticados, ou seja, de como as ações serão julgadas e valoradas pela sociedade. O personagem Dante parece revestido de tais reflexões quando apresenta uma atitude evasiva em relação à cena dos cortes que Cora faz no corpo a ser servido. Isso se evidencia, inicialmente, por meio das lexias presentes na construção “concordei sem dizer nada, virei as costas e já caminhava para a porta”. Isso é, o narrador-personagem prefere calar-se e fugir em vez de encarar a cena, que é entendida como “errada” a partir dos valores e preceitos que circulam na sociedade.

No mesmo sentido, o excerto parece evocar imagens de julgamento acerca do que está sendo praticado, por meio de figuras externas que parecem ter certa influência sobre os pensamentos e ações do rapaz. Isso pode ser percebido em “quando deparei com **a cabeça da**

mulher sobre a mesa de centro, bem ao lado da imagem de **Nossa Senhora da Aparecida** que **minha mãe** havia dado de presente anos antes. Mesmo com as pálpebras cerradas, **ela me encarava**”, em que a imagem de Nossa Senhora parece exercer uma autoridade que evoca a moral cristã e o conceito de bem *versus* mal em que se pode compreender o assassinato e o subsequente canibalismo como uma espécie de pecado. Ainda nessa linha de análise, a figura materna parece evocar os mesmos efeitos de sentido relacionados à moralidade e a certos ensinamentos de valores e conduta, aprendidos no seio da família.

Por fim, a própria mulher morta, mesmo de olhos fechados, parece encarar e julgar Dante e suas ações. O trecho parece deixar em aberto, a partir do pronome anafórico “ela” se é a santa ou a vítima quem olha o rapaz. Ainda que extralinguisticamente entendamos que é mais provável a mulher estar de olhos fechados, o cotexto apresentado parece unir as três figuras femininas, dando-lhes um certo grau de autoridade julgadora. Observa-se, portanto, que no contexto da literatura policial contemporânea, em que a justiça tradicional às vezes não é cumprida como deveria, outros entes podem exercer o papel de julgador. Desse modo, ao se deparar com uma prévia do que seriam os jantares canibais, o narrador prefere evadir-se e transformar o ser humano decapitado em sua sala de estar em algo não humano para esquecer, mesmo que momentaneamente, o julgamento moral que ele mesmo e a sociedade fazem de seus atos.

Cabe mencionar que a cena descrita evoca, ainda que indiretamente, a figura mitológica da Medusa. De fato, esse ser mítico feminino forma, com suas irmãs, a tríade de Górgonas. No romance, parece haver um espelhamento da mitologia, por meio do uso de três figuras julgadoras femininas (mãe, santa, vítima), que representam, simultaneamente, o julgamento mítico, místico e psíquico de Dante. Ainda em paralelo, na mitologia grega, olhar nos olhos da Medusa representava a morte, por meio da petrificação. Já em *Jantar Secreto*, esse uso intertextual é bastante metafórico, tendo em vista que olhar a figura da mulher degolada (o mesmo se deu com Medusa em sua morte, ao ser decapitada por Perseu) parece representar um outro tipo de morte (moral) e também uma certa petrificação, já que o narrador, ao longo da narrativa, parece não saber como (re)agir diante das situações nas quais se envolve com a Equipe Carne de Gaivota.

À continuação apresentamos novo trecho de análise.

Quadro 14. Excerto de *Jantar Secreto*

Meu consumo de **MDMA** e **cocaína** crescia no ritmo dos **jantares secretos**. Era mais fácil **assim**. As horas passavam a jato, eu surfava na **onda** e chegava num **estado letárgico**, como se

a vida fosse **um filme em câmera lenta ou um blecaute completo**. Passei a maior parte do tempo **chapado**, transando com caras cujo rosto e nome não recordo e aceitando tudo o que me ofereciam nos **inferninhos** da Lapa onde me enfiava.

Narração de Dante. Fonte: MONTES (2016, p. 275, [grifos nossos]).

No presente trecho, a esfera do canibalismo é posta em tela por meio do vocábulo “jantares secretos” e liga-se à ideia de (i)moralidade, por meio da construção “era mais fácil assim”. Outra associação já evidenciada é a conexão entre o abuso de drogas e práticas canibais. Mencionamos, inclusive, a existência da droga MDPV, conhecida como a “droga canibal”.

Cabe mencionar que Diehl e Donnelly reconhecem o (ab)uso de álcool e drogas como fator relevante em vários casos de canibalismo, especialmente no caso de Marc Sappington que cometeu atos canibais nos Estados Unidos em 2001, sendo o único assassino em série negro reconhecido naquele país, um caso com fatores pouco comuns que “[...] não era resultado de uma psicose, mas do uso de drogas” (DIEHL; DONNELLY, 2007, p. 307), conforme o promotor público do caso.

No trecho, Dante se entorpece cada vez mais com MDMA e cocaína, como forma de escapar de sua realidade enquanto cúmplice de uma organização criminoso. O jovem busca ficar “em estado letárgico”, como em um “filme”, em um “blecaute”, “chapado”, como forma de distrair sua mente de reflexões morais sobre suas práticas, sendo mais fácil estar submerso nesses lugares de distração, nos “inferninhos”, em meio ao consumo excessivo de drogas, ao sexo casual com desconhecidos e a tudo o que lhe ofereciam. O próprio nome do narrador-personagem parece referir-se ao escritor italiano Dante Alighieri, cuja obra prima *Divina Comédia*, tem “Inferno”²⁷ como título de sua primeira parte, o que reforça o caráter intertextual da obra de Montes.

Cumprir notar que o vocábulo “inferninho”, definido no dicionário Houaiss (2009) como “boate pequena, pouco iluminada, com música barulhenta e ambiente ger. suspeito” é uma lexia bastante representativa ao concentrar em si os efeitos de sentido já evidenciados, como local da distração e diversão (o que contrasta com o “Inferno” de Dante Alighieri), sendo um ambiente que corresponde às expectativas policialescas, pela encenação de mistério, com a baixa luminosidade e o caráter “suspeito”. Além disso, há uma alusão à noção de inferno cristão, lugar de condenação daqueles que agem segundo preceitos não morais, não cristãos, o que reforça a associação já estabelecida de “imoralidade” com “pecado”. Ou seja, ao não

²⁷ Um dos capítulos de *Jantar Secreto*, inclusive, chama-se “O inferno de Dante”.

cumprir com a moralidade socialmente esperada, Dante deve ser conduzido ao inferno, ainda que esse seja um “inferninho” na Lapa.

Agora, procedemos à análise de mais um trecho de *Jantar Secreto*.

Quadro 15. Excerto de *Jantar Secreto*

“Eu **não presto**, a **culpa** é minha”, eu disse, como quem se joga de um abismo. “Ajudei a **matar** sua noiva.”

Arthur ficou congelado. Conforme as palavras saíam da minha boca, ele manteve a expressão seca, fria, com a coluna perfeitamente ereta e os cotovelos sobre a mesa.

“**Desculpa**, cara, **desculpa**... Eu sou **um merda**”, eu dizia de vez em quando, antes de retomar a narrativa do modo mais cronológico que conseguia, com aquela **sopa de letrinhas confusa em minha cabeça**: a dívida do aluguel, o **roubo** do primeiro **corpo** do hospital público, o Bukowski amassado... “**Desculpa**, cara, **desculpa**... Eu sou **um merda**”. Umberto e seus **jantares**, a casa no Jardim Botânico, o cartaz de Ruth, a visita ao **matadouro**, a **morte** de Miguel, a **culpa**, o **arrependimento**, a **morte** de Leitão.

Diálogo entre Dante e Arthur. Fonte: MONTES (2016, p. 333, [grifos nossos]).

No excerto apresentado, a lexia “canibalismo”, embora não esteja presente, é retomada, no contexto do romance, por meio do vocábulo “jantares”, além de lexias como “matar” e “matadouro”. As reflexões sobre os desdobramentos morais das ações aparecem explícitas no cotexto linguístico por meio do arrependimento do narrador e do modo como ele se descreve para o namorado de uma de suas vítimas. Isso se evidencia, no léxico, por meio das unidades “não presto”, “a culpa é minha”, “desculpa”, “sou um merda”, “sopa de letrinhas confusa em minha cabeça” e “arrependimento”.

Assim, ainda que tenha demorado um tempo para que as reflexões morais do personagem culminassem em seu arrependimento; com a “morte”²⁸ de seus amigos, Dante sente o peso da culpa e precisa desculpar-se, isto é, pedir perdão por seus atos, entendidos como “imorais”, ruins, coisas que “um merda” faria. Além disso, efeitos de sentido como a noção de crime presente em “matar” e “roubo”, por exemplo; e a associação de canibalismo com o consumo de animais ou a desantropomorfização do humano se fazem presentes em lexias como “matadouro”.

Na sequência, analisamos mais um trecho do romance, estabelecendo conexões entre a esfera (i)moral do canibalismo e retomando, de modo mais contundente, as esferas da

²⁸ Na verdade, Leitão não morreu, mas fingiu sua própria morte ao lado de Cora, o que os leitores descobrem em trecho futuro, após a prisão de Dante, como já mencionamos.

criminalidade e da loucura, buscando evidenciar como tais representações aparecem entrelaçadas.

Quadro 16. Excerto de *Jantar Secreto*

“Ele ainda tava vivo. Tinha um pessoal por ali, uns pedestres, e eles ajudaram a colocar o cara no banco traseiro do Bukowski pra eu levar pro hospital, mas... Mas ele morreu no caminho. Você tem que acreditar em mim. **Matei** o cara **sem querer!** Olhei nos bolsos dele, mas não tinha carteira, documento, nada, nem um tostão. Era um morador de rua. Foi aí que eu tive a ideia...” [disse Hugo]

“De **fatiar** o sujeito que você **atropelou!**” [disse Dante]

“Ele já estava **morto** e...” Hugo abriu um pequeno sorriso destoante de sua expressão de **transtorno**. “**Um morador de rua é quase como um animal!**”

Eu não acreditava no que havia escutado:

“**Quase como um animal?**”

“Você entendeu... Não vem com **lição de moral**”, ele disse. “Um cara preto, pobre e mendigo é perfeito. Ninguém vai procurar! **Toda comida tem um preço**, Dante.”

Seu rosto tinha secado e o olhar havia se transformado em **outra coisa, parecendo cínico e sem vida. Não havia mais nenhum vestígio do meu amigo ali. Ele tinha passado de vez para o lado de lá.**

“Você é um **assassino**, Hugo”, eu disse.

Diálogo entre Hugo e Dante. Fonte: MONTES (2016, p. 158-159, [grifos nossos]).

Neste excerto, podemos retomar representações acerca do canibalismo, de modo intercruzado, como se fossem tão recorrentemente aproximadas que se tornam quase indissociáveis. A noção de canibalismo, aqui, é retomada, principalmente pelo vocábulo “comida”, que evoca unidades como “morador de rua” e “animal”.

Assim, num primeiro momento, observamos a esfera da “loucura”. Essa representação é ativada no processo de leitura, por meio de lexias como “transtorno”. Dentre as acepções dessa palavra tem-se “qualquer perturbação da saúde” (HOUAISS ELETRÔNICO, 2009), isto é, podemos perceber a perturbação mental do personagem sendo descrita pelo narrador.

Já na esfera do crime, temos vocábulos mais explícitos como “matei”, “fatiar” (que remete a uma forma de vilipêndio), “atropelou”, “morto” e “assassino”. Isto é, há, mais uma vez, as associações já estabelecidas entre o “crime” de “canibalismo” e crimes que o antecedem ou sucedem, especialmente o assassinato e o vilipêndio do cadáver. Cabe reforçar que, embora a legislação de muitos países seja omissa ou pouco precisa em relação a casos de canibalismo, entende-se o conceito de criminalidade, conforme Messa (2002) como o conjunto de práticas que, embora não tipificadas na legislação, são socialmente reprováveis.

Do ponto de vista moral, vocábulos como “sem querer”, e “lição de moral” indicam, por um lado, a constância da reflexão moral por parte dos personagens e, por outro, a necessidade de eximir-se deste tipo de culpabilidade. Esses dois efeitos de sentido aparecem

tão entrelaçados que fazem com que Dante descreva a feição de Hugo e o que sente ao saber da ação de seu amigo de modo impreciso, o que não evidencia se está fazendo um julgamento moral ou de caráter psicológico, sobre a sanidade do colega de apartamento. Isso se mostra, ainda, por meio da desumanização de Hugo em “seu rosto tinha secado e o olhar havia se transformado em **outra coisa**, parecendo **cínico e sem vida**. Não havia mais **nenhum vestígio do meu amigo ali**. Ele tinha **passado de vez para o lado de lá**.” Embora a palavra “cínico” tenha, dentre suas acepções, a de “que ou aquele que afronta ostensivamente as convenções e conveniências morais e sociais” (HOUAISS, 2009), a “outra coisa”, a falta de vida e a passagem para “o lado de lá” parecem revestir-se, também, de um caráter mais psicológico. De todo modo, o caráter humano de Hugo parece ter sido perdido ou corrompido, convertendo-o apenas em um criminoso, um “assassino”, como assevera o narrador na última linha do excerto.

A seguir, investigaremos como a associação canibalismo-(i)moralidade se dá em textos extraídos do jornal “Folha de S.Paulo”.

Quadro 17. Excerto da Folha de S.Paulo

Esses animais –todos eles clones– representam o que há de mais audacioso na pesquisa biomédica moderna e são a prova de que já era tempo de rever um antigo **dogma** da biologia.

[...]

As primeiras reações do público ao nascimento de Dolly foram de **espanto, fascínio, curiosidade** –e, também, **preocupação**.

[...]

Por representar uma **ameaça à espécie**, mesmo que em escala limitada, não é de surpreender que a clonagem humana apresente também **valor moral**. Várias questões humanas que implicam valor biológico implicam também **valor moral** e, muitas vezes, **até religioso** – mesmo que tal valor não tenha sido estabelecido com base no conhecimento biológico. Qual o valor biológico de **condenar** o incesto ou o **canibalismo**? O incesto aumenta a possibilidade de que a descendência gerada acumule grande número de genes deletérios, **ameaçando sua sobrevivência**. **Ingerir sangue humano** pode **causar várias doenças letais**, conforme demonstrou recentemente um grupo do University College, de Londres, ao propor que o **canibalismo** praticado por indivíduos de certa parte da Nova Guiné seja **o grande responsável por uma doença neurológica fatal**, freqüente na região.

Neste livro, veremos os caminhos que levaram ao desenvolvimento da clonagem em organismos superiores e as possíveis aplicações e **consequências** dessa tecnologia, tanto do ponto de vista biológico quanto do **ético e moral**, sobretudo no que diz respeito à clonagem humana.

Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/livrariadafolha/2015/01/1570358-doutora-em-genetica-debate-a-etica-na-clonagem-leia-trecho.shtml>. **[grifos nossos]**.

No presente excerto, publicado na seção Livraria da Folha, em 05 de janeiro de 2015, tem-se a temática do canibalismo por meio de lexias e construções como “canibalismo” e “ingerir sangue humano”. A essa esfera, associam-se uma série de vocábulos que revestem-se de reflexões tanto de caráter biológico (representando um lugar de ciência), como de questões mais voltadas ao pensamento coletivo da humanidade: a ética, a moral e, inclusive, a religião.

São unidades desses campos conceituais: “dogma”, “valor moral”, “até religiosos”, “ético e moral”.

Essas unidades lexicais evidenciam a “preocupação” e, também, o “espanto”, o “fascínio” e a “curiosidade” da humanidade, enquanto pensamento coletivo e socializado, em relação ao desconhecido e ao avanço da ciência e, em alguma medida, da própria espécie. Questões como o canibalismo, o incesto e a clonagem de animais e humanos, além de seu valor biológico configuram-se como “princípios” e “valores” culturalmente compartilhados. Nesse sentido, se faz presente a esfera da moralidade que, como discutimos, encontra-se no plano de valores socialmente partilhados; o plano da ética, isto é, da reflexão filosófica sobre tais valores; e, ainda, o plano da religiosidade, ou seja, de um tipo específico de moralidade, relacionada a princípios “dogmáticos”, isto é, doutrinários e fundamentais para alguma religião e, no caso em tela, sobretudo as cristãs.

A esses vocábulos, associam-se outras unidades e expressões, como “ameaça à espécie”, “condenar”, “ameaçando sua sobrevivência”, “causar várias doenças letais”, “o grande responsável por uma doença neurológica fatal” e “conseqüências”, que potencializam a representação negativa que se tem de práticas como o “canibalismo” e a “clonagem”, figurando-as em uma posição contrária a princípios (sejam biológicos, morais, éticos ou religiosos) e que, por esse motivo, são condenadas a diversas consequências desfavoráveis, como as doenças mencionadas, em uma espécie de punição.

A seguir, prosseguimos nossas análises, com o exame de novo excerto jornalístico.

Quadro 18. Excerto da Folha de S.Paulo

O Brasil era visto inicialmente como o **Jardim do Éden**. Sérgio Buarque de Holanda o definiu como **“uma visão do paraíso”**, no qual as pessoas viviam **inocentemente**, em um clima **perfeito**, cercadas de pássaros **exóticos** e animais **estranhos**.

Américo Vespúcio, em sua famosa carta a Lorenzo di Pierfrancesco de Medici, escrita de Lisboa em 1502, falava de um povo que vivia **sem dinheiro, propriedade ou comércio, em completa liberdade social e moral, sem reis ou religião**.

[...]

Mas o **mito demoníaco**, com seu **medo do atraso e do canibalismo**, não demorou muito a se manifestar. A primeira xilogravura colorida a mão [sic] surgiu em Augsburg em 1505, mostrando homens e mulheres **marrons**, usando **chapéus de penas** e **mastigando braços e pernas humanos, e defumando outras partes de corpos humanos em uma fogueira**, em preparação para um **festim**. A legenda aproveitava o relato de Vespúcio: “Eles lutam uns contra os outros e **devoram uns aos outros...** Vivem por 150 anos. E **não têm governo**”.

[...]

Cabral ficou pouco mais de uma semana. Mas Pero Vaz de Caminha escreveu a Lisboa em 1º de maio de 1500 descrevendo a beleza, a nudez e a **inocência** dos povos indígenas que os portugueses haviam encontrado nas praias de areia branca, e que tanto os havia **chocado e**

deliciado.

Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/kennethmaxwell/1196671-eden-utopia-e-inferno.shtml>. **[grifos nossos]**.

Neste trecho, retirado da coluna de Kenneth Maxwell, publicada pela “Folha de S.Paulo”, em 06 de dezembro de 2012, cabe analisar alguns efeitos de sentido decorrentes das representações acionadas pelas escolhas lexicais. O tema do “canibalismo” se manifesta por meio do léxico, nas expressões “medo do [...] canibalismo”, “mastigando braços e pernas humanos”, “defumando outras partes de corpos humanos em uma fogueira” e “devoraram uns aos outros”. A essa temática, são tecidas reflexões de cunho moralizante, com base em preceitos morais eurocêntricos. Isso se dá pelo uso de unidades do léxico, como “liberdade social e moral”, “sem reis” e “não tem governo”, o que coloca os indígenas brasileiros em uma posição de falta/ausência daquilo que a sociedade da época, especialmente a portuguesa, entendia como “bom” e moral”, colocando-os em posição de “atraso”²⁹, ainda que superficialmente justificado por uma “inocência”.

Aos princípios morais mais genéricos, somam-se imagens associadas ao cristianismo, especialmente ao catolicismo, e ao trabalho de colonização ideológica exercido pela figura dos jesuítas nas Américas. Nessa linha de raciocínio, o Brasil é descrito, inicialmente, como espécie de “Jardim do Éden”, “uma visão do paraíso”, onde vivia-se “inocentemente”, “perfeito”, mas, ao mesmo tempo, “sem religião” e sobre o qual perpassa um “mito demoníaco”, lugar de seres “exóticos” e “estranhos”. Isto é, por melhor que fosse o Brasil do século XVI, em termos de belezas naturais, e por mais inocentes que fossem seus habitantes originários, a falta de moralidade e de religiosidade (ou de determinadas moralidades e religiosidades) parecem motivar, por um lado, as práticas antropofágicas aqui desenvolvidas e, por outro lado, a ação colonizadora portuguesa em terras brasileiras.

Cumprе ressaltar, dessa maneira, que os indígenas brasileiros tinham suas formas próprias de expressar o que chamamos, contemporaneamente, de “moralidade”, “governo” e “religião”. Os ritos antropofágicos se configuravam como parte fundamental de algumas dessas sociedades, como o caso dos tupinambás, por exemplo, mas não eram uma prática comum a todas as múltiplas culturas e etnias que aqui viviam. Algumas delas ainda resistem contra as diversas formas de opressão, embora a visão branca, eurocêntrica e católica da época fazia-lhes pouca ou nenhuma distinção, colocando esses “homens e mulheres marrons” numa mesma

²⁹ Outras associações comuns, como já vimos, e que não figuram explicitamente nesse texto, mas estão implícitas nas noções racistas e hegemônicas de “atraso”/“avanço” da sociedade e na “inocência” indígena, são representações de “incivilidade”, “barbaridade” e “selvageria”, por exemplo.

categoria, representada pelos aspectos negativos já evidenciados, e catalisada pela prática da antropofagia de algumas sociedades indígenas, como sustentação para a opressão.

Nesse sentido, os colonizadores não refletiam, ou ao menos não no excerto selecionado, sobre a (i)moralidade de seus próprios atos, impondo, ao invés disso, seus preceitos de condutas consideradas “boas” ou “más” sobre outras comunidades e culturas. Nessa perspectiva, como já evidenciamos, desde a chegada de Colombo nas Américas e da criação que esse navegador faz da lexia “canibal”, a maior parte das práticas de “canibalismo” e/ou “antropofagia” têm sido descritas de uma perspectiva externa. Ou seja, há um “nós”: europeus, bons, morais, brancos, cristãos, seguidores do rei; *versus* um “eles”: indígenas, maus, imorais, “marrons”, sem religião, sem rei ou governo. Essa perspectiva estereotipada, carregada de exotismo, é evidenciada na imposição moral mencionada. Assim, mesmo a questão das batalhas entre diferentes povos indígenas, o “festim” e o ritual antropofágico, entendidos nessas culturas como práticas virtuosas que possibilitam seu acesso à “terra sem mal” no pós vida (cf. Mussa, 2009), são descritas, na visão do colonizador, de maneira superficial e negativa.

Na sequência evidenciamos outro excerto em que a questão da (i)moralidade se associa diretamente à lexia “canibalismo”.

Quadro 19. Excerto da Folha de S.Paulo

"No artigo '**Comer** cachorro é um **fato antropológico**' (Cotidiano, 14/11), Hélió Schwartzman dá a impressão de que uma prática, quando qualificada como '**fato antropológico**', torna-se, por isso mesmo, **lícita, ética, moral**.

[...]

Essa fase já passou, e hoje os coreanos são apontados como **comedores** de cães e gatos, aos quais **infligem torturas** antes de **matá-los**, para que fiquem encharcados de **adrenalina**. Independentemente disao [sic], **comer qualquer animal é um ato aético; pior ainda se a morte infligida for dolorosa**.

Vou citar ao sr. Schwartzman alguns poucos exemplos de **fatos antropológicos** para o jornalista meditar se isso os torna **lícitos e éticos: canibalismo, escravidão, castração de meninos** --para torná-los cantores de vozes agudas (castrati)--, **espetáculos de arena**, em que leões e outros animais grandes --mantidos famintos-- lutam com gladiadores, **morte na fogueira** --para **punir 'crime' de heresia**-- e **pena de morte**. Felizmente, a humanidade **caiu em si** para terminar com muitos desses fatos antropológicos.

Acho que o sr. Schwartzman entendeu. Portanto, vamos continuar respeitando **o artigo 32 da nossa lei federal 9.605/98, dos crimes ambientais**, que **criminaliza atos de abuso e maus-tratos aos animais (todos eles)**."

Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/secaodecartas/653909-iptu-gasolina-cachorro-battisti-corruptao-guarda-mauro.shtml>. [grifos nossos].

Neste excerto, publicado no jornal “Folha de S.Paulo”, em 18 de novembro de 2011, o comentário enviado por Angela Botelho, para a seção Painel do Leitor nos chama atenção do ponto de vista lexical, já que a temática do canibalismo aparece, explicitamente, por meio da

lexia “canibalismo” e, implicitamente, de modo metafórico, por meio de vocábulos como “comer” e “animais”.

Cabe mencionar que, do ponto de vista da (i)moralidade, o texto, ao opor-se ao pensamento do jornalista Héartsman, discute, a partir da noção de “fato antropológico”, a questão do “relativismo moral/cultural”. Assim, o excerto, ao comparar as práticas canibais com outras ações, como comer cães e gatos, a escravidão e o *castrati*, desconstrói a noção de relativismo cultural em busca de uma moralidade única e universal. Essa reflexão é marcada, ainda do ponto de vista lexical, por várias lexias com semas negativos, como “[não] lícita, ética, moral”, “infligem torturas”, “matá-los”, “aético”, “pior ainda”, “morte infligida”, e “dolorosa”. A universalização da moralidade é explicitada, também, por meio das escolhas lexicais na oração “felizmente, a humanidade caiu em si para terminar com muitos desses fatos antropológicos”, o que indica, de maneira valorada como positiva, que a coletividade humana “avançou” socialmente ao se livrar de certas práticas compreendidas como antiéticas, embora algumas (como a alimentação carnívora) perdurem.

Cabe notar, ainda, que a metáfora estabelecida entre o consumo de carne humana e o consumo de carnes de outros animais (nesse caso, cães e gatos), bem como a menção à esfera da criminalidade, especialmente no final do excerto e mesmo a noção de “crime de heresia” (em que a expressividade do sinal de aspas, no original, sugere que o posicionamento ideológico assumido não confirma tal ato como crime), retomando a noção de moral religiosa, são encontrados em outros excertos jornalísticos e, também, no romance analisado.

A seguir, damos continuidade às análises de excertos de *Jantar Secreto*, evidenciando questões relacionadas à política e à economia, especialmente em relação a regimes “comunistas”, em oposição a regimes “capitalistas”.

6.2.4 Canibalismo como crítica social ou como crítica ao Outro

Quadro 20. Excerto de *Jantar Secreto*

“O **dinheiro** já tá na nossa **conta**. E não quero cancelar. É a primeira **ideia** genial que tenho na vida.” [disse Leitão]
 “**Não somos criminosos nem canibais...** Mas esse **dinheiro quita a dívida**, Miguel”, argumentei [Dante]. “É só encarar essa e, pronto, **estabilidade financeira** outra vez. Nada mais, nada menos. **Não custa tanto**, vai!”
 Miguel deixou os óculos na mesa de centro, recostando a cabeça na almofada e massageando os olhos fechados com os punhos. Quase dava para ver a **fumacinha** saindo de seus cabelos castanhos. Depois de algum tempo, ele propôs:

“E se a gente não fizer o jantar e ficar com o **dinheiro**?”

“Isso também é **crime**...”

“**Um crime menos grave!**”

“Somos **uma empresa séria**”, Leitão protestou, com o **baseado** pendendo da boca.

Diálogo entre Leitão, Dante e Miguel. Fonte: MONTES (2016, p. 74-75, [grifos nossos]).

Neste excerto, retirado do início do romance, a lexia “canibais” associa-se a outras que remetem a uma esfera do “capitalismo” e do “empreendedorismo”. De maneira crítica, a obra justifica a prática criminosa do grupo como uma “ideia genial” que lhes trará “dinheiro” em “conta”, dinheiro que, num primeiro momento, servirá para “quitar a dívida” do aluguel do apartamento em que moram juntos e, posteriormente, lhes permitirá ter “estabilidade financeira”.

A crítica ao sistema de produção vigente, centrado no acúmulo de capital, ainda que isso represente algum tipo de atividade exploratória e/ou desonesta, se manifesta pela constante reflexão dos personagens acerca de seus atos criminosos. Nesse trecho, a associação se dá por meio das lexias e construções “criminosos”, “crime”, “um crime menos grave” e “baseado”³⁰. Isso é, ainda que o ato que planejam seja compreendido em uma lógica criminosa, é algo que “não custa tanto”. A própria lexia “custa” parece estabelecer um contraste entre o custo jurídico ou moral de suas ações com o custo ou lucro financeiro delas.

Essa crítica social se manifesta, também, de modo irônico, minimizando a esfera do crime, pelo uso que o narrador faz da lexia “fumacinha” para indicar o choque moral de seu amigo Miguel e, no final do excerto, quando Leitão, o criador da “ideia genial” dos jantares canibais, indica que eles, ainda antes de realizar o primeiro jantar já são “uma empresa séria”, o que implica que uma empresa com essa característica deve priorizar seu lucro e a satisfação de seus clientes (a classe alta carioca) frente à exploração alheia, inclusive à (i)legalidade e à (i)moralidade de suas práticas.

Cabe reiterar que o romance parte da premissa de que o país vive, à época, uma crise do sistema econômico, com grandes níveis de desemprego e subemprego, e alta nos preços, inclusive no setor imobiliário. Cumpre mencionar, também, que o uso de práticas canibais como forma de enriquecimento já ocorreu fora da ficção, como no famoso caso de Margery Lovett e Sweeney Todd, que na virada do século XVIII para o XIX consumiam e vendiam

³⁰ A naturalidade com que os personagens usam a maconha, aqui representada pela lexia “baseado”, e outras drogas ilícitas, enquanto refletem sobre as reverberações legais e jurídicas de suas ações leva a uma banalização das reflexões, pois os protagonistas pensam em crimes enquanto se envolvem com outros, ainda que o uso de drogas ilícitas não seja tipificado como crime, apenas seu tráfico. Essa naturalização dos crimes envolvendo “canibalismo” e “maconha” foi também explorada em Souza e Simão (2020, p. 15-16).

carne humana em forma de tortas o que, somado ao roubo de pertences e dinheiro de suas vítimas, lhes proporcionou recursos financeiros consideráveis (cf. DIEHL; DONNELLY, 2007).

À continuação, apresentamos o seguinte trecho de análise.

Quadro 21. Excerto de *Jantar Secreto*

“Foi essa mulher que a gente **cozinhou** na última quarta-feira, Umberto. Foi ela!” [disse Dante]
 “**E daí?**” [disse Umberto]
 “Me explica como o **corpo** dessa Ruth veio do **crematório** se o noivo está atrás dela.”
 “Não sei, Dante.”
 “Ela foi pra praia e não voltou! Vocês **mataram** essa mulher? Responde!”
 Umberto soltou **um risinho insuportável**, esgarçando a boca, que sangrava. Estava ofegante. Os fios longos que tentavam esconder a careca tinham sido bagunçados e formavam tufo no alto da cabeça de um jeito **patético**.
 “**O negócio cresceu, não consigo controlar**”, ele [Umberto] disse, como se cuspiasse as palavras. Sua respiração lembrava a de um asmático. “Entramos num **ritmo de produção industrial**, **atuamos em vários nichos**, não só nos **jantares**.”
 “**Vários nichos?** Que merda você tá falando?”

Diálogo entre Dante e Umberto. Fonte: MONTES (2016, p. 235-236, [grifos nossos]).

Neste excerto de *Jantar Secreto*, há um confronto entre Umberto e Dante sobre o desenrolar dos “jantares canibais”. As lexias “cozinhou”, “corpo” e “jantares” resgatam a ideia de canibalismo, no contexto do romance. A essas unidades, somam-se outras como “mataram” que remete à esfera do crime.

Por outro lado, o vocábulo “crematório” se associa à noção de anticapitalismo pois, na obra, esse é o local que fornecerá a matéria-prima dos jantares subsequentes ao primeiro, ou seja, a carne humana a ser servida. É o ponto de partida de um esquema logístico que remete às grandes empresas alimentícias, por exemplo, com uma estruturada cadeia de produção. Há no romance, inclusive, críticas e reflexões acerca do consumo de carne e recursos animais como sendo um modelo antiético de alimentação, como retomaremos em trecho futuro. Nas construções “o negócio cresceu, não consigo controlar”, “ritmo de produção industrial”, “atuamos em vários nichos” e “vários nichos” prevalece a indicação de que com o crescimento do negócio, com produção em larga escala (como acontece em grandes indústrias) e com a diversificação dos produtos e serviços oferecidos além dos jantares (por exemplo venda de órgãos), não é possível controlar, eticamente, o desfecho das ações depreendidas.

Nesse sentido, o reforço da prática de canibalismo como forma de empreendedorismo para servir à elite da cidade do Rio de Janeiro (e de outras cidades com a expansão do

“negócio”) leva à reflexão acerca de outras práticas vigentes na sociedade atual que visam o lucro independente do custo humano.

Novamente valendo-se do recurso do sarcasmo, a obra cria em Umberto (representante de um grande e misterioso empresário, chamado Vladimir³¹) uma figura que antagoniza com as reflexões do narrador, Dante, que, mesmo envolvido com os jantares, resguarda algum nível de consciência moral. Umberto, por outro lado, representa a figura do “capitalista” e, portanto, não pode se preocupar com questões de natureza não pecuniária. O sarcasmo se dá, com a resposta “e daí”, indicando seu total desprezo à situação e em toda a representação negativa que Dante faz de seu oponente no excerto, especialmente em “um risinho insuportável” e “de um jeito patético”.

Na sequência, analisamos o terceiro excerto do romance no tocante à esfera da crítica ao capitalismo.

Quadro 22. Excerto de *Jantar Secreto*

“[...] **Comer carne humana. Saborosa, provocativa, surpreendente. Um must.**” [disse Umberto]

“Você é **louco.**” [disse Dante]

“Pode me chamar do que quiser, mas escuta o que tô dizendo. Claro que **vai ter gente contra**, achando **absurdo**. No início, toda **novidade** é vista **com maus olhos. Célula-tronco, robô, clonagem**. É a luta dos **conservadores contra o progresso**. Mas a gente precisa ser bravo, **investir** no que acredita, Dante. **Comer carne humana é o século XXII.**”

Diálogo entre Umberto e Dante. Fonte: MONTES (2016, p. 166, [grifos nossos]).

Neste trecho da obra, há, novamente, uma crítica ao sistema capitalista, dessa vez associada aos já analisados sentidos relacionados à loucura e à falta de moralidade. Isso se evidencia por meio dos itens lexicais e construções “louco”, “vai ter gente contra”, “absurdo” e “com maus olhos”, que se associam à construção “comer carne humana” que aparece duas vezes no excerto, remetendo à temática do canibalismo.

As noções de capitalismo, aqui, são descritas por Umberto como uma espécie de avanço científico e social. Isso se dá tanto pelo uso do vocábulo “investir”, próprio de sistemas financeiros, como pelo uso de “*must*”, estrangeirismo definido como “uma necessidade ou dever imperativos”; “um item indispensável” (MERRIAM WEBSTER ONLINE, tradução nossa³²). Além desses itens, aparece a lexia “novidade” e as construções “conservadores contra

³¹ O nome desse vilão misterioso parece remeter, como recurso intertextual, a Vlad, o Empalador, figura histórica que inspirou o personagem Drácula, do autor inglês Bram Stoker, um dos vampiros e, portanto, canibais, mais importante da ficção ocidental.

³² No original: “*an imperative need or duty; an indispensable item*”.

o progresso” e “comer carne humana é o século XXII”, em que há uma indicação de que a prática exercida e vendida pelo grupo no romance é inovadora e representa algum tipo de avanço necessário para que o sistema capitalista se mantenha ativo. De fato, em diversos trechos do romance, os personagens, especialmente Umberto, refletem sobre como “comer carne humana” é o “ápice da cadeia alimentar” e do poder econômico.

Novamente, valendo-se de tom sarcástico, o texto equipara a criação e execução dos “jantares canibais” com avanços da ciência e da tecnologia como o uso de “células-tronco”, o desenvolvimento de “robôs”, e processos de “clonagem”. Esse dado sarcástico reforça a crítica ao sistema de produção vigente, tendo em vista que os personagens tecem aproximações que não se sustentam argumentativamente, visto que, diferente dos avanços científicos listados, que podem ter usos na melhora da qualidade de vida humana, os jantares canibais representam, apenas, vantagens individuais aos que consomem a carne “saborosa, provocativa, surpreendente” e aos que lucram monetariamente com os eventos, não representando nenhum avanço ou vantagem coletiva.

Além do caso de Lovett e Todd, já mencionado, Diehl e Donnelly (2007, p. 146) citam casos reais de canibalismo em que a questão financeira é um elemento presente. Ottis Toole e Henry Lee Lucas³³, por exemplo, são descritos, de maneira irônica, marcada como “politicamente correta” como “desfavorecidos economicamente, praticantes de um estilo de vida alternativo” e, de modo mais direto, como “a escória social”. Essa distinção se aproxima da que é tecida em *Jantar Secreto* em que a baixa capacidade econômica dos protagonistas é posta como justificativa, por um lado, enquanto, por outro lado, “é vista com maus olhos” por grande parte da sociedade.

Sobre um aumento observado nos casos de canibalismo, especialmente na Rússia, os autores questionam que “SE A ATUAL onda de canibalismo na Rússia é o resultado do estresse econômico e do colapso social, será que o mesmo tipo de estresse social produz o mesmo fenômeno em outras partes do mundo, ou seria o povo russo particularmente suscetível a devorar uns aos outros?” (DIEHL; DONNELLY, 2007, p. 315, grifos dos autores). Nosso objetivo não é responder a esse questionamento, mas, antes, refletir sobre como tanto em alguns casos reais, como no romance analisado, o fator econômico se mostra presente, ora com a falta de dinheiro servindo de justificativa para a prática do canibalismo, ora com o acúmulo do capital servindo de defesa para a exploração humana.

³³ Individualmente e em conjunto, os dois praticaram diversos crimes, incluindo assassinatos e canibalismo, nos Estados Unidos, entre os anos de 1951 e 1983.

Na sequência, analisamos textos retirados do jornal “Folha de S.Paulo” em que associações entre “canibalismo” e esferas políticas, sociais e econômicas se fazem presentes.

Quadro 23. Excerto da Folha de S.Paulo

Ao ler a **sentença**, a **juíza titular da 1ª Vara do Tribunal do Júri** de Olinda, Maria Segunda Gomes de Lima, disse que o trio "**oferece perigo ao público**" por ter **cometido "antiga e abjeta prática da humanidade"**, o **canibalismo**.

[...]

Além de querer ficar com a filha da vítima, na época com um ano de idade, Jorge, Isabel e Bruna queriam utilizá-la para **um ritual de uma seita** criada por eles, o "**Cartel**", **contrária ao capitalismo e ao superpovoamento da Terra**.

Para eles, era preciso **sacrificar quem tinha mais filhos do que podia criar**. Jéssica **pedia esmolas** com a filha no Recife. Em maio de 2008, eles **mataram** Jéssica com **um corte de faca no pescoço** em **um ritual** que chamaram de "**purificação**".

Depois, o **corpo da vítima foi esquartejado** e eles **comeram os restos mortais** dela. A filha de Jéssica também **comeu a carne da própria mãe**.

Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/11/1548582-trio-acusado-de-canibalismo-e-condenado-por-juri-em-pernambuco.shtml>. [grifos nossos].

Neste excerto escrito por Daniel Carvalho, publicado na seção Cotidiano, em 14 de novembro de 2014, algumas esferas de sentido merecem ser evidenciadas. Primeiro, a noção de “canibalismo” é posta em tela por meio das lexias e construções “antiga e abjeta prática da humanidade”, “canibalismo”, “o corpo da vítima”, “comeram os restos mortais” e “comeu a carne da própria mãe”. A já evidenciada associação canibalismo-criminalidade é retomada por meio de vocábulos e construções como “sentença”, “juíza titular da 1ª Vara do Tribunal do Júri”, “oferece perigo ao público”, “cometido”, “mataram”, “um corte de faca no pescoço” e “corpo da vítima foi esquartejado”.

Além dessa representação, o excerto reitera a associação dos “canibais de Garanhuns” com uma certa espiritualidade, por meio de unidades lexicais em “ritual de uma seita”, “Cartel”, “sacrificar”, “um ritual” e “purificação”. Essa associação se desdobra em uma nova representação, que se aproxima do que foi evidenciado no romance: o anticapitalismo. Por meio de lexias e construções “contrária ao capitalismo e ao superpovoamento da Terra”, e no retrato da desigualdade socioeconômica em “quem tinha mais filhos do que podia criar” e “pedia esmolas”. Tem-se, portanto, efeitos de sentido próximos aos suscitados pelo romance.

Na obra de Montes, indigentes que “pediam esmolas” são retratados como excelente matéria-prima para os jantares canibais, dado o descaso social em que vivem. Há, também, na obra, reflexões sobre o superpovoamento do planeta e sobre pessoas que “morrem de fome”, sendo, sarcasticamente, a prática do canibalismo apresentada como solução para esses males contemporâneos. Curioso notar como tanto no excerto do jornal, como em trechos de *Jantar*

Secreto, a crítica ao capitalismo se dá em contextos em que as vítimas das práticas canibais são pessoas que já são oprimidas pelo sistema de produção vigente, ou seja, que padecem duas vezes, em vida e em morte, o que pode ilustrar como as classes mais baixas não têm espaço algum nesse sistema econômico excludente.

Cabe mencionar, por fim, que Diehl e Donnelly (2007) apontam que as grandes metrópoles contemporâneas, onde vivem grandes quantidades de pessoas sem o devido planejamento para acomodá-las, são espaços propícios para o desenvolvimento de práticas criminosas e violentas, inclusive o canibalismo. Isso significa que, de fato, a superpopulação urbana é um critério a ser levado em consideração ao se estudar essa temática.

A seguir, apresentamos outro trecho do jornal “Folha de S.Paulo” para análise.

Quadro 24. Excerto da Folha de S.Paulo

Gustav Franz Wagner era o **subcomandante** do **campo de concentração de Sobibor**, na Polônia ocupada pelos **nazistas**.

A **prática de canibalismo** no **campo** era comum, pois os **soldados ofertavam restos dos mortos incinerados aos presos**. Eles presenciavam cenas como a de **um bebê metralhado no colo da mãe**, segundo **testemunho** da **sobrevivente** Esther Raab, que compõe o **Memorial do Holocausto**, nos EUA.

Sobre o **nazismo**, o chanceler publicou em 2017 artigo afirmando que é uma **ideologia “de esquerda”**, o que é falso, pois o próprio **Hitler** descartava qualquer simpatia com o que o senso comum entende por **socialismo**.

No texto, o ministro das Relações Exteriores elogia o “sentimento nacional autêntico” do **nazismo** e culpa a **esquerda** por ter “se apagado do **nazismo**”, “colocando sobre o nacionalismo toda a culpa pela catástrofe”.

Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/02/meu-pai-defendeu-estado-de-direito-e-nao-foragido-nazista-escreve-chanceler.shtml>. **[grifos nossos]**.

Nesse trecho de texto jornalístico escrito por Paula Sperb, publicado na seção Mundo, em 16 de fevereiro de 2019, a temática do canibalismo é evocada, no léxico, por meio das construções “prática de canibalismo” e “restos dos mortos incinerados”. Embora o texto não parta de uma crítica ao sistema capitalista, a prática canibal pode ser compreendida em seu contexto econômico e político. Além de casos institucionalizados de antropofagia entre grupos humanos inimigos, que se entrecomecem em ritos de vingança e dominação, Diehl e Donnelly (2007) apontam que casos esporádicos de canibalismo são comuns em períodos de guerra, em diversas épocas e lugares, servindo como forma máxima de insulto ao inimigo derrotado e devorado. No caso noticiado, entretanto, o canibalismo parece servir como uma forma diferente

de demonstração de poder e de humilhação dos inimigos dos nazistas³⁴ na Polônia, tendo em vista que o que se deu foi uma forma de “endocanibalismo”, ou seja, os prisioneiros comiam, forçosamente, os restos mortais de seus semelhantes e não de seus inimigos.

A temática da guerra é suscitada pelo emprego de lexias e construções como: “subcomandante do campo de concentração de Sobibor”, “ocupada”, “nazistas”, “campo”, “soldados”, “presos”, “testemunho”, “sobrevivente”, “Memorial do Holocausto”, “nazismo”, “ideologia de esquerda”, “Hitler”, “socialismo” e “esquerda”. Argumentativamente, a temática do canibalismo e os horrores associados ao cenário descrito, em construções como “um bebê metralhado no colo da mãe”, servem para criar um “choque” no leitor, o que leva à deslegitimação da defesa que o ex Ministro das Relações Exteriores do Brasil faz da decisão de seu pai que, na época da ditadura militar brasileira, não extraditou foragido nazista, ou seja, o canibalismo intensifica a gravidade da ação criticada.

À continuação, apresentamos análise do terceiro texto jornalístico na esfera do canibalismo, associado à política e à economia.

Quadro 25. Excerto da Folha de S.Paulo

No dia 8 de setembro de 1941, os **alemães fecharam o cerco** em torno de **Leningrado**. Mas **Hitler** não pretendia **conquistar** a segunda maior cidade da **Rússia**. Ele queria fazer com que as pessoas em **Leningrado morressem sistematicamente de fome**.

Em seguida, teve início a **luta pela sobrevivência** numa **cidade sitiada**. Logo os moradores começaram a **comer tudo o que podiam**. Eles **cozinham couro, raspavam a cola do papel de parede, caçavam gatos e ratos**. A situação se tornou tão extrema que houve **casos de canibalismo**. Por volta de 1 milhão de pessoas **passaram fome** e congelaram até morrer.

[...]

Durante a **campanha militar alemã** na **Rússia**, **Leningrado** se tornou **um campo de batalha** à parte. Para **o lado alemão**, a cidade era importante especialmente sob o aspecto do **abastecimento de comida**.

Durante a **campanha militar na Rússia**, pretendia-se abastecer toda a **Wehrmacht**³⁵ com **alimentos do próprio país**. De antemão, calculou-se que isso só seria possível se a **população soviética passasse fome**.

[...]

A **política alemã de inanição** foi abrangentemente implementada em dois lugares: em **Leningrado** e no **tratamento de prisioneiros de guerra soviéticos**. Esses são **crimes** que aconteceram sob o comando da **Wehrmacht**.

Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/dw/2014/01/1403388-ha-70-anos-terminava-o-bloqueio-de-leningrado-pelos-alemaes.shtml>. [grifos nossos].

³⁴ Paralelamente, em *Jantar secreto*, num dado momento da narrativa, o narrador se refere a Umberto como “nazista” no trecho em que Dante diz “ótimo, agora a gente tem uma dívida com aquele velho nazista!” (MONTES, 2016, p. 180).

³⁵ Nome dado às forças armadas da Alemanha Nazista, atuante entre os anos de 1935 e 1945.

Neste trecho publicado na seção DW, em 27 de janeiro de 2014, tem-se outro relato que associa a temática do canibalismo, evocada por meio da construção “casos de canibalismo” a esferas políticas, econômicas e sociais. De fato, o tema geral do texto é a tática nazista de sitiá-la cidade de Leningrado, na antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), e levar os moradores desse local à morte por inanição. Assim, a prática do canibalismo, embora no contexto bélico da Segunda Guerra Mundial, parece se associar a casos de canibalismo por necessidade, levados a cabo por conta de uma situação extrema em que tal ato é uma alternativa que permite a sobrevivência de seus praticantes. Essa prática é examinada por Diehl e Donnelly (2007) e também por Fuller (2008) e parece eximir os praticantes de uma “culpa” que perpassa casos de canibalismo entendidos como crime, como o que acontece ao longo da narrativa literária em análise. No excerto, essa associação se dá por meio dos itens lexicais e construções “morressem sistematicamente de fome”, “luta pela sobrevivência”, “comer tudo o que podiam”, “cozinhavam couro”, “raspavam a cola do papel de parede”, “caçavam gatos e ratos”, “a situação se tornou tão extrema”, “passaram fome e congelaram até morrer”, “passasse fome” e “a política alemã de inanição”.

O tema da guerra se faz presente, como no excerto anterior, por meio de vocábulos e construções: “os alemães”, “fecharam o cerco”, “Leningrado”, “Hitler”, “conquistar” “a segunda maior cidade da Rússia”, “cidade sitiada”, “a campanha militar alemã na Rússia”, “um campo de batalha”, “o lado alemão”, “a campanha militar na Rússia”, “Wehrmacht”, “a população soviética” “a política alemã”, “prisioneiros de guerra soviéticos”, “crimes” e “sob o comando da Wehrmacht”. Curioso notar que, distanciando-se do modo irônico e sarcástico que o texto de Montes critica o capitalismo e da forma mais explícita com que a associação do canibalismo com alguma esfera política e/ou econômica se dá em quadros anteriores, nesse excerto, parece haver uma tentativa de distanciamento ideológico entre o fato reportado e diferentes ideologias.

O termo “nazismo”, por exemplo, é usado somente uma vez em todo o texto, apenas no final de toda a exposição, no último período, aqui reproduzido: “dessa forma, trata-se de exemplos claros de crimes da Wehrmacht e não, por exemplo, de outras organizações como a SS [*Schutzstaffel*³⁶, organização paramilitar do partido nazista]”; o nome de Hitler é citado três vezes no texto na íntegra. Por outro lado, termos como “comunista”, “socialista” ou “capitalista” não são utilizados em momento algum, como se o texto projetasse uma “neutralidade” ideológica em que noticia apenas um embate armamentista entre soviéticos e

³⁶ Pode-se traduzir o nome como “Tropa de Proteção”.

alemães. Entretanto, ao menos olhando da perspectiva do canibalismo em Leningrado, forçado pela tática nazista alemã, a neutralidade se desfaz, com uma valoração negativa dessa estratégia militar, o que se evidencia, por exemplo, na sentença “a situação se tornou tão extrema que houve casos de canibalismo”. Dessa forma, em diferentes perspectivas e por diversas motivações, tanto no universo da ficção como em textos jornalísticos, parece haver uma associação entre quem pratica (ou provoca) o canibalismo como se filiando a uma ou outra ideologia econômica e/ou política. Nesse caso, é um regime de direita que se associa a essa prática reprovável, em um embate ideológico e bélico.

À continuação, apresentamos, como forma de sistematização, a última esfera de análise dos dados: o canibalismo como forma de desantropomorfização.

6.2.5 Canibalismo e desantropomorfização

Quadro 26. Excerto de *Jantar Secreto*

“Pra ter a melhor **carne**, tem que fazer **o bicho sangrar** antes que **coagule** tudo.” Cora deitou sobre o lençol e apalpou **as coxas nuas do cadáver**. “Se **o abdômen** estiver verde é porque a **decomposição** já começou. Aí, não tem mais jeito. Faz quanto tempo que **ela tá morta?**”
 “Cinco, seis horas, mais ou menos.”
 “**Ela morreu de quê?**”
 “**Hemorragia interna.**”
 “O **sangue** saiu do **músculo**, pelo menos. **Sangria natural**. Acho que posso ajudar vocês”, ela [Cora] disse.

Diálogo entre Cora e a Equipe Carne de Gaivota³⁷. Fonte: MONTES (2016, p. 115, [grifos nossos]).

Neste trecho, após o roubo do corpo que seria servido no primeiro jantar, os quatro protagonistas do romance e Cora discutem a melhor forma de lidar com o cadáver. Interessante perceber que Cora, a jovem poeta, prostituta e ex-funcionária de um matadouro de animais, estabelece uma relação de similaridade entre seu antigo ofício e a cena que se desenvolve no apartamento em Copacabana.

Essa associação se dá entre as lexias “carne [humana]”, “cadáver” e “ela” que remetem ao consumo de carne humana, o “canibalismo”. Por outro lado, há uma associação entre o que é humano e o que é animal. A própria palavra “cadáver” é definida no Houaiss Eletrônico como

³⁷ Estão na cena Dante, Leitão e Hugo, porém, não fica claro quem responde às perguntas da personagem.

“o corpo morto, inteiro (ou quase inteiro), e não decomposto, de um animal”, especialmente “de um ser humano”.

Nesse sentido, unidades lexicais como “carne”, sem a especificação de que se trata de carne humana e “bicho” levam a uma desumanização do corpo a ser servido. Esse efeito de sentido de “desantropomorfização³⁸” das vítimas leva a uma naturalização da cena em tela. Itens lexicais como “coxas”, “abdômen”, “sangue” e “músculo”, constroem uma ambientação quase desconectada da vida humana perdida, como se se tratassem de partes isoladas, peças em um açougue. Ao mesmo tempo, processos como “sangrar”, ou que o sangue “coagule”, que o cadáver entre em “decomposição”, ou que a mulher tenha passado por uma “hemorragia interna”, uma “sangria natural”, são entendidos como inevitáveis, inerentes, algo que aconteceria com qualquer animal ou bicho morto.

Entretanto, cabe elucidar que, de fato, o que ocorre é uma aproximação parcial entre o consumo de carne humana e o consumo de carne animal e não uma aproximação total, haja vista que em frases como “faz quanto tempo que ela tá morta?” e “ela morreu de quê?” é possível resgatar o caráter humano do cadáver a ser servido.

A seguir, apresentamos mais um trecho a ser analisado na esfera da desantropomorfização.

Quadro 27. Excerto de *Jantar Secreto*

“Desculpa, Cora, mas... **Você não se incomoda nem um pouco de fazer isso com um ser humano?**” [disse Dante]
Ela me encarou com uma expressão de “*What the fuck?*”, enquanto carregava alguns sacos para o canto. **“Deixa de ser besta... A mulher já tava morta. Depois de morto, todo bicho é igual. Você é engraçado, sabia? Se a carne vem naquele pacote, coberto no plástico transparente, você não se importa. Pega, frita e come sem nem pensar de onde veio. Agora fica aí, cheio de mi-mi-mi. Quer saber? A única diferença é que não sou hipócrita como você.”**

Diálogo entre Dante e Cora. Fonte: MONTES (2016, p. 125, [grifos nossos]).

Neste excerto, que se desenvolve pouco após o trecho apresentado no quadro anterior (26), Dante e Cora refletem sobre a moralidade do ato que estão pondo em prática. A temática do canibalismo é retomada por meio das lexias “ser humano”, “mulher” e “carne”. A essa temática, somam-se dois efeitos de sentido interessantes. Por um lado, Dante reflete sobre a moralidade de seus atos, esfera já analisada, e retomada por meio da pergunta “você não se

³⁸ Elevando ainda mais a desantropomorfização, o conto “Comida orgânica”, de Flávio Karras, presente no livro *Indigesto: contos gástricos* (2019) apresenta um mundo em que os animais têm características humanas, como a produção industrial de carne. Nesse sentido, as diferentes espécies de animais criam humanos para o consumo de carne e derivados e discute-se se há alguma forma moral de se produzir carne para o consumo.

incomoda nem um pouco de fazer isso com um ser humano?”, que pressupõe um ato imoral e, por isso, incômodo.

Por outro lado, Cora lança uma expressão de “*what the fuck?*”, o que indica um desprendimento moral que é confirmado lexicalmente na resposta da garota. Na expressão “deixa de ser **besta**”, o vocábulo “besta” implica que Dante não está agindo de forma racional e humana, tendo em vista que essa lexia remete à esfera animal. Desse modo, como as vítimas, Dante é desumanizado, pois o ser humano, racional e poderoso, entenderia a superioridade da espécie frente a outros animais (ou a humanos desantropomorfizados, como na situação em tela).

Nas construções “a mulher já tava morta” e “depois de morto, todo bicho é igual”, pode-se observar a progressão da justificativa para a não imoralidade do canibalismo no romance. Trata-se de um ser humano, no caso uma mulher, mas sem vida, algo “igual” a “todo bicho” consumido diariamente pela população, o que serve, também, como crítica a esse consumo, o que se mostra evidente, ainda, em outros momentos da obra. Essa aproximação “carne humana-carne animal”, inclusive com a forma eufemística “carne de gaivota” em lugar de “carne humana” é complementada na construção “se a carne vem naquele pacote, coberto no plástico transparente, você não se importa. Pega, frita e come sem nem pensar de onde veio”, o que corrobora a crítica de que a humanidade, coletivamente, não reflete sobre sua própria alimentação, especialmente sobre os desdobramentos morais, sociais e ambientais da produção e do consumo de carnes e derivados de animais em larga escala.

Por fim, esse efeito de sentido é ampliado pelo uso do sarcasmo na fala de Cora, que deslegitima a reflexão instaurada por Dante. Além da expressão “deixa de ser besta”, servem a esse propósito as expressões “você é engraçado”, “cheio de mi-mi-mi” e pela última oração do excerto “a única diferença é que não sou hipócrita como você”, que indica que, não havendo diferença moral marcante entre o consumo de carne humana e a alimentação baseada em carne animal, ou deveria-se condenar as duas práticas, ou ambas deveriam ser aceitas como naturais. A diferenciação das práticas é, na visão da personagem, hipocrisia. De fato, o romance inteiro parece servir como uma alegoria para denunciar esse tipo de exploração.

Na sequência, apresentamos o último excerto de *Jantar Secreto* analisado na presente Dissertação.

Quadro 28. Excerto de *Jantar Secreto*

“O Brasil já **exporta muita coisa**, Dante. Carnaval, futebol, caipirinha e mulata. Mulher gostosa, puta.

Está na hora de **exportar gastronomia. Tem gente de sobra no mundo.** A China está **toda fodida** com a **superpopulação.** A **África, a Índia...** Já viu **quanto mendigo tem por aí?** E as favelas? **Parecem formigueiros!** Ainda tem essa cambada que vagabundeia e vive de subsídio do governo. **Bolsa Família, cotas, nem sei mais o quê.** Pega essa gente toda e **fatia. Faz bife. Carpaccio. Pobre à milanesa. Vai revolucionar a cozinha no mundo. E vai dar uma esvaziada boa, uma limpada.**”
[disse Umberto]

Fala de Umberto para Dante. Fonte: MONTES (2016, p. 166-167, [grifos nossos]).

Neste trecho, Umberto faz um discurso no qual a temática do canibalismo se faz presente, por meio de vocábulos e construções como “gastronomia”, “gente”, “fatia”, “bife”, “carpaccio”, “pobre à milanesa” e “cozinha”. A essa temática somam-se efeitos de sentido e representações já evidenciados. A desantropomorfização das vítimas é retomada por meio das lexias “exporta”, “coisa”, “exportar” e “formigueiro”, que colocam as vítimas como objetos ou como animais o que, de algum modo, na lógica interna do romance, justifica os atos dos protagonistas.

A questão da superpopulação, evidenciada como potencializadora de práticas canibais por Diehl e Donnelly (2007), também é representada na narrativa e, nesse trecho, se mostra nos vocábulos e construções “tem gente de sobra no mundo”, “a China está toda fodida com a superpopulação”, “a África, a Índia...” “já viu quanto mendigo tem por aí?”, “e as favelas? Parecem formigueiros!”, “cambada”, “essa gente toda” e “vai dar uma esvaziada boa, uma limpada”, o que indica não só a reflexão acerca da superpopulação mundial e das grandes metrópoles, mas uma visão elitista e eugenista de limpeza do mundo, com a morte e consumo de carne de pessoas pobres, “chineses”, “africanos”, “indianos”, “mendigos”, “favelados”, vistos de forma desumanizada.

A essa visão negativa da superpopulação, soma-se, portanto, a associação entre “canibalismo” e o modo de produção capitalista, criticado em *Jantar Secreto*. Essa associação é marcada, no léxico, nas construções “essa cambada que vagabundeia e vive de subsídio do governo. Bolsa Família, cotas, nem sei mais o quê” e “pobre à milanesa”, o que reforça não só a crítica ao capitalismo vigente e ao classismo da elite brasileira, mas também ao racismo, representação já evidenciada anteriormente (Quadro 8), tendo em vista a permanência histórica da população negra brasileira em favelas e lugares de pobreza, assinalada, também, no excerto, pelo uso do vocábulo “cotas [raciais]”.

Na sequência, analisamos trechos referentes à desumanização, retirados do jornal “Folha de S.Paulo”.

Quadro 29. Excerto da Folha de S.Paulo

[...]

Motivo ambiental, não **gastronômico**: se as **vacas**, com os seus gases, contribuem fortemente para o efeito estufa, o melhor é acabar com elas. E **comer** o que?

Bom, por enquanto, imagino que restem **outras carnes** e algum **peixe**. Mas não é de excluir que, a prazo, **qualquer animal** conheça o mesmo destino que as **vacas**. **Por razões ambientais**, talvez, ou simplesmente porque **os animais têm “direitos”**.

Os **pobres estudantes** estarão **condenados** a uma **dieta vegetariana**, ou então **vegana**, porque as plantas, ao contrário dos **animais**, não são dotadas de **senciência**. Ou são?

[...]

Confesso que todas essas questões ultrapassam a minha humilde cabeça. Um ponto, porém, merece reflexão: se **os animais têm direitos** e se as plantas, igualmente dotadas de uma inteligência qualquer, podem ir pelo mesmo caminho, o que restará nos **nossos pratos**?

Não pretendo **assustar** ninguém. Mas **sem carne, sem peixe e sem saladas**, resta o **canibalismo** como **última solução**.

Se virmos bem, é **ecologicamente sustentável**, porque não será necessário a **exploração e a reprodução de outras espécies**; é **legalmente pacífico**, desde que sigamos o conselho de Montaigne de só **comer os mortos**; e, segundo os últimos estudos, parece que a **carne vermelha**, afinal, não é o problema que se imaginava para a saúde (**dos vivos**).

Quem diria? Sim, quem diria que **comer a vovozinha** não seria um privilégio do Lobo Mau?

Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/joaopereiracoutinho/2019/10/comendo-a-vovozinha.shtml>. **[grifos nossos]**.

Neste excerto, publicado na coluna de João Pereira Coutinho, em 04 de outubro de 2019, algumas esferas de sentido merecem ser evidenciadas, relacionando-as com o que foi observado em *Jantar Secreto*. Num primeiro momento, tem-se a noção de “canibalismo” posta em tela por meio das lexias e construções “canibalismo”, “comer os mortos” e “comer a vovozinha”. A essa temática, somam-se itens lexicais do campo conceitual da gastronomia, por um lado, como “gastronômicos”, “vacas”, “comer”, “outras carnes”, “peixe”, “qualquer animal”, “dieta vegetariana” “[dieta] vegana”, “animais”, “nossos pratos”, “sem carne”, “sem peixe”, “sem salada” e “carne vermelha”; e, por outro lado, argumentos contrários ao consumo de alimentos de origem animal ora com fundamentação ligada à causa ecológica, ora ligada, diretamente, à causa animal, como se vê em “motivo ambiental”, “por razões ambientais”, “os animais têm ‘direitos’”, “ecologicamente sustentável”, “exploração e reprodução de outras espécies” e “legalmente pacífico”.

Assim, tem-se, a princípio, uma aproximação ao modo como a associação “canibalismo-alimentação carnívora” é abordada no romance investigado. Entretanto, se, em *Jantar Secreto*, o argumento sarcástico mobilizado serve como justificativa para as práticas canibais, ao mesmo tempo em que critica-se o consumo de carnes e derivados animais, no texto jornalístico selecionado, o tom sarcástico também é mobilizado, mas como contra-argumento, defendendo, de fato, o consumo de animais e a alimentação carnívora.

Esse efeito se mostra evidente pelos comentários inseridos pelo autor do texto jornalístico. Primeiro, o uso de aspas como recurso estilístico em “os animais têm direitos” mostra que o autor não compactua com essa posição, colocando-a como a voz de outra pessoa, mobilizada no momento da escrita. Essa discordância se evidencia, posteriormente, em “se os animais têm direitos” em que a conjunção “se” indica a dúvida acerca da veracidade da informação relatada. Além disso, em “os pobres estudantes estarão condenados a uma dieta vegetariana, ou então vegana”, tem-se o uso sarcástico e hiperbólico de “pobres estudantes” e “condenados”, tendo em vista que a decisão de o restaurante universitário relatado não servir mais carne em suas dependências não representa uma condenação, termo que remete à esfera da criminalidade e da justiça.

Na sequência, o texto indica “não pretendo assustar ninguém. Mas sem carne, sem peixe e sem saladas, resta o canibalismo como última solução”, em que essa prática é sarcasticamente apresentada como “última solução” para os problemas ambientais e de natureza ética (em relação ao sofrimento animal), mas, como visto, o posicionamento do autor se mantém contrário ao fim do consumo animal. Nesse sentido, o canibalismo, entendido como algo negativo e que assusta, é selecionado como um argumento que ridiculariza a causa em tela. Essa ridicularização é reforçada quando o texto aponta que carne vermelha não faz mal para a saúde “dos vivos”, construção mobilizada por meio de comentários parentéticos e, no final do texto, com alusão a “comer a vovozinha”, além de outros posicionamentos menos explícitos, ao longo de todo o texto.

Desse modo, embora haja uma aproximação entre o consumo de carne humana e de carnes animais tanto no romance, como nessa coluna, tal aproximação se difere no nível do discurso. Em *Jantar Secreto*, prevalece tanto uma argumentação contrária ao consumo animal, como uma defesa do canibalismo, tendo em vista o recurso da desantropomorfização; já no texto jornalístico, a aproximação se dá, sarcasticamente, para causar um afastamento final: se os “direitos” dos animais se tornarem tão importantes, recorreremos ao canibalismo dos corpos de nossas avós.

À continuação, apresentamos o segundo trecho de análise de texto jornalístico na esfera da desantropomorfização.

Quadro 30. Excerto da Folha de S.Paulo

[...]

Em 1975, o filósofo utilitarista australiano Peter Singer publicou um livro chamado “**Animal Liberation**”, que **deixou o mundo de boca aberta**.

Para Singer, “**bicho é gente**” (porque também sente dor). A partir daí, ele encampou toda uma gama

de militantes que gostaria de tornar a **alimentação carnívora um crime como o canibalismo**. Achar que se pode **comer animais** se basearia no **preconceito de que os animais seriam "seres inferiores"**, daí o conceito de "**especismo**" como análogo ao de "**racismo**", o conhecido **preconceito contra certas raças** que foram consideradas inferiores no passado.

[...]

O mundo não sobreviveria a uma praga de pessoas que não usam **sapatos de couro** porque os considera fruto da **opressão capitalista contra os bichinhos inocentes**.

Ainda bem que esta "**seita verde**" tende a passar com a idade, e aqueles que ainda permanecem nessa depois de mais velhos ou são hippies velhos que fazem bijuteria vagabunda em praças vazias (tem coisa mais feia do que um hippie velho?) ou são **pessoas com tantos problemas psicológicos** que esta pequena **mania** adolescente até desaparece no meio do resto de seus sofrimentos com **a vida real**.

[...]

Às vezes me pergunto o que faz uma pessoa **razoável cair num delírio** como esse. Como assim "**não se deve matar nenhuma forma de vida**"?

[...]

A natureza é a maior destruidora de vidas na face da Terra. Ela mata sem pena fracos, pobres e oprimidos. A natureza é a maior "opressora" da face da Terra. E mais: normalmente essa **moçadinha é bem narcisista e muito pouco solidária com gente de carne e osso**.

Se todo mundo defender **o direito da [sic] baratas**, um dia vamos acordar com baratas na boca, nos ouvidos, na xícara do café da manhã. A mesma coisa: **se não comermos os bois e as vacas**, eles vão fazer uma **manifestação** na Paulista **pedindo direito a pastos de graça ("os sem-pastos")** para **garantir a sobrevivência** de seus milhões de **cidadãos bovinos**.

Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/luizfelipeponde/2013/09/1342503-a-etica-das-baratas.shtml>. **[grifos nossos]**.

Neste excerto, retirado da coluna de Luiz Felipe Pondé, publicada em 16 de setembro de 2013, a temática do canibalismo é posta em tela em associação a representações já analisadas. A equiparação canibalismo-crime é evidenciada em “alimentação carnívora um crime como o canibalismo”; a representação da loucura também se faz evidente, não diretamente associada aos canibais, mas aos que defendem os direitos dos animais em “pessoas com tantos problemas psicológicos”, “mania”, “vida real”, “razoável” e “cair num delírio”; também há uma associação entre consumo de carne humana e uma forma de racismo em “preconceito de que os animais seriam seres inferiores”, “especismo”, “racismo”, “preconceito contra certas raças”; a associação entre canibalismo e exploração animal também se manifesta, sarcasticamente, nesse trecho jornalístico em “opressão capitalista contra os bichinhos inocentes”.

Além disso, parece haver uma defesa ideológica do sistema capitalista, por meio de argumento que não se sustenta em “a natureza é a maior destruidora de vidas na face da Terra. Ela mata sem pena fracos, pobres e oprimidos. A natureza é a maior ‘opressora’ da face da Terra”, tendo em vista que, apenas um modelo de organização econômica, política e social excludente, como o capitalismo, pode gerar categorias desiguais, por exemplo os “fracos pobres e oprimidos” referidos no texto. Tais categorias não existem *a priori* na natureza, ou

seja, são fatos sociais. O número de vítimas de desastres naturais seria ínfimo se a sociedade se organizasse de modo igualitário e cessasse a opressão classista e elitista vigente.

O texto, de modo mais direto que o citado no “Quadro 29”, manifesta-se contra a aproximação entre a vida humana e a animal (no caso criticado, haveria uma antropomorfização). Essa esfera de sentido se mostra evidente em “Animal Liberation”, “deixou o mundo de boca aberta”. O argumento em favor da defesa dos animais é desestabilizado por meio de itens lexicais com semas negativos como “o mundo não sobreviveria”, “uma praga de pessoas”, “bichinhos inocentes” e “seita verde”, por exemplo, além da já analisada aproximação desses defensores da causa animal com a esfera da loucura.

Além disso, o distanciamento entre a vida humana e a animal é reforçado no argumento de que a “moçadinha”, vocábulo sarcástico para representar os defensores dos animais, seriam “bem narcisistas” e hipócritas, ao não demonstrar solidariedade por “gente de carne e osso”.

Por fim, no último período, o texto parece mostrar-se contra importantes movimentos sociais, como o MST (Movimento Sem Terra) e o MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto), sarcasticamente criticados como os “sem pasto”, por meio de vocábulos que remetem ao campo conceitual da política como “manifestação”, “direito a pastos de graça”, “os sem-pastos” e na construção “para garantir a sobrevivência de seus milhões de cidadãos bovinos”, o que implica a desmoralização de movimentos sociais, entendidos à esquerda do espectro político, ao mesmo tempo em que parece reconhecer que tais movimentos servem à sobrevivência de milhões de pessoas.

Na sequência, procedemos à análise do último excerto mobilizado na presente Dissertação.

Quadro 31. Excerto da Folha de S.Paulo

[...]

Para os povos primitivos, o tempo dos mitos caracterizava-se pela **convivência harmônica entre homens e animais**. Assim, **matar seres vivos para comer** sempre propôs aos seres humanos **problemas filosóficos**. Adão e Eva só se alimentavam de ervas e frutos. Foi a partir de Noé que **o homem se tornou carnívoro**. Mas **o enriquecimento do regime vegetariano significou canibalismo atenuado**. **A relação do caçador com sua presa era assemelhada a um parentesco ou casamento**. Por isso, em todas as línguas do mundo, há **uma conexão entre comer e copular**. Outros povos julgavam que a quantidade de vida no Universo deve ser sempre a mesma. **Tirar a vida de uma presa significava ter de compensá-la com tempo de sua vida**.

Durante o surto de **epizootia da vaca louca**, doença provocada pela ingestão de farelos de origem animal, Lévi-Strauss recordou-se de duas outras **patologias** semelhantes **advindas de práticas canibalistas**: o **kuru, distúrbio neurológico causado por ingestão de cérebros dos mortos em rituais da Nova Guiné**, e a **doença de Creutzfeldt-Jacob, resultante da administração de extratos de cérebro humano para curar distúrbios do crescimento**. Lembrou-se também das sangrentas guerras religiosas do século 16, quando parisienses viveram de **pão à base de farinha de ossos**.

humanos das catacumbas³⁹.

[...]

O vínculo entre alimentação carnívora e canibalismo tem conotação universal e raízes profundas. Permanecemos **carnívoros** por condicionamentos arquetípicos. Por que é tão atraente **o aroma de carne assando na brasa**? Talvez por recordar a sensação de acolhimento e prazer quando, à época das cavernas, a família primitiva se reunia em torno da **caça** preparada no fogo aceso? No entanto, a ambivalência persiste: quantos não **se sentem mal** ao passar diante da montanha de **carne crua** exposta em **açougues**? Lévi-Strauss associa isso à **repulsa** dos viajantes, à época das grandes descobertas, ao se depararem com **uma refeição canibal**.

Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz1102200509.htm>. **[grifos nossos]**

No excerto apresentado, extraído de texto publicado na seção Opinião, por Gilberto Dupas, em 11 de fevereiro de 2005, tem-se novamente um debate entre a aproximação ou o afastamento entre o consumo de carne humana e a alimentação carnívora. A esfera do canibalismo é mobilizada por meio das unidades lexicais “canibalismo”, “práticas canibalistas”, “kuru”, “ingestão de cérebros dos mortos”, “doença de Creutzfeldt-Jacob”, “extratos de cérebro humano”, “pão à base de farinha de ossos humanos das catacumbas” e “refeição canibal”.

Embora o texto não se manifeste totalmente contra o consumo de carne e derivados animais, há uma discussão de ordem ético-filosófica sobre essa prática, por meio de vocábulos e construções como “convivência harmônica entre homens e animais”, “problemas filosóficos”, “o enriquecimento do regime vegetariano significou canibalismo atenuado”, “a relação do caçador com sua presa era assemelhada a um parentesco ou casamento”, “uma conexão entre comer e copular”, “tirar a vida de uma presa significava ter de compensá-la com tempo de sua vida” e “o vínculo entre alimentação carnívora e canibalismo”.

Nessa perspectiva, o texto reflete sobre o horror do canibalismo, que causava “repulsa” nos viajantes europeus e a mesma repulsa faz muitos “sentirem-se mal”, diante de carne animal crua. No mesmo sentido, o texto aponta aproximações entre patologias associadas ao canibalismo e a “epizootia” da “vaca louca”, pensando, ao que parece, em meios mais seguros ou sustentáveis para que a humanidade continue a se alimentar de carne animal.

Cabe mencionar que, um argumento frequentemente associado veganismo, por exemplo, é a de que muitas doenças, como a vaca louca, a gripe aviária, a gripe suína e a Covid-19, são zoonoses, isto é, têm origem animal, especialmente em criadouros e abatedouros. Com o fim do consumo e da criação em larga escala, tais doenças tenderiam a diminuir ou a erradicar-se.

³⁹ Esse caso ocorrido na França se aproxima de outros, já apontados, de canibalismo por necessidade.

De modos distintos, os textos, apresentados nos quadros 29, 30 e 31, debatem uma associação ou um afastamento entre a alimentação carnívora e a canibal. Ocorre, nesses textos, ora uma desantropomorfização do ser humano, para ser consumido como um animal, de modo análogo ao que ocorre no romance, ainda que essa aproximação se dê, por vezes, de modo irônico ou sarcástico; em outros casos, ocorre uma antropomorfização dos animais, aproximando-os à nossa própria espécie, dotando-os de direitos e arguindo que os consumir é, portanto, praticar certo grau de canibalismo.

Com isso, encerramos nossa sessão de análises e procedemos para nossas considerações finais.

7. Considerações Finais

Este trabalho se propôs a analisar, nos Estudos do Léxico, em abordagem transdisciplinar com outras áreas do conhecimento, os usos da lexia “canibalismo” no romance policialesco contemporâneo *Jantar Secreto*, de Raphael Montes, e em textos jornalísticos extraídos da versão digital do jornal “Folha de S.Paulo”.

Na delimitação teórica de nossa investigação, o primeiro capítulo da presente Dissertação, cujo título foi “QUESTÕES TEÓRICAS EM TORNO DO LÉXICO”, estabeleceu nossa filiação teórica nos Estudos Linguísticos, especificamente na Lexicologia, compreendida como integrante da perspectiva investigativa da Linguística Aplicada. Esse capítulo foi essencial na mobilização de conceitos que sustentaram nosso posicionamento teórico e adiantou parte do que fundamentou nossas análises, especialmente em relação à abordagem que aproxima noções de léxico com a esfera do discurso. Neste primeiro momento, buscamos evidenciar a importância do estudo da *palavra* enquanto unidade linguística reveladora da relação linguagem-sociedade, já com o indicativo de que nossa pesquisa opera nos movimentos da palavra e da sociedade, por meio das discussões acerca do canibalismo contemporâneo.

O segundo capítulo teórico, intitulado “O CONTEXTO E SUAS IMPLICAÇÕES PARA UM ESTUDO DO LÉXICO”, delimitou nosso problema central de pesquisa, o léxico, nas especificações contextuais de seus usos em textos jornalísticos e no âmbito da literatura policialesca. Nesse tipo de literatura, ao mesmo tempo em que há um distanciamento da realidade objetiva, já que se trata de uma realidade ficcional, há aproximações críticas acerca das sociedades atuais. Assim, partimos da conceituação do termo “contexto”, em van Dijk (2012), para compreender nosso *corpus* enquanto contextos discursivos. Nesse capítulo, aproveitamos para apresentar breves considerações acerca do escritor brasileiro Raphael Montes e sua produção literária. Assim, buscamos traçar diferenciações e aproximações entre o texto literário de *Jantar Secreto* e os textos jornalísticos da versão digital da “Folha de S.Paulo”, o que em nossas análises se desdobrou na mobilização de representações e na produção de efeitos de sentido diversos acerca da temática, em que há, por vezes, um embate de sentidos e de ideologias, sendo possível perceber, por exemplo, uma maior visão crítica acerca da sociedade contemporânea, em sua violência e desigualdade, metaforizadas na figura do canibal, como mais presente no texto ficcional, enquanto alguns textos jornalísticos conformam-se ao sistema de produção vigente.

No terceiro e último capítulo teórico, “CANIBALISMO E SUAS REPRESENTAÇÕES”, delimitamos tanto o emprego do termo “representação” (HALL, 2016), enquanto conceito que, em grande medida, guiou nossas análises lexicais, em contexto. Foi nesse capítulo, ainda, que discutimos a noção de “canibalismo”, tema central em *Jantar Secreto*, em diferentes perspectivas científicas, como a História, a Antropologia e a Literatura, para a melhor compreensão da temática, que possibilita usos em que há embates ideológicos de multiplicidade de sentidos evocados pelos empregos da palavra “canibalismo” em nosso *corpus* de análise. Essa parte termina com a ilustração prévia de dados sobre o canibalismo no romance analisado, com dados publicados em Souza e Simão (2020), que foram coletados anteriormente ao desenvolvimento desta Dissertação e já adiantavam algumas questões aqui analisadas, embora fossem insuficientes, dada a análise de poucos excertos, para prever desdobramentos aqui desenvolvidos.

Após a delimitação teórica, passamos ao detalhamento de nossa metodologia de análise, que foi qualitativa e se guiou pelo conceito de semasiologia (Baldinger, 1966), em que nos dispusemos a um olhar detido e contextualizado da unidade lexical “canibalismo” em obra literária e em textos jornalísticos. Essa metodologia, em que se parte de uma lexia e chega-se a diversos efeitos de sentido, nos proporcionou um olhar detalhado acerca do “canibalismo” enquanto fenômeno linguístico e social, que indica, ainda que parcialmente, movimentos contemporâneos na palavra e na sociedade em relação a essa temática tabuizada. Nesse sentido, o fazer linguístico e lexicológico se mostram produtivos para um olhar tanto para a linguagem e o léxico, como para a sociedade, refletindo sobre o que não é nobre, o que é tabu e, mesmo assim, compõe o quadro social contemporâneo, como a violência, a exploração e as desigualdades sociais.

A pré-análise de *Jantar Secreto* nos levou aos excertos selecionados em que nos debruçamos sobre três eixos: *A* - Loucura, Crime e Moralidade, compreendidos como temas centrais do canibalismo na obra de Montes; *B* - Crítica ao sistema capitalista e outras questões de ordem política, em que o canibalismo aparece metaforizado; *C* - Desantropomorfização, no aspecto em que explora-se a questão da desumanização das vítimas consumidas nos jantares, como forma de crítica social. Guardadas suas diferenças, esses eixos também foram identificados no *corpus* jornalístico, como as análises devem ter evidenciado. Outros olhares são possíveis na obra e nos textos retirados da “Folha de S.Paulo”, o que pode levar a diferentes representações e efeitos de sentido, por vezes subversivos, em torno da lexia “canibalismo”.

Reconhecemos, por conseguinte, que outros contextos, sejam outras obras literárias, narrativas cinematográficas, textos científicos, outros textos jornalísticos, menções da palavra

em redes sociais, etc., também parecem instigantes para revelar questões sobre a temática do canibalismo no léxico (ou em outras esferas) que, dado nosso escopo, nos escaparam. O referencial aqui mobilizado e os procedimentos metodológicos podem inspirar esses trabalhos que, ademais do canibalismo, poderiam se ocupar de outras temáticas social e linguisticamente tabuizadas, como o aborto, o incesto, a zoofilia, apenas para nomear alguns.

Nossas discussões dos eixos apresentados nos mostraram que há, na obra ficcional e nos textos jornalísticos, algumas representações constantes acerca da noção de canibalismo que são amplamente difundidas na sociedade. Tais representações associam-se à aquisição social do léxico e são (re)transmitidas ao longo da história, via léxico em uso nos discursos, ou seja, são cristalizadas na língua, por meio dos usos históricos. São representações desse porte, o eixo A, em que a noção do canibal (e de sua prática) como “o louco”, “o criminoso”, o “imoral” associam-se ao que a sociedade capitalista, burguesa, ocidental, compreende como padrão de comportamento, ao menos desde a invasão das Américas e o surgimento do vocábulo “canibal”, cunhado por Cristóvão Colombo.

Tais sentidos cristalizados no léxico representam e estereotipam a visão social que se tem de canibalismo e, como vários excertos apontaram, são, por vezes, entrelaçados, ou seja, o canibal, compreendido como louco, pratica um crime, entendido como ato que atenta contra a moral estabelecida. São sentidos, portanto, que se entrecruzam, se mesclam e, em alguns excertos, pareceram quase indissociáveis de tão próximos e tão frequentemente associados.

Nas análises dos eixos B e C, por sua vez, pudemos acompanhar destabilizações dos usos e sentidos socialmente convencionados em torno da noção (e da palavra) de “canibalismo”. Nesses casos, fatores contextuais e estilísticos mobilizados para causar determinados efeitos de sentido, por vezes inesperados e surpreendentes, nos leitores, levam à retextualização do canibal(ismo). Nesses excertos, identificamos que a noção de canibalismo é posta em tela para criticar a sociedade capitalista, direta ou indiretamente, por meio de menções ao sistema de produção vigente, com a separação da sociedade em classes, a exploração do trabalhador e, também, dos animais e do meio ambiente, além de irônica, sarcástica e metaforicamente apontarem para a desantropomorfização das vítimas servidas nos jantares, ou seja, verifica-se o papel de resignificação por meio da linguagem, bem como a expressão de um olhar crítico sobre a vida social. Esses sentidos são fortemente dependentes do contexto em que aparecem. Isso se evidencia por meio dos vários trechos de *Jantar Secreto* que se opõem ideologicamente a excertos de textos jornalísticos que utilizam unidades lexicais de um mesmo campo associativo, mas com objetivos discursivos díspares, ou seja, evidencia-se o embate de sentidos observado nos usos da unidade “canibalismo”, enquanto tema tabuizado.

Assim, ao nos dispormos a analisar os usos da palavra “canibalismo” e unidades correlatas em textos jornalísticos, contrastados com as ocorrências em *Jantar Secreto*, nosso objetivo geral foi estabelecer as relações entre léxico relativo à temática e os diferentes discursos em que essa lexia pode ser anunciada. Nesse sentido, identificamos que o tema central da obra literária, embora social e linguisticamente tabuizado, é frequentemente utilizado em textos jornalístico, dados os quase mil textos em que a unidade foi encontrada no jornal “Folha de S.Paulo”, apenas entre os anos de 2001 e 2020, sendo também tema recorrente na literatura, nas artes e no cinema, por exemplo. Com as análises, observamos fatores ideológicos que marcam os usos dessa palavra.

Como objetivos específicos, buscamos investigar: representações e estereótipos que moldam a construção de sentidos em torno do campo associativo do “canibalismo”, isto é, dessa lexia e unidades análogas. Foi possível analisar sentidos convencionados enquanto representações e estereótipos (como a loucura, o crime e a imoralidade), que revelam a construção social dos sentidos.

Outro objetivo foi justamente contrastar esses sentidos cristalizados em português brasileiro, ou seja, entendidos enquanto mais estáveis, dada a aquisição social do léxico, com a hipótese de uma possível desestabilização dos sentidos, ocasionada, nos contextos específicos, pela elaboração estilística e outros fatores de ordem contextual. Ou seja, analisamos tanto dados com representações mais estáveis, com usos mais recorrentes; como dados com efeitos de sentido mais inventivos e de uso mais restrito (embora sempre observados em mais de um excerto, para fins de sistematização e replicabilidade). Nesse caso, diferentes ideologias foram identificadas, de modo que consideramos que a mobilização da figura do canibal (negativa e reveladora de alteridade) serve para criticar o *outro*. Assim, retomamos, por exemplo, o modo de produção capitalista e a exploração animal amplamente criticados durante toda a narrativa de Raphael Montes, por meio do sarcasmo com que alguns personagens defendem essas práticas e das situações em que os personagens se encontram. De modo análogo, o capitalismo e o consumo de carne figuram em textos jornalísticos que tematizam o canibalismo, ora de modo crítico, ora defensivo, ilustrando, dessa maneira, embates ideológicos vigentes, em torno da linguagem e de certas práticas sociais.

Desse modo, encerramos a presente Dissertação, apontando que os resultados totais, obtidos por meio da análise dos 31 quadros com excertos retirados de diferentes momentos do romance policialesco *Jantar Secreto* e de textos encontrados na versão eletrônica do jornal “Folha de S.Paulo”, apontaram para a produção de diversos efeitos de sentido acerca da lexia “canibalismo” no decorrer do *corpus* de investigação. Tais efeitos, evidenciam os dados, são

associados a diferentes representações sociais acerca de tal temática e indicam a inventividade estilística em que a mobilização de tema tabu pode levar, inclusive, a críticas de tendência social.

Referências

- ACUSADOS de canibalismo são libertados no Camboja. *Folha de S.Paulo*. Reuters, 2002. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/folha/reuters/ult112u15435.shtml>. Acesso em 25 de setembro de 2021.
- ALMEIDA, Cláudia Maria Pereira. Um enigma indecifrável em um romance não muito policial. In: VIEGAS, Ana Cristina Coutinho; PONTES JR, Geraldo; MARQUES, Jorge Luiz (Orgs.). *Configurações da Narrativa Policial*. Rio de Janeiro: Dialogarts Publicações, 2016, p. 54-70.
- ANDRADE, Emerson David de Lima. *Preconceito literário: a recepção dos livros best sellers e clássicos para novos leitores*. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.
- ANDRADE, Oswald de. Manifesto Antropófago. *Revista Periferia*, v. 3, n. 1, 2011.
- ANTUNES, Irandrê. *Território das palavras: estudo de léxico em sala de aula*. São Paulo: Editora Parábola, 2012.
- AULETE, F., J., C.; VALENTE, A., L., S. *Dicionário Online Caldas Aulete*. Disponível em: <https://aulete.com.br/>. Acesso em 10 de outubro de 2021.
- AUSTIN, John Langshaw. *Quando dizer é fazer*. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. 211p.
- BALDINGER, Kurt. Semasiologia e onomasiologia. *Alfa*, v. 9, p. 7-36, 1966.
- BARRETO, Rodrigo de Sousa. *Medo e violência: representações na literatura policial carioca do século XXI*. 2018. 125 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Brasileiros) – Instituto de Ciências Sociais, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2018.
- BATISTA, Ronaldo de Oliveira. *A palavra e a sentença: estudo introdutório*. São Paulo: Editora Parábola, 2011.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da palavra. *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 2, 1998, p. 81-118.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria Linguística*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BORBA, Francisco da Silva. Léxico e herança social. In: MARCHEZAN, Renata Coelho; CORTINA, Arnaldo. (Org.). *Os fatos da linguagem, esse conjunto heteróclito*. 1a. ed. Araraquara: Cultura Acadêmica Editora, 2006, v. 10, p. 81-96.
- BRADSHAW, Paul. Instantaneidade: Efeito da rede, jornalistas mobile, consumidores ligados e o impacto no consumo, produção e distribuição. In: CANAVILHAS, João (Orgs.). *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*. Covilhã: Livros LabCom, 2014. p. 111-136.

BRASIL. Decreto-Lei 2.848, de 07 de dezembro de 1940. *Código Penal*. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, 31 dez. 1940. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-2848-7-dezembro-1940-412868-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em 31 de outubro de 2021.

CABRAL, Álvaro; NICK, Eva (Org.). *Dicionário técnico de psicologia*. São Paulo: Cultrix, 1979. (eBook).

CANAVILHAS, João (Orgs.). *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*. Covilhã: Livros LabCom, 2014a.

CANAVILHAS, João. Introdução. In: CANAVILHAS, João (Orgs.). *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*. Covilhã: Livros LabCom, 2014b. p. 1-2.

CANAVILHAS, João. Hipertextualidade: Novas arquiteturas noticiosas. In: CANAVILHAS, João (Orgs.). *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*. Covilhã: Livros LabCom, 2014c. p. 3-24.

CANIBAL francês revela como matou e comeu colega de cela. *Folha de S.Paulo*. Mundo. 2010. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2010/06/755914-canibal-frances-revela-como-matou-e-comeu-colega-de-cela.shtml>. Acesso em 23 de maio de 2021.

CARVALHO, Daniel. Delegado conta detalhes de como jovem foi morta por canibais. *Folha de S.Paulo*. Cotidiano. 2014. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/11/1547524-delegado-conta-detalhes-de-como-jovem-foi-morta-por-trio-acusado-de-canibalismo.shtml>. Acesso em 23 de maio de 2021.

CARVALHO, Daniel. Trio acusado de canibalismo é condenado por júri em Pernambuco. *Folha de S.Paulo*. Cotidiano, 2014. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/11/1548582-trio-acusado-de-canibalismo-e-condenado-por-juri-em-pernambuco.shtml>. Acesso em 25 de setembro de 2021.

COISSI, Juliana. Presídio que teve detentos decapitados é disputado por 4 facções no MA. *Folha de S.Paulo*. Cotidiano, 2014. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/01/1400021-presidio-que-teve-detentos-decapitados-e-disputado-por-4-faccoes-no-ma.shtml>. Acesso em 25 de setembro de 2021.

COUTINHO, João Pereira. Comendo a vovozinha. *Folha de S.Paulo*. Colunas e blogs, 2019. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/joaopereiracoutinho/2019/10/comendo-a-vovozinha.shtml>. Acesso em 25 de setembro de 2021.

DERING, Renato de Oliveira. Questões de literatura de massa e crítica literária. *Revista Litteris*, n. 2, v. II, 2013, p. 431-440.

DIEHL, Daniel; DONNELLY, Mark, P. *Devorando o vizinho: uma história do canibalismo*. Tradução de Renato Rezende. São Paulo: Editora Globo, 2007.

DIJK, Teun A. van. *La noticia como discurso: comprensión, estructura y producción de la información*. Traducción de Guillermo Gal. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1990.

DIJK, Teun A. van. *Discurso, notícia e ideologia: estudos na Análise Crítica do Discurso*. Tradução de Zara Pinto Coelho. Porto: Campo das Letras, 2005.

DIJK, T. A. van. *Discurso e Contexto: uma abordagem sociocognitiva*. Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.

DOUTORA em genética debate a ética na clonagem; leia trecho. *Folha de S.Paulo*. Livraria da Folha, 2015. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/livrariadafolha/2015/01/1570358-doutora-em-genetica-debate-a-etica-na-clonagem-leia-trecho.shtml>. Acesso em 25 de setembro de 2021.

DUPAS, Gilberto. Entre carnívoros e canibais. *Folha de S.Paulo*. Opinião, 2013. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz1102200509.htm>. Acesso em 25 de setembro de 2021.

EBLE, Laetícia Jensen. A literatura brasileira e a permanência do cânone na academia. *Observatório Itaú Cultural*, 2014, p. 142-153.

FRANÇA, Júlio; SASSE, Pedro Puro. O Fascínio do Crime: João do Rio e as raízes da literatura policial no Brasil. In: VIEGAS, Ana Cristina Coutinho; PONTES JR, Geraldo; MARQUES, Jorge Luiz (Orgs.). *Configurações da Narrativa Policial*. Rio de Janeiro: Dialogarts Publicações, 2016, p. 70-91.

FOLHA de S.Paulo, 2021. *Institucional*. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/institucional/o_grupo.shtml. Acesso em 18 de janeiro de 2021.

FULLER, Lon L. *O caso dos Exploradores de Cavernas*. Tradução de Ivo de Paula, LL. M. São Paulo: Liv e Ed Universitária de Direito, 2008.

GRICE, H. Paul. Significado. Traducción de Aline Menassé. In: VILLANUEVA, Luis Ml. Valdés (Compilador). *La búsqueda del significado: lecturas de filosofía del lenguaje*. Madrid: Editorial Tecnos, S. A., 2005a, p. 481-490.

GRICE, H. PAUL. Lógica y conversación. Traducción de Juan José Acero. In: VILLANUEVA, Luis Ml. Valdés (Compilador). *La búsqueda del significado: lecturas de filosofía del lenguaje*. Madrid: Editorial Tecnos, S. A., 2005b, p. 520-539.

GUND, Ivana Teixeira Figueiredo. *À mesa com escritores canibais: devoração e literatura*. 2018. 204 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HÁ 70 anos terminava o bloqueio de Leningrado pelos alemães. *Folha de S.Paulo*. 2014. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/dw/2014/01/1403388-ha-70-anos-terminava->

o-bloqueio-de-leningrado-pelos-alemaes.shtml. Acesso em 25 de setembro de 2021.

HENRIQUES, Claudio Cezar. *Léxico e Semântica: estudos produtivos sobre palavra e significação*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018.

HOUAISS. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

IPTU, gasolina, cachorro, Battisti, corrupção, guarda Mauro. *Folha de S.Paulo*. Pánel do leitor, 2009. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/secaodecartas/653909-iptu-gasolina-cachorro-battisti-corrupcao-guarda-mauro.shtml>. Acesso em 25 de setembro de 2021.

JAMES, Phyllis Dorothy. *Segredos do romance policial: história das histórias de detetives*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

JOSEPH-FRANÇOIS Laftau, *Mœurs des Sauvages Américains comparées aux mœurs des premiers temps*, Paris, Saugrain l'aîné et Charles-Etienne Hochereau, 1724, 4 vols., t. IV.

KOBAYASHI, Teresa Cristina Martins. *A violência como protagonista. A tradição noir na narrativa (policial) mineira: leituras de “O cobrador”, de Rubem Fonseca e “O peixinho dourado”, de Braz Chediak*. 2013. 98 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Vale do Rio Verde (UninCor), Três Corações, 2013.

LEIDENS, Alexandre. *Intersecções entre a estética da recepção e o romance policial brasileiro contemporâneo: a elegia do menor pela recepção estética*. 2019. 151 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2019.

LESTRINGANT, Frank. *O Canibal: Grandeza e decadência*. Tradução de Mary Lucy Murray Del Priore. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

LIPPMAN, Walter. Estereótipos. In: STEINBERG, Charles. (Org.) *Meios de Comunicação de Massa*. Tradução de Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1972.

LORENZ, Mirko. Personalização: Análise aos 6 graus. In: CANAVILHAS, João (Orgs.). *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*. Covilhã: Livros LabCom, 2014. p. 137-158.

MARQUES, Jorge Luiz. Um caso em investigação: o gênero policial. In: VIEGAS, Ana Cristina Coutinho; PONTES JR, Geraldo; MARQUES, Jorge Luiz (Orgs.). *Configurações da Narrativa Policial*. Rio de Janeiro: Dialogarts Publicações, 2016, p. 221-228.

MASSI, Fernanda. *O romance policial do século XXI*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

MAXWELL, Kenneth. Éden, utopia e inferno. *Folha de S.Paulo*. Colunas, 2012. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/kennethmaxwell/1196671-eden-utopia-e-inferno.shtml>. Acesso em 25 de setembro de 2021.

MESSA, Fábio de Carvalho. *O gozo estético do crime: dicção homicida na literatura contemporânea*. 2002. 270 f. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Universidade Federal de Santa Catarina, Faculdade de Letras, Florianópolis, 2002.

MUSSA, Alberto. *Meu destino é ser onça*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Uma Linguística Aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (Org.) *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MONTES, Raphael. *Jantar Secreto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

MONTES, Raphael, 2021. *Bio*. Disponível em: <https://www.raphaelmontes.com.br/bio>. Acesso em 26 de janeiro de 2021.

MORAES, Márcia Soman. “Restaurante canibal” que causou mal-estar na Alemanha era campanha pró-vegetarianismo. *Folha de S.Paulo*. Mundo, 2010. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2010/09/792768-restaurante-canibal-que-causou-mal-estar-na-alemanha-era-campanha-pro-vegetarianismo.shtml>. Acesso em 25 de setembro de 2021.

MOREIRA, Raquel Ribeiro. Filosofia da Linguagem: a intencionalidade em Austin e Searle. *Revista Entrelinhas*, São Leopoldo. v. 6, n. 1, 2012.

NUNES, José Horta. Lexicologia e Lexicografia. In: GUIMARÃES, Eduardo; ZOPPI-FONTANA, Mônica. *A palavra e a frase: introdução às Ciências da Linguagem*. São Paulo: Editora Pontes, 2006, p. 147-172.

PALACIOS, Marcos. Memória: Jornalismo, memória e história na era digital. In: CANAVILHAS, João (Orgs.). *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*. Covilhã: Livros LabCom, 2014. p. 89-110.

PAVLIK, John V. Ubiquidade: O 7.o princípio do jornalismo na era digital. In: CANAVILHAS, João (Orgs.). *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*. Covilhã: Livros LabCom, 2014. p. 159-184.

POLGUÈRE, Alain. *Lexicologia e Semântica Lexical: noções fundamentais*. Tradução de Sabrina Pereira de Abreu. São Paulo: Contexto, 2018.

POLÍCIA mexicana confirma que homem comia carne humana. *Folha de S.Paulo*. Mundo. 2007. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2007/10/336951-policia-mexicana-confirma-que-homem-comia-carne-humana.shtml?origin=folha>. Acesso em 23 de maio de 2021.

PONDÉ, Luiz Felipe. A ética das baratas. *Folha de S.Paulo*. Colunas, 2013. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/luizfelipeponde/2013/09/1342503-a-etica-das-baratas.shtml?origin=folha>. Acesso em 25 de setembro de 2021.

POSSENTI, Sírio; Notas sobre a noção de efeito de sentido, 05/1997, Científico Nacional, XLV Seminário do GEL, Vol. 1, pp.722-727, Campinas - UNICAMP, SP, BRASIL, 1997.

PROJETO medicina, 2021. *A Droga que Transforma Pessoas em Zumbis*. Disponível em: <https://projetomedicina.com.br/artigos/a-droga-que-transforma-pessoas-em-zumbis>. Acesso em 23 de maio de 2021.

REIMÃO, Sandra Lúcia. *O que é romance policial*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

ROST, Alejandro. Multimedialidade: Informar para cinco sentidos. In: CANAVILHAS, João (Orgs.). *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*. Covilhã: Livros LabCom, 2014. p. 25-52.

SADE, Aline et Valcour, carta XXXV, “Déterville à Valcour”, ed. Michel Delon des Oeuvres, t. I, Paris, Gallimard, “Pléiade”, 1990, p. 563.

SALAVERRÍA, Ramón. Interatividade: Definições, estudos e tendências. In: CANAVILHAS, João (Orgs.). *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*. Covilhã: Livros LabCom, 2014. p. 53-88.

SILVA, Pedro Puro Sasse da. *Terror e crime na literatura brasileira finissecular*. 2016. 153 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

SIMÃO, Angélica Karim Garcia; DEÂNGELI, Maria Angélica. Representações identitárias sobre língua e tradução: uma questão de estereótipos. In: BRUNO, Fátima Aparecida Teves Cabral; PINHEIRO-CORREA, Paulo; YOKOTA, Rosa. *Cadê o pronome que estava aqui?: homenagem a Neide González*. Campinas-SP: Pontes Editores, 2018.

SOUZA, João Vitor de Paula; SIMÃO, Angélica Karim Garcia. A construção de sentidos da lexia “canibalismo” no romance policialesco contemporâneo *Jantar Secreto*, de Raphael Montes. *Revista Porto das Letras*, v. 06 n. 2, 2020, p. 269-296.

SPERB, Paula. Meu pai defendeu Estado de Direito, e não foragido nazista, escreve chanceler. *Folha de S.Paulo*. Mundo, 2019. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/02/meu-pai-defendeu-estado-de-direito-e-nao-foragido-nazista-escreve-chanceler.shtml>. Acesso em 25 de setembro de 2021.

TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2006.

TORRES, Vicente Francisco. Prólogo. In: TORRES, Vicente Francisco. (Orgs.). *Aqui se faz... aqui se paga?: contos policiais latino-americanos*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012, p. 7-12.

TRASK, Robert Lawrence. *Dicionário de linguagem e linguística*. Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2011.

VIEIRA, Josenia Antunes.; MACEDO, Denise Silva. Conceitos-chave em análise do discurso crítica. In: BATISTA JR., José Ribamar Lopes.; SATO, Denise Tamaê Borges.; MELO, Iran Ferreira de. (Orgs.). *Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas*. São Paulo: Parábola, 2018, p. 48-77.

VILLALVA, Alina.; SILVESTRE, João Paulo. *Introdução ao estudo do léxico: descrição e análise do Português*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.